

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

José Felipe de Lima Alves

**“SEGURA NA MÃO DE DEUS E VAL...”:
Etnografia dos Rituais de Despedida na Cultura Fúnebre
do Crato-CE/Brasil.**

**João Pessoa/PB
2016**

JOSÉ FELIPE DE LIMA ALVES

**“SEGURA NA MÃO DE DEUS E VAI...”:
Etnografia dos Rituais de Despedida na Cultura Fúnebre
do Crato-CE/Brasil.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia, sob a orientação da Profa. Dra. Ednalva Maciel Neves e coorientação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

**João Pessoa/PB
2016**

Catálogo na Publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A474s Alves, José Felipe de Lima.
 “Segura na mão de Deus e vai...”: etnografia dos rituais de
despedida na cultura fúnebre do Crato-CE/Brasil / José Felipe de Lima
Alves. - João Pessoa, 2016.
 105 f. : il.

 Orientadora: Ednalva Maciel Neves.
 Coorientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury.
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

 1. Antropologia. 2. Antropologia da morte. 3. Cultura fúnebre -
Crato. 4. Rituais de despedida. I. Título.

UFPB/BC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAUE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



JOSÉ FELIPE DE LIMA ALVES

“Segura na mão de Deus e vai...”: etnografia dos rituais de despedida da cultura fúnebre do Crato-CE/Brasil.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: Aprovada

Em: 01 de setembro de 2016.

Banca examinadora

maria Patrícia Lopes Goldfarb
Profª. Dra. Patrícia Lopes Goldfarb
(Examinadora Interna)

[Assinatura]
Profª. Dra. Luziana Marques da Fonseca
(Examinadora Externa)

[Assinatura]
Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury
(Co-presidente)

Ednalva Maciel Neves
Profª. Dra. Ednalva Maciel Neves
(Presidente da Banca)

Aos meus pais, fonte inesgotável de amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por possibilitar a realização desse sonho e por iluminar essa jornada, tornando-a mais leve e produtiva.

Não existem palavras para agradecer o apoio que foi dado por minha família. Por sempre acreditarem no meu potencial e na minha vontade de vencer. Agradeço aos meus pais, meus irmãos, cunhados, sobrinhos, tios, primos e avós, por sempre me incentivar a correr atrás dos meus objetivos.

Aos amigos da graduação por torcerem sempre pelo meu sucesso. Não podendo esquecer de Eudivânia, Joice, Ruth e Cicinha que me apoiaram e me deram todas as forças pra que eu pudesse iniciar, permanecer e concluir esse desafio. À Rita (Ninha) e Marthina que me atuaram nos momentos mais difíceis do caminho.

À família Candeia que me acolheu em João Pessoa, como membro de sua família, especialmente a Dona Luzinete que fez o papel de mãe durante esse tempo. À Ruth, Tayane e Hayane que além de colegas, foram amigas e irmãs que conquistei pra toda a vida.

Aos colegas do PPGA por dividirem momentos de aprendizado e de produção de conhecimento científico. Vocês foram super especiais nesse desafio. Agradecer também aos meus professores que conduziram com maestria todas as disciplinas e contribuíram significativamente com a minha carreira acadêmica.

Agradecer especialmente aos meus orientadores Ednalva Neves e Mauro Koury por construírem esse trabalho comigo, me dando apoio, ensinamentos e, sobretudo, por me entenderem nos momentos de dificuldade. Às professoras Patricia Goldfarb, Luciana Chianca e Luziana Marques por darem suporte acadêmico e de orientação para o crescimento da pesquisa.

Às empresas funerárias, hospitais, secretaria de saúde, Igreja Católica, administração dos cemitérios, e a Huberto Cabral por me possibilitarem conhecer, pesquisar e interpretar a cultura fúnebre do Crato. Agradecer ainda aos sujeitos que contribuíram significativamente com a coleta de dados.

RESUMO

O trabalho aborda o tema da cultura fúnebre no contexto urbano da cidade do Crato, localizada na região metropolitana do Cariri Cearense. Nossa intenção é discutir a experiência de campo a partir da ritualística da morte que se realiza no cenário de uma cidade de médio porte. Trata-se de problematizar os processos contemporâneos de convivência com a morte, estabelecido em termos dos lugares de morte, dos encaminhamentos para velório e sepultamento, das diferenças diante da morte, da pessoa do falecido no estabelecimento desta ritualística e do desenvolvimento de uma indústria funerária no contexto urbano já citado. Para tanto, utilizamos a observação participante como metodologia, para o acompanhamento dos procedimentos e rituais realizados. Buscamos compreender os diversos elementos que compõem essa cultura fúnebre levando em consideração todos os aspectos que dizem respeito à morte na cidade. A etnografia tem início pelo acompanhamento dos velórios, que ocorrem nas funerárias da cidade e, a partir daí, seguimos o roteiro até o sepultamento. Percebemos a dinamicidade dos eventos e as mudanças, principalmente na estrutura dos rituais e no tratamento que é dado ao corpo morto. Compreendemos que essas mudanças acompanham a urbanização e integram novas práticas fúnebres. Assim, refletimos sobre como os rituais fúnebres são condicionados por: posições dos indivíduos, condição de ocorrência da morte e mercado da morte, tendo a cidade como um espaço de elaboração de uma cultura fúnebre, pensada a partir segmentação e diferenças sociais existentes.

Palavras-chave: Crato; Cidade e morte; Cultura fúnebre; Etnografia; Antropologia da morte.

ABSTRACT

This study addresses the subject of the death rites in the urban context of the city of Crato, which is located in the metropolitan region of the Cariri in the State of Ceará, Brazil. Our intention is to discuss the countryside experience from the death ceremonial acts that occur in the scenario of a medium-size city. It is focused on discussing the contemporary processes of familiarity with death, which is established by (i) death locations; (ii) the referrals to the funeral homes and burial; (iii) the differences seen before death; (iv) the deceased person in the ritualistic establishment; and (v) the development of the death care industry in the aforementioned urban context. In order to carry this out, the participant observation method was adopted as a data collection method, which enabled the accompanying of the accomplished procedures and rituals. We aimed to understand the various elements that make up such funeral traditions by taking into consideration all of the death-related aspects of the city. The ethnography begins by the following of the memorial services in the funeral homes of the city in question as well as of the burial ritual. We observed a dynamics in the events and its differences, especially in the ritualistic establishments and in the social treatment given to the deceased body. Therefore, we pondered how the funeral traditions are conditioned to: (i) the individual's status, (ii) the cause of death and (iii) the death market, where the city acts as a manufacturing space of a funeral tradition that acts on existing social class segmentation and differences.

Keywords: City of Crato; City and death; Funeral Tradition; Ethnography; Anthropology of death.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Crescimento Populacional. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. P. 19.

Gráfico 02. Causas de Morte no Crato. Fonte: Sistema de Informações da Secretaria Municipal de Saúde. P. 26.

Gráfico 03. Locais de Ocorrência de Morte. Fonte: Sistema de Informações da Secretaria Municipal de Saúde. P. 51.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01. Sala de Velório.

Foto 02. Velório de Dona Aurilene.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CÁP. 01. CONTEXTO DA PESQUISA E CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	18
Crato: Cenário dos acontecimentos	19
Metodologia e trabalho de campo.....	20
Observações e experiências no campo.....	30
Conclusão.....	38
CÁP. 02. MORTE E RITUAIS FÚNEBRES NO CONTEXTO URBANO DO CRATO	43
O Crato e o morrer no Crato hoje	50
Mudanças e permanências nos costumes e no lidar com a morte e seus rituais no Crato	54
Espaços Funerários no Crato e Serviços Realizados	60
O ritual fúnebre.....	62
Os Velórios	66
Conclusão.....	72
CÁP. 03. RITUAIS DE DESPEDIDA: EMOÇÕES, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS	74
Velórios e seus Símbolos - Significados.....	764
Sentimentos e Emoções no Ritual de Despedida.....	76
O cortejo fúnebre	83
Missas de corpo presente	85
O enterro	88
Conclusão.....	89
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	99
Anexo I – Modelo de Declaração	99
Anexo II – Principais Empresas que lidam com salas de Velório no Crato	100
Funerária Vida	100
Funerária Círculo Operário São José	101
Assistência Familiar Anjo da Guarda - AFAGU	102
Cemitérios.....	103
Nossa Senhora da Piedade	103
Cemitério Jardim Anjo da Guarda	103
Anexo III – Folha do Último Desejo	105

INTRODUÇÃO

A Antropologia tem buscado compreender as atitudes do homem diante da morte em suas formas ritualísticas, simbólicas e emocionais. A morte é um fenômeno social que ocorre em todas as sociedades e culturas. É a partir desse fenômeno que pretendo desenvolver essa dissertação, levando em consideração os rituais de despedida projetados pelas relações sociais e pelas experiências coletivas dos indivíduos.

O desenvolvimento da pesquisa antropológica necessita da apropriação de um espaço para o seu desenvolvimento. A cidade do Crato localizada no interior do Ceará foi escolhida como o universo para a realização desse exercício do fazer antropológico.

A escolha do Crato se deve, entre outros elementos possíveis, por ser uma das cidades mais antigas da região, bem como por seu histórico de lutas sociais e seu desenvolvimento religioso, sobretudo o catolicismo. Através desse último elemento, o religioso de base católica, exercitaremos a análise etnográfica das formas de tratamento dos rituais fúnebres locais.

Deste modo, os rituais de despedida católicos são o ponto principal de desenvolvimento dessa dissertação. “O critério religioso é importante para pensar os rituais fúnebres, que no catolicismo não se encerram com o sepultamento, e as crenças na vida pós-morte”. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI *et al*, 2011, p. 1115).

O título da dissertação surge em meio a um dos elementos que compõem a cultura fúnebre cratense: “*Segura na mão de Deus*” é uma música de Nelson Monteiro da Mota cantada nas missas de corpo presente, realizadas nas cerimônias fúnebres de despedida. De acordo com o olhar dos católicos, essa música exerce a função de dar a alma um bom encaminhamento, induzindo-a a seguir o seu caminho pelas *mãos de Deus*.

O canto tem por objetivo estabelecer a ligação dos crentes católicos a Deus. A letra quando diz: *Segura na mão de Deus e vai*, representa uma ligação da alma, no momento de separação e da partida, com a sua vida ‘eterna’ futura, de acordo com os ditames da crença católica.

A música ainda pode ser vista como uma forma de dar conforto para os familiares que se despedem dos seus. A etnografia dos rituais de despedida católicos, aqui realizada, assim, tem como foco principal os processos de desagregação, separação e despedida dos indivíduos com seus entes queridos.

A complexidade do tema e a sensibilidade ao fenômeno, através das experiências no campo, detiveram o nosso olhar de observador e a nossa sensibilidade no trato do objeto estudado: nos fez ficar afetados, segundo Favret-Saada (2005) que atenta sobre essa possibilidade por parte do pesquisador. A maneira como tenho sido “*afetado*” por este tema, posso afirmar aqui, vem de muito longe, bem anterior ao desenvolvimento deste estudo. Faz parte da minha socialização na cidade de Campos Sales¹, no interior do Estado do Ceará.

Nesta cidade, sempre estive a par dos eventos considerados *corriqueiros* pelos indivíduos que a integram, isto é, os seus habitantes. Minha participação se dava, na maioria das vezes, quando o falecido era da minha família, de alguma pessoa amiga ou, mesmo, movido pela curiosidade de ver o morto, que às vezes nem conhecia.

Morando em uma cidade pequena situada ao sul do Ceará, sempre observei que os velórios acontecem na casa das pessoas, a sua organização ficando por conta da empresa funerária e com o auxílio de alguns familiares. No caso dos familiares, são os considerados “*mais fortes*”, os designados ou que se autodesignam para o tratamento da burocracia da morte. Ou seja, são os que tomam para si os encargos diante da morte e que ficam responsáveis pela parte “burocrática” do ritual.

Eu, sempre que podia, participava desse momento e observava o sentimento de tristeza que as pessoas demonstravam no velório, e sempre estava ao lado do caixão quando ele ia ser fechado. Contudo, quando podia, e, principalmente, quando o funeral era de uma pessoa mais próxima, eu acompanhava até a cova ou túmulo onde o defunto seria enterrado.

Vale informar, aqui, que o momento do fechamento do caixão anuncia a saída do cortejo para o destino final do morto, no cemitério. Nesse momento, os familiares expressam, de forma mais intensa a sua dor, sempre com muito choro e lamentos de despedida.

A partir do entendimento de que a cultura é dinâmica e de que a tradição se reinventa, fui observando outros comportamentos nos velórios que chegava a ir. Desses muitos, três velórios não saem da minha mente.

O primeiro foi de um policial que era meu vizinho. O cortejo foi comandado pela polícia militar da cidade, o caixão seguiu levado em uma das viaturas, e o corpo foi velado no Batalhão Policial e depois levado ao cemitério. No momento em que o caixão ia sendo transportado para o túmulo, os policiais formaram um corredor para o corpo passar, e, quando foi depositado na gaveta, todos atiraram com suas armas, para cima.

¹ Campos Sales é uma cidade com 26.506 habitantes, considerada uma cidade de pequeno porte, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) que classifica as cidades com menos de 100.000 habitantes dessa forma.

O segundo foi o de um artista plástico, que também era do meu bairro. A sua família atendendo a um “*desejo*” do falecido, ou seja, a um pedido que ele havia feito ainda em vida, colocou a banda de música municipal à frente do cortejo pelas ruas da cidade.

O terceiro velório que muito me marcou foi o de uma pessoa da minha família. Quando já estava varando a madrugada, simplesmente, o genro do falecido começou a oferecer bebida alcoólica aos presentes, servindo *uísque* e *cachaça* para alguns. Essas atitudes eram um pouco estranhas para mim, e do meu olhar de menino, pois pensava que nos velórios só se devia chorar e lastimar. Mas, qual o quê, o velório de repente parecia uma festa: todos bebendo e conversando alto, alguns rindo, outros se abraçando. Que desrespeito, eu pensei e isso me chocou! Os demais sepultamentos provocaram meu estranhamento pelo fato de que não era comum presenciar esses fatos ou atitudes diante das cerimônias, especialmente nos enterros. A presença de bandas nos cortejos era algo diferente para mim, assim como a preparação do ritual por parte dos policiais no primeiro caso narrado.

Sobre esse terceiro episódio, é importante frisar, que as pessoas que vão aos velórios não se veem com frequência, o que faz com que a cerimônia se torne em um momento de sociabilidade permeado por conversas e por recordações familiares, especialmente sobre a vida do morto. Nesses momentos, principalmente nas cerimônias que são realizadas na casa do morto, são oferecidas comidas e bebidas para os presentes, não como uma forma de desrespeito à cerimônia, mas sim, como uma atitude de cortesia aos que participam da despedida do falecido.

Esses três episódios servem, aqui, para demonstrar o meu interesse na morte e seus rituais desde a mais tenra idade. No ano de 2010, eu me mudo de Campos Sales e começo a morar no centro da região do Cariri, inicialmente em Juazeiro do Norte e depois na cidade do Crato.

Ao sair de uma cidade pequena do interior e vivenciar um novo contexto, tendo em vista que estas cidades são bem maiores do que a minha, fui percebendo que as atitudes frente à morte podiam ser diferentes daquelas por mim vivenciadas e do meu lugar. O velório despontava, na minha percepção de então, como um evento que estava sofrendo modificações.

Nada parecia acontecer como antes, a sua organização parecia sofrer mutações. Mas, só fui perceber que os fenômenos mudam e acompanham o tempo, quando entrei no Curso de Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri. Ao partir da perspectiva de uma ciência que estuda a cultura e a sociedade, comecei a compreender os fenômenos, os próprios acontecimentos do mundo como sendo algo dinâmico. As novidades que eu presenciava ganharam

sentido: elas eram fatos sociais totais, no dizer de Mauss (1974), que surgem da dinâmica dos homens, mudam e se ressignificam.

No decorrer do tempo elas [as novidades] se reinventam, não ficam congeladas. Os fenômenos da vida social e cultural, assim, são passíveis de alteração, uma vez que o mundo é construído por pessoas que se relacionam em diferentes contextos e que transformam o pensamento e o modo de agir pessoal e da cultura e da sociedade em que vivem.

As diferenças entre cidades em que vivi, assim, se tornaram reais, com a minha permanência no Centro da Região do Cariri, pois, antes, morava no Oeste desta região. Os funerais, no Cariri Central, não acontecem somente na casa da pessoa que morre, as empresas funerárias dispõem de centros de velórios onde as pessoas podem velar os seus entes. Os indivíduos definem seus rituais, criam formas para sua realização e fazem isso de formas diferentes. De acordo com Peirano (2003), os rituais são acontecimentos ou eventos considerados como especiais e únicos.

Sabemos que o ritual é um fenômeno da sociedade “que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO, 2003, p. 10). Dessa forma, a realização do ritual fúnebre é a comunicação das atitudes do homem diante da morte, expandido as relações estabelecidas no interior da sociedade para os rituais que realizam. “Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais” (PEIRANO, 2003, p. 07). Os rituais de despedida dos entes queridos marcam um momento de separação entre os indivíduos e promovem um ordenamento nas relações sociais que foram desestabilizadas pelo fenômeno da morte.

Atualmente, em sua maior parte, os velórios são realizados em Centros específicos para tal fim, a ponto de tais momentos de sociabilidade se tornarem ameaçados e em processo de extinção. A ameaça é a este modelo de sociabilidade, mas certamente outra está em curso, e se deve a mudanças mais gerais: o individualismo, e o contexto mais urbanizado. As comidas e bebidas, por exemplo, são pouco vistas, limitando-se apenas ao cafezinho, chá e biscoitos. O que ainda permanece nos Centros de Velórios é o momento de reencontro e de conversas sobre o morto, onde todos transformam o velar do mesmo em um momento de sociabilidade, entendido no contexto da pesquisa realizada.

Frente a isso, decidi realizar um estudo sobre o fenômeno dos rituais da morte e do morrer, enquanto fenômeno social, tendo como universo o contexto complexo da Região Central do Cariri Cearense. O primeiro momento da pesquisa, onde iniciei de forma sistemática o

contato com o trabalho de campo, teve início já na minha graduação em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

Este primeiro contato com o universo de pesquisa aqui retratado, assim, resultou na escrita do meu trabalho monográfico intitulado: *Entre o Choro, o Riso e os Ornamentos da morte: a sociabilidade nos rituais fúnebres* (ALVES, 2013). A pesquisa atual tem por objetivo a dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, aprofundando o primeiro olhar científico esboçado na minha monografia sobre o fenômeno da morte.

Dessa forma, é minha intenção refletir sobre a cultura fúnebre na região central do Cariri, tendo o Crato como universo de nosso olhar etnográfico, e todos os elementos que constituem os rituais fúnebres de despedida locais, bem como o tratamento que é dado ao corpo morto, o percurso do mesmo ou cortejo, - seguindo do momento da morte ao sepultamento. Objetiva-se também compreender como os indivíduos que os vivenciam, no universo estudado, se organizam nos rituais de despedida.

Esses elementos constituem o que nós chamamos de cultura fúnebre local, construída cotidianamente pelos indivíduos que realizam as suas práticas, que, por sua vez, constituem o sistema simbólico da morte na região central do Cariri, aqui estudada. O objetivo central desse trabalho, portanto, é analisar os rituais de despedida que integram a cultura fúnebre da cidade do Crato no estado do Ceará, ou seja, compreender as formas de tratamento do morto e com a morte e o morrer, e como as pessoas se organizam diante desse fenômeno e de suas cerimônias.

Compreender esses elementos a partir da interpretação é reafirmar a definição de cultura como texto tenso e denso, construído como uma teia de significados, como nos ensinou Geertz (1989). Texto interpretado e apresentado pelo pesquisador com o objetivo de refletir sobre a cultura de um povo, - no caso estudado aqui, especificamente, a cultura fúnebre da cidade do Crato. Tradição que projeta a imagem construída pelos indivíduos em suas interações sociais como objetificações sociais e são por eles também remontados em um movimento constante de reconfiguração, permitindo a comunicação e o fluxo comunicativo do conjunto de ideias e do sistema simbólico em que eles estão inseridos e que vivenciam no cotidiano. Aqui, especificamente, no que se diz respeito ao fenômeno social e cultural da morte, pois “o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica [...] constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios.” (PEIRANO, 2003, p. 11). É nesse

sentido, destarte, que compreendemos os rituais de despedida: como um sistema de comunicação a ser lido em sua densidade e tensão nas teias de significação elaboradas, em forma de um texto em fluxo e em montagem permanente.

Pretendemos então, nessa pesquisa, estudar, refletir e compreender a cultura fúnebre do ponto de vista dos rituais. Os ritos funerários são concebidos a partir do esquema clássico, que compreende os ritos de passagem em três momentos: a *separação*, onde acontece o trabalho simbólico de desligamento do morto dos domínios dos vivos; a *liminaridade* em que o morto empreende sua viagem, em que nem bem deixou este mundo, nem bem passou a pertencer ao outro, isto é, o momento do velório; e a *reintegração*, momento final em que o morto é considerado como tendo atingido o reino dos mortos e como estando em seu lugar, e quando os sobreviventes retornam à vida normal e o grupo se restabelece (TURNER, 1974).

Tomo, como já especificado, como lócus empírico de pesquisa, e universo onde se situa minha etnografia, a cidade do Crato, na região central do Cariri, Ceará. A escolha desse local se deve por ela apresentar recursos logísticos da “morte moderna”², ao mesmo tempo em que permanecem “práticas tradicionais”³. O Crato é uma cidade localizada na região central do Cariri no Ceará, no nordeste do Brasil. Sua população conta, hoje, com 121.428 habitantes.

O Crato é uma cidade de médio porte, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), na sua classificação de tamanhos de cidade⁴. Interpretar os rituais de despedida em uma cidade de médio porte nos faz perceber uma multiplicidade de questões não vivenciadas em cidades menores. Levamos ainda em consideração os elementos socioculturais do fenômeno no meio urbano. Dessa forma, a morte na cidade do Crato, especificamente na zona urbana, é instituída a partir do contexto histórico-social dessa sociedade.

²O conjunto de representações e ritos sobre os processos de morte e vida foram estudados por Philippe Áries (2003), dando destaque às etapas sucessivas no sentido atribuído à morte no Ocidente, isto é, a partir da Europa, em quatro épocas distintas: 1. Na primeira Idade Média, a morte aceita – corpos enterrados juntos; 2. A partir do século XII, a previsão da morte de si mesmo e a morte do outro é dramatizada e exacerbada em sepulturas individualizadas; 3. A partir de meados do século XVIII a morte toma sentido de ruptura, indesejável e macabra, ritos e manifestações de choro, surgindo os cultos dos túmulos individuais ou familiares, a sepultura como propriedade particular e a peregrinação aos cemitérios; e, finalmente, 4. a época atual, onde a civilização urbana e industrial intervindo nas atitudes funerárias torna a morte vergonhosa, proibida, oculta, um tabu. As tendências de concepção da morte na sociedade contemporânea desprezariam no indivíduo o aspecto de individualidade como uma “entidade espiritual” e destacariam a individualidade identificada como corpo biológico. Atualmente, no Crato, as pessoas entregam seus doentes para cuidados hospitalares, e já não sabem, em grande parte, lidar com a morte. Muitos possuem planos de assistência funeral para cuidarem do processo ritual e utilizam o velório como momento de sociabilidade. Sendo boa parte deles realizados em Centro de Velórios.

³ Em alguns casos os velórios são realizados na casa do próprio falecido, práticas que se remetem ao período de colonização. Onde se praticam e utilizam um conjunto de práticas religiosas específicas, quando o defunto é católico. Nos velórios o choro expressado como sentimento de tristeza e, em alguns casos, o luto, como momento de sentir a dor da perda.

⁴De acordo com esta classificação, as cidades acima de 100.000 habitantes são consideradas de médio porte.

Para compreender a singularidade da cultura local e seus processos frente à morte fez-se uma pesquisa de campo. Tal pesquisa é, segundo Peirano (1992, p. 04), o procedimento básico da antropologia há mais de séculos, que disponibiliza instrumentos para pensar a experiência local sobre a organização de modos e estilos de vida. No caso desta etnografia, a experiência social e cultural local com a morte em sua forma múltipla e complexa.

A pesquisa de campo, para esse trabalho de dissertação, foi realizada durante seis meses. No processo de trabalho de campo pude acompanhar as cerimônias e os rituais de despedida, bem como ter acesso aos locais e instituições que lidam com a morte na cidade do Crato.

Este trabalho, por fim, se encontra desenvolvido em três capítulos e uma conclusão, com o fechamento analítico dos dados. O primeiro capítulo, intitulado: *Contexto da Pesquisa e Construção Metodológica* apresenta o contexto e o cenário onde se exercita o fazer antropológico, a metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho de campo, bem como a trajetória e o percurso utilizado na coleta de dados. Leva em consideração todos os procedimentos adotados, as dificuldades e a construção da pesquisa.

O segundo capítulo, *Morte e Rituais Fúnebres no Contexto Urbano do Crato*, por sua vez, faz uma reflexão sobre a morte e os rituais fúnebres, sobretudo, os rituais de despedida do ponto de vista da Antropologia Urbana, tendo como cenário a cidade do Crato. Traz, ainda, uma apresentação da estrutura funerária da cidade, onde as práticas e representações sobre a morte são mobilizadas, realizadas e configuradas.

No terceiro capítulo: *Rituais de Despedida: Emoções, Símbolos e Significados*, por fim, serão analisados os rituais de despedida e os seus aspectos culturais. No seu decorrer se trabalha analiticamente com o tratamento dado pelo ritual fúnebre ao corpo morto, bem como, sobre a forma como os rituais são realizados diante da morte. Passará em revista, também, a expressão dos sentimentos, a simbologia construída em seu torno e seus significados.

CAP. 01. CONTEXTO DA PESQUISA E CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

O exercício e a prática do fazer antropológico concentram-se no estudo do Outro. A Antropologia desde a sua consolidação enquanto ciência e como campo de construção do conhecimento direcionou suas pesquisas para entendimento e compreensão desse “outro”. No início, tinha interesse no estudo de povos distantes e sociedades primitivas. No caso dessa pesquisa, o “outro” é familiar, uma vez que o estudo é realizado no contexto em que estou inserido, é um “outro” próximo, familiar.

O fluxo constante do tempo e a constante reformulação do saber foram responsáveis pela descoberta de que o “outro” se encontra lado a lado com o pesquisador. O estudo da nossa própria sociedade passa a ser um dos interesses dessa ciência. O interesse pelo estudo e compreensão do que nos é familiar (VELHO, 1980) tornou-se crescente na constituição do saber antropológico.

Diversas e novas temáticas passaram a integrar as pesquisas dos antropólogos, sobretudo os fenômenos que fazem parte do cotidiano das cidades e dos aglomerados urbanos. É importante frisar que as pesquisas realizadas no meio familiar das cidades brasileiras pelo antropólogo Gilberto Velho (1979), em sua obra, por exemplo, *A Utopia Urbana*, buscaram compreender a dinâmica das relações que permeiam o meio urbano a partir das relações de vizinhança. Reforçando esta preocupação, a orientação deste trabalho é de que “a cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores [...] em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos” (MAGNANI, 2009, p. 132).

A minha pesquisa se constitui em um esforço de dar continuidade ao estudo dos fenômenos no urbano contemporâneo a partir da observação de como os indivíduos se organizam diante da morte e realizam suas cerimônias de despedida em uma cidade de porte médio, o Crato, na região central do Cariri cearense. Para uma compreensão geral da pesquisa, se faz necessário conhecer o contexto onde ela se realiza e a construção metodológica pela qual ela foi constituída.

Crato: Cenário dos acontecimentos

A construção da pesquisa antropológica tem por base o trabalho de campo para a compreensão e análise do objeto estudado. Este item será dedicado à apresentação do cenário onde a pesquisa transcorreu. Dessa forma, nele será realizado um breve balanço sobre a história da cidade, sua economia, sua cultura e tudo o que integra o seu cotidiano. Com isso o leitor entenderá a singularidade deste contexto citadino, em termos de suas características histórica, social e religiosa, cenário no qual o fenômeno aqui estudado se concentra.

O Crato é uma cidade de médio porte, levando em consideração o número de habitantes, a densidade demográfica, o desenvolvimento da economia, da educação e da rede de saúde. O trabalho de campo para esta pesquisa foi realizado na área urbana do município. É nesse núcleo que se concentra a grande maioria da população.

Segundo os dados do IBGE (2015)⁵, sua população, em 2014, foi estimada em 127.657 habitantes. Já no censo de 2010, o IBGE anuncia uma população 121.428 habitantes, distribuídos numa área territorial de 1.176,467 km². A densidade demográfica é de 103,21 hab./km², sendo 20.512 habitantes na zona rural e 100.916 habitantes na zona urbana. A grande maioria da população do município, 83,11%, mora na zona urbana. A cidade possui uma expectativa de vida de 74,3 anos e mortalidade infantil (até 1 ano de idade) de 16,5 por mil nascidos vivos. No gráfico abaixo podemos observar o crescimento da população urbana nos últimos 20 anos.

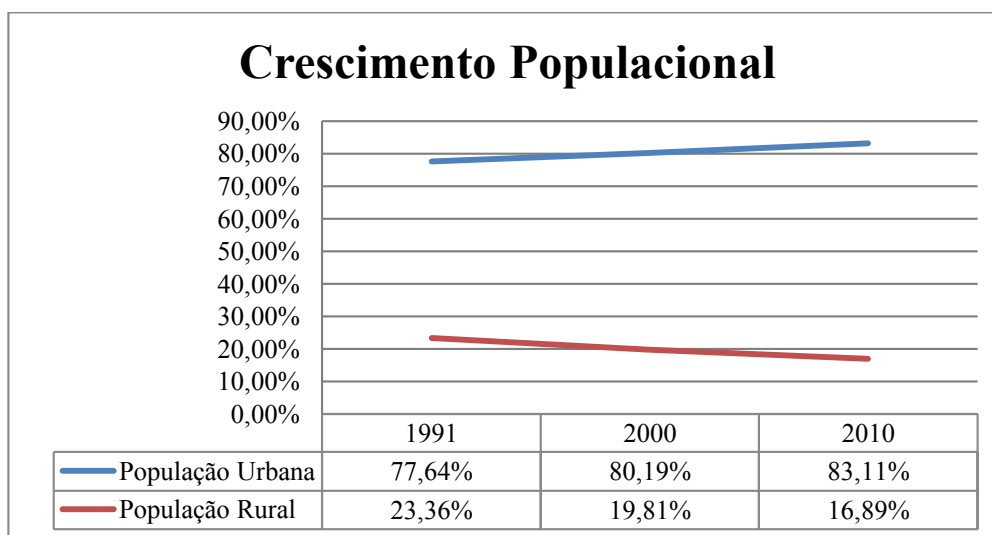


Gráfico 01. Crescimento Populacional.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, (2010).

⁵Dados disponíveis no site do IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>> acessado em 08 de maio de 2015.

O gráfico nos faz perceber a migração da zona rural para a zona urbana do município nos últimos 20 anos, bem como o crescimento da cidade. As práticas realizadas pelos indivíduos que antes habitavam a zona rural entram em choque cultural com as práticas urbanas. Por exemplo, observa-se que os velórios na zona rural acontecem apenas no ambiente da casa do falecido, ao contrário da cidade onde existem os mais diversos espaços para realização dessas cerimônias. Portanto, o contexto urbano é o nosso cenário de interesse para compreensão dos rituais de despedida.

Analisar a cidade de um ponto de vista etnográfico vai mais além do que recortes de um fato, pois,

(...) a cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excluídas, as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro – de acordo com uma determinada lógica. (MAGNANI, 2002, p. 23).

Nesse sentido esta etnografia emerge desse cenário do núcleo urbano da cidade do Crato, levando em consideração os rituais determinados por uma lógica construída pelos indivíduos que nela habitam. A cidade é o espaço de construção das relações sociais entre os indivíduos, que são responsáveis pela manutenção da estrutura da sociedade, que por sua vez, age através das relações determinadas pela coletividade que ditam as regras de como as coisas devem acontecer.

A organização dos rituais que fazem parte da cultura do lugar, no caso os rituais fúnebres de despedida, segue uma lógica de acordo com cada situação. As fases das cerimônias de despedida são organizadas a partir dos costumes dos indivíduos, costumes esses que fazem parte da tradição local. Assim, a despedida do morto acontece a partir de cerimônias que são responsáveis pelo processo ritual funerário. A cidade do Crato é o espaço onde são observadas essas práticas.

Metodologia e trabalho de campo

Neste item iremos apresentar o percurso metodológico, bem como os instrumentos de pesquisa utilizados no trabalho de campo para observação e coleta de dados. Nessa narrativa serão nomeados, um a um, todos os procedimentos adotados, as dificuldades e o processo de construção da pesquisa e da escrita etnográfica. Dessa forma, será realizada uma descrição minuciosa da entrada do pesquisador em campo, e o *passo-a-passo* da coleta de dados.

No exercício etnográfico foi observado o fenômeno estudado como um todo. Foi perseguido por mim, assim, todos os processos sociais em seu torno que tinham a ver com as trajetórias sociais e pessoais traçadas pelas pessoas e instituições que lidam direta ou indiretamente com o objeto estudado, obtendo uma compreensão geral de como se comportam, se organizam e se tencionam diante do acontecimento observado.

Esses elementos do olhar compreensivo do pesquisador deram-se, deste modo, na direção dos modos e estilos de vida locais e os arranjos rituais realizados. Neste item, toda a trajetória da pesquisa será apresentada para que o leitor possa compreender como se deu a construção da pesquisa, desde o trabalho de campo até a análise final.

Apresentar a trajetória metodológica da pesquisa, portanto, é refletir sobre a imersão do pesquisador em campo e a produção de dados sobre o estudo realizado. É refletir, também, sobre a construção dos resultados e a textualização da etnografia realizada. Para isso, aqui, procuramos narrar os passos tomados e a sequência dada a cada etapa da pesquisa. O trabalho e a observação de campo foram pensados, deste modo, a partir da contribuição teórica da antropologia, e, depois, posteriormente, com a realização da observação participante e da construção da escrita etnográfica.

A observação participante, tal como utilizamos em campo, foi construída na perspectiva de Brandão (2007). Para ele, “[...] o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório, no caso de um psicólogo experimental, ou a pesquisa de gabinete de um economista” (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Partindo dessa perspectiva, estabelecemos uma relação produtora de conhecimento, tendo como foco de observação as diferentes categorias de pessoas, e sobre o que elas fazem e realizam no contexto da morte. Ao assumirmos essa postura de como se deve direcionar o olhar do observador no trabalho de campo, se teve início o desenvolvimento da pesquisa, através do uso adequado da observação participante, principalmente, através da vivência cotidiana nos rituais de despedida, construída a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos em cena. No caso, o pesquisador e os diversos personagens participantes dos rituais da morte.

Dessa forma, o termo participante da observação foi utilizado, no decorrer da pesquisa, em duplo sentido. O primeiro sentido fala o porquê do que se faz em campo, quando o pesquisador se encontra pessoalmente no lugar, observando e compreendendo o que acontece, e se pergunta sobre o porquê está lá, observando e participando da vida cotidiana das pessoas. O segundo sentido, contudo, fala do lugar e da postura do pesquisador como participante da vida

da comunidade, isso, a partir do momento em que o mesmo se envolve pessoalmente com o próprio trabalho (BRANDÃO, 2007).

O envolvimento se dá quando o pesquisador participa, por exemplo, do ritual de despedida, acompanhando todas as suas cerimônias, ou seja, participando de todo o funeral, que começa com a chegada do corpo no local do velório, do cortejo fúnebre, da missa de corpo presente e do sepultamento. Os rituais de despedida têm uma função estrutural no funcionamento das sociedades.

Permaneci durante 06 (seis) meses em campo para realização da pesquisa. Meus primeiros contatos foram as empresas funerárias, onde pude conhecer os funcionários que posteriormente me informavam sobre a realização das cerimônias fúnebres. Conheci também um radialista e grande conhecedor dos eventos de morte no Crato. Tivemos várias conversas informais, que serviram para minha entrada efetiva no campo. Ao abordar as pessoas, fosse nas instituições ou nos cemitérios, eu explicava sobre a realização da pesquisa. Ao participar das cerimônias, algumas pessoas perguntavam o que eu fazia ali e eu respondia que estava fazendo um estudo. Por outro lado, na maioria delas eu ficava entre os presentes participando do ritual como um sujeito da sociedade que estava ali para cumprir uma obrigação social e conversava com os presentes, sempre buscando saber sobre a vida do falecido, suas relações, seu posicionamento social etc.

Durante o período de pesquisa, acompanhei as cerimônias de despedida de 13 pessoas. Levando em consideração os velórios, missas e sepultamentos. Não foram realizadas entrevistas dirigidas, mas conversas informais com os indivíduos que participavam das cerimônias, com os funcionários das empresas, com os funcionários dos cemitérios e, principalmente, com os familiares. As conversas foram registradas no Diário de Campo e transcritas para a dissertação nas discussões adequadas para o uso das falas dos sujeitos.

Todas as sociedades organizam seus rituais como eventos que integram a comunidade. Assim, ao participar dessas cerimônias, querendo ou não, o pesquisador passa a absorver os costumes de tal grupo. Passa, então, a vivenciar os cenários cotidianos da cidade e o seu olhar passa a entender a sua dinâmica, tendo por foco as possíveis manifestações nela acontecidas diante do fenômeno estudado, no caso, o fenômeno da morte e do morrer. Com essa vivência no cotidiano da cidade, a partir de como as pessoas vivenciam a dor da perda, dão-se os elementos compreensivos e analíticos de como se organiza a cultura urbana estudada, em relação ao fenômeno da morte.

Pude acompanhar essas cerimônias de despedida durante dois anos, quando estava na graduação e depois por 06 (seis) meses quando retornei para realizar a pesquisa de campo para escrita dessa dissertação. Durante os seis meses eu ficava quase todos os dias no Crato, algumas vezes tinha que ir a minha cidade visitar os familiares e resolver algumas questões pessoais. Nesse período fiquei como hóspede em um apartamento de amigas que conheci na graduação. Contribuía com as despesas da casa e assim tinha um lugar para me abrigar nos dias de pesquisa.

Nesses dias eu buscava as mais diversas formas de tomar conhecimento sobre a realização das cerimônias. Acordava, tomava café, organizava meu material e saía de casa. Minha primeira parada era sempre a Universidade Regional do Cariri, por ser muito próximo ao local onde eu estava e também por me sentir a vontade no ambiente acadêmico. De lá eu fazia ligações para as funerárias ou então ia diretamente aos Centros de Velórios para me informar sobre a realização dos rituais, às vezes ia também ao Cemitério, pois lá todo mundo fica sabendo imediatamente quando morre alguém. Quando acontecia algum velório eu já tomava nota do lugar e me dirigia ao local para participar. Às vezes, ia direto de onde estava, mas se a cerimônia fosse iniciar a noite, ia em casa e depois me dirigia ao local para passar a noite inteira. Em alguns velórios certa hora da noite ia pra casa e retornava cedo para acompanhar o cortejo, missa e sepultamento.

O estabelecimento das relações entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, como informa Brandão (2007, p. 12), deve ser sentido e observado como:

Uma relação entre pessoas que tem uma dimensão social, e uma dimensão afetiva se estabelece. Dados de troca, de sinais e símbolos entre as pessoas se estabelecem inevitavelmente e isso marca não só a realização do trabalho, mas o material produzido por esse trabalho realizado. (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Os dados, então, de acordo com Brandão, são frutos dessas relações estabelecidas no decorrer da pesquisa entre o pesquisador e os seus pesquisados. Esses dados, depois, serão analisados e irão compor - refletidos juntos com a literatura revisada, - a escrita final do trabalho antropológico. Tais números são produzidos a partir da interpretação que elaboramos sobre o objeto de pesquisa a partir das situações que vivenciamos nas relações sociais que são construídas.

Minha entrada no campo seguiu, mais ou menos, um percurso demarcado. Inicialmente, fiz um levantamento das empresas que prestam serviços funerários na cidade, por considerar uma porta de entrada para a efetivação da participação da experiência coletiva sobre a morte.

Ao entrar em contato direto com as empresas pude observar a dinâmica dos serviços encontrados e que são contratados, na maioria das vezes, pelos familiares da pessoa que morreu. Em muitos casos, também, pelo próprio falecido antes de sua morte.

Ver, ouvir e falar nos momentos em que se achou necessário para o desenvolvimento da pesquisa foi um dos procedimentos realizados quando visitei essas empresas. Observei, ainda, a forma como os serviços são realizados, como são contratados e os valores pagos. Entrar no campo através dessa perspectiva foi de fundamental importância para que se soubesse qual atitude tomar diante dos fatos observados. Saber o momento certo de ver, ouvir e falar diante dos sujeitos que compõem o universo da pesquisa.

Em seu artigo *Reflexões sobre como fazer trabalho de campo*, Brandão (2007) relata a importância do conhecimento do campo antes de iniciar efetivamente a pesquisa em si. Nesse sentido é que procurei conhecer o universo pesquisado, inicialmente, a partir das empresas funerárias, para que pudesse prosseguir o estudo com os rituais de despedida.

A opção por uma entrada no campo a partir das empresas funerárias se orienta pelo fato de que o ato de velar os mortos é algo presente no interior de nossa cultura, é um ritual necessário nos processos de enfrentamento da morte, moldado por regras sociais e que acontece quando menos esperamos, por mais que a morte seja um fenômeno social, que é factual, e que sabemos que vai acontecer. No capítulo seguinte, podemos ter uma compreensão geral dessas empresas e dos serviços realizados.

A inquietação que me mobilizou dizia respeito a como refletir sobre a morte através do processo dos rituais de despedida. Assim, passei seis meses na cidade. Nesse diapasão, perambulava pelas ruas, e andava em busca de elementos que pudessem constituir a minha pesquisa. Assim, adentrei, visitei e frequentei empresas funerárias, cemitérios, centro de velórios, Igrejas, setores públicos e também ambientes familiares. Falei e conversei com as pessoas quando via necessidade para tal. Assim sendo, adotei uma rotina diária de pesquisa, uma vez que sempre visitava os lugares em busca dos acontecimentos. Nesse processo, como já dito, entrevistei, ainda, um conhecedor da cultura da morte na cidade com o objetivo de interpretar alguns elementos que compõe a cultura do lugar.

Seu Roberto⁶ é um senhor de 76 anos, cabelos bem brancos e sempre anda trajando uma camisa social de mangas curtas, uma calça de linho e uma sandália de couro, seja na rua, nas missas de corpo presente (quando eu o encontro) ou na Rádio, seu local de trabalho. Meu primeiro contato com seu Roberto foi no Dia de Finados de 2014 (02/11/2014). Na data ele estava

⁶ Nome fictício, 76 anos, radialista.

responsável pela EXPOMORTE, uma exposição de *Santos de Luto*⁷ que acontece todo Dia de Finados no Cemitério. Meu segundo contato com o mesmo foi através do Departamento de História da Urca, que me informou o mesmo como sendo um grande conhecedor da cultura diante da morte na cidade. Nossa primeira conversa se deu no seu local de trabalho e depois quando o encontrava nos velórios, e/ou nas missas de corpo presente: é muito comum encontrar seu Roberto nessas cerimônias. O mesmo afirma que não faz mais do que a obrigação, é um dever de todo mundo. E, diga-se de passagem, que o mesmo tem um grande acervo de *Santos de Luto*, de pessoas do Crato que já morreram. Seu Roberto sempre se demonstrou prestativo, pois ficou entusiasmado ao saber que alguém tinha interesse pelo tema e não só ele.

Além de usar apenas as empresas funerárias como porta de entrada, eu busquei também alternativas diferentes. Ao saber que a maioria das pessoas morre nos hospitais, se fez necessário visitar as unidades de saúde para tomar conhecimento acerca dos procedimentos tomados diante do corpo morto antes da sua entrega para os familiares. As visitas nos hospitais, assim, foram importantes para se conhecer quais os procedimentos adotados com o corpo morto e quais as próximas fases a serem seguidas depois dali.

Após, senti a necessidade de verificar como se faz as exéquias, após a liberação do corpo morto, isto é, de como se processam os rituais até o mesmo ser sepultado. E, a seguir, minha preocupação voltou-se para saber onde, como e quais as características dos rituais de despedida na cidade do Crato.

Com o objetivo de conhecer esses lugares, fiz visitas aos dois cemitérios da cidade. Um cemitério público, denominado *Nossa Senhora da Piedade* e, outro, privado, *Jardim Anjo da Guarda*. Segui, neste roteiro, o que se pode designar, aqui, como uma trajetória do corpo morto: isto é, desde onde se morre, até as medidas que são adotadas a partir da morte pela família/parentes, quais rituais de despedida, e onde são realizados e se efetivam.

Para entender o fenômeno da morte na contemporaneidade busquei conhecer, também, as “causas” pelas quais as pessoas morrem e qual a porcentagem da população que morre por ano. Para tal, fiz então visitas à Secretaria de Saúde do município, mais precisamente ao setor de epidemiologia para coleta desses dados. E aí, parti do princípio de que essas informações me ajudariam a conhecer os tipos de morte, para que se pudesse observar de uma forma mais detalhada as atitudes diante das cerimônias e também ter um quadro geral dessas causas de morte

⁷ Cartão impresso com a foto do morto, com mensagens, data de nascimento e de óbito. Em alguns casos são entregues no próprio velório ou nas missas pós-morte.

no Crato, se por doença, se aquela fatalidade foi causada por homicídio, acidente de trânsito e demais formas.

Essa busca por informações consideradas secundárias pelos manuais de pesquisa foi orientada pela indagação acerca dos tipos de morte que ocorrem no município e, neste sentido, as estatísticas de saúde se tornaram uma fonte particular de mapeamento destes dados. Além disso, me orientei pela ideia de *descrição densa* de Geertz (1989), quando afirma que a descrição de um fenômeno deve estar instrumentalizada por todas as informações que o antropólogo possa obter.

Antes da coleta dos dados na Secretaria de Saúde, protocolei um ofício solicitando autorização do Secretário. Depois de alguns dias o mesmo autorizou e pediu que eu me dirigisse ao setor de epidemiologia, onde fui muito bem recebido e não houve rejeição alguma para busca dos dados. Uma funcionária chamada de Ana foi designada para me acompanhar no que eu precisasse. Dessa forma, solicitei os índices de mortalidade do ano de 2008 a 2014, levando em consideração causas, locais de morte, faixa etária e sexo. A funcionária acessava o sistema da secretaria ao tempo em que eu solicitava e gerava os relatórios com todos os dados.

No gráfico abaixo se pode observar as principais causas de morte que acometem os indivíduos cratenses. O quadro apresenta resultados do ano de 2014, tendo em vista que os dados de anos anteriores apresentam as mesmas características. Conhecer as causas de morte na cidade é essencial para que se possa observar a dimensão em que tal fenômeno pode ser visto, ou ainda se existiam diferenças nos rituais de despedida a partir da causa da morte.

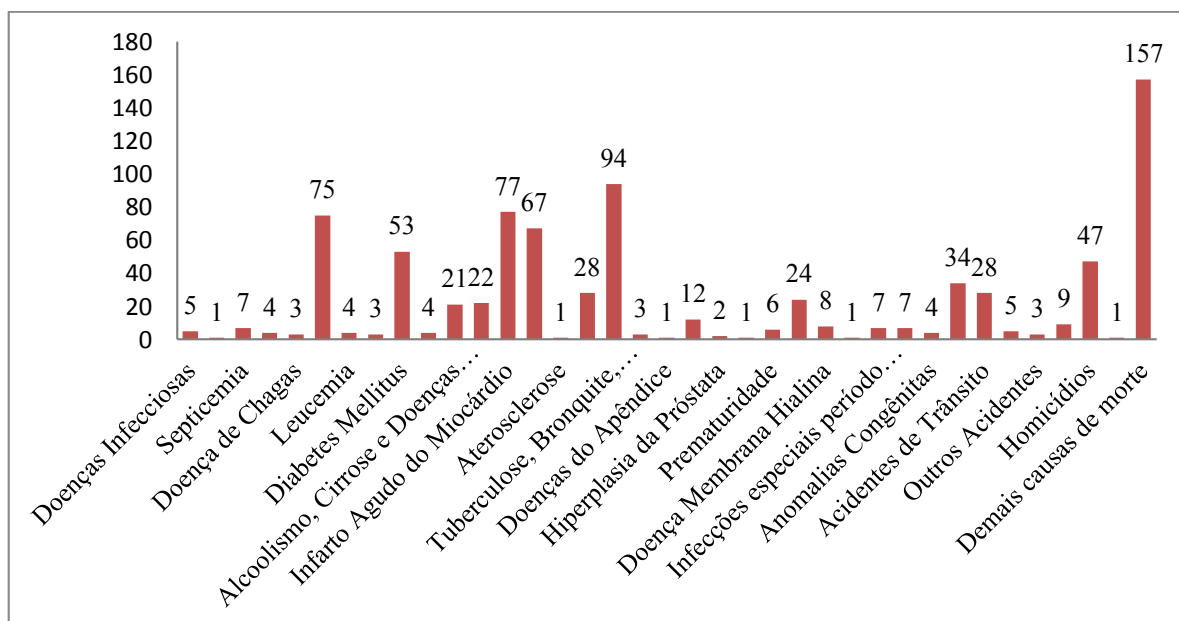


Gráfico 02. Causas de Morte no Crato.

Fonte: Sistema de Informações da Secretaria Municipal de Saúde, 2015.

Dentre os dados coletados, as principais causas de morte no Crato referem-se a doenças como câncer, infarto agudo do miocárdio, doenças cardiovasculares, doenças respiratórias em geral, homicídios e acidentes de trânsito. Na maioria dos casos, de acordo com os velórios observados, pudemos notar que quando a causa da morte é acidente ou homicídio, existe uma maior comoção dos familiares e participantes do ritual. Os sentimentos são expressos com maior veemência, tendo em vista que essas mortes são inesperadas e acometem pessoas mais jovens.

Continuando as idas aos setores públicos, visitei também a Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social para que pudesse conhecer a sua política de assistência social para as pessoas em situação de vulnerabilidade⁸. Descobri que a pessoa vulnerável que veio a óbito tem o direito a ter o seu funeral pago pelo poder público, e que esse é garantido pela Constituição Federal e pela Política Nacional de Assistência Social, sendo os municípios responsáveis por tal execução.

Por fim, visitei as Igrejas, locais onde acontece a manifestação dos ritos pós-morte, sobretudo, as Igrejas Católicas. O Crato se constitui como uma cidade de tradição judaico-cristã, predominantemente católica.

A metodologia operacional, organizadora do meu trabalho em campo, se desenvolveu por meio da observação participante, na perspectiva de Geertz que afirma:

Nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem – está obscurecido, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente. (1989, p. 07)

A imersão no campo, deste modo, é necessária para a interpretação do objeto estudado. É “o recurso para o etnógrafo [de] coletar dados concretos sobre todos os fatos observados e através disso formular as inferências gerais” (MALINOWSKI, 1976, p. 24.).

Com essas informações de fundo parti para campo com o objetivo de observar a construção do texto e do repertório textual, desenvolvidos pela cultura funerária e da morte no Crato, e, a partir de então, elaborar uma *descrição densa* do objeto estudado com o objetivo de compreender os símbolos e os significados da cultura local por mim estudada. Esses significados

⁸“A situação de vulnerabilidade social da família pobre se encontra diretamente ligada à miséria estrutural, agravada pela crise econômica” (GOMES & PEREIRA, 2005, P. 360). Assim, a pessoa integrante de uma família nessa situação, ao morrer tem o direito garantido de seu sepultamento ser pago pelo poder público de acordo com a Lei Federal Nº 8.742 de 07 de Dezembro de 1993.

por sua vez, se constituem em uma leitura sobre como a cultura estudada se manifesta no cotidiano dos seus atores e como eles a interpretam, isto é, no momento em que o pesquisador leva em consideração a interpretação dos sujeitos a partir dos significados atribuídos por eles no fazer cotidiano da cultura em que estão imersos.

Para fazer essa interpretação o pesquisador deve entrar no campo para realização da observação dos acontecimentos. É nessa perspectiva que entramos em campo. Foi a partir das primeiras experiências e dos primeiros contatos com o universo de estudo que decidi pesquisar e compreender os rituais de despedida, constituídos apenas por alguns elementos em meio ao conjunto da simbologia ritual que compõe a cultura fúnebre da cidade.

Dessa forma, a pesquisa é realizada como uma *descrição densa* (GEERTZ, 1989). Isto é, através do conhecimento sobre os procedimentos diante da morte, na participação das cerimônias fúnebres, - e as informações conseguidas através de entrevistas e conversas com familiares e amigos, registros de observações sobre o cenário e performances dos envolvidos e, ainda, através de documentação fotográfica. As interpretações a partir da coleta dos dados são produtos do conjunto operacional posto em prática no decorrer do trabalho de campo sobre as interações vivenciadas e sobre os dados narrativos textuais e visuais produzidos.

Considerando que trabalho com eventos em que a expressão dos sentimentos se faz presente em todo o seu desenrolar, ressalto a possibilidade de ser “afetado” pelo objeto de estudo, ou seja, pelos indivíduos que são os atores dos acontecimentos. Ao falar sobre “ser afetado” me refiro às afirmações de Favret-Saada (2005), onde o pesquisador se deixa levar pelos acontecimentos, pelos sentimentos dos nativos e compartilha as emoções vividas no campo.

Enquanto pesquisador misturava-me aos demais presentes nos velórios e demais cerimônias que participei, procurando sempre estar perto dos participantes envolvidos no ato, sentava-me nas cadeiras ao lado das pessoas que identificava como familiares. Isso, porque, descobri no processo da pesquisa que essas pessoas (os familiares) costumam ficar contando e repetindo, para cada nova pessoa que chega e se senta ao lado, a trajetória que antecede os últimos momentos antes da morte do sujeito que se foi e está sendo velado, até o momento de sua morte.

Quando alguém morre de uma doença qualquer, começam falando do início, de como era a vida daquela pessoa até chegarem ao momento em que acontece o fato final. Quando é alguma morte trágica, acontecida de repente, eles costumam relatar os últimos momentos de vida daquela pessoa, o que ela fez antes de morrer. Dessa forma, costumava me aproximar, ouvindo e, às vezes, perguntando para que pudesse obter mais informações.

Na maioria das vezes, nunca era questionado sobre a minha presença ali por familiares. As pessoas das empresas, por sua vez, já sabiam do meu objetivo. Entretanto, em um velório foi me perguntado se eu trabalhava na empresa. Eu estava conversando com familiares do falecido, e ouvindo histórias contadas por uma tia do mesmo, quando

em seguida, ela foi saindo e dizendo que ia fumar um cigarro, perguntei a ela se ela queria um pouco de café, ela disse; “meu fi café não, agora se tivesse uma dosinha de wisky eu ia querer”, logo pude confirmar que ela gostava de bebida alcoólica. Como estava próximo da filha do falecido, ela perguntou se eu trabalhava lá também, eu disse que estava apenas fazendo umas observações para uma pesquisa. (Diário de Campo de 16 de Abril de 2015).

Eu me encontrava no Centro de Velórios da Funerária Vida quando houve esse questionamento. Porém, apesar disso, a conversa continuou normalmente sem que houvesse rejeição por parte dos familiares. Dessa forma, eu já era visto ali, como alguém que estava participando do velório como forma de solidariedade aos familiares. As pessoas não me tratavam com indiferença, até porque são eventos visitados por quem quiser. Como eu conversava com os familiares, percebi que eles me contavam histórias por me ver interessado na vida do morto e nas relações que rodeiam as cerimônias.

É muito comum ouvir conversas sobre a vida do falecido. Diálogos que se perpetuam no decorrer do funeral. Onde estive presente ninguém se negava a contar as histórias ou parava de conversar.

Muitas vezes tinha dificuldades de me aproximar muito ou de fazer perguntas que fossem repreendidas pelos presentes, afinal, na maioria das vezes, eu era um desconhecido ali. Em outro velório, que aconteceu no ambiente familiar, senti dificuldades em travar conversas com os familiares da falecida, pois a mesma pertencia à classe média alta da cidade e fiquei com medo de ser repreendido.

Nesse velório, em especial, recebi informações de pessoas que eu já tinha algum conhecimento. O fato de a falecida fazer parte da classe média alta da cidade a difere dos demais mortos dos quais participei dos rituais de despedida. É importante frisar que “[...] a desigualdade diante da vida mais do que nunca determinará a desigualdade diante da morte”. (RODRIGUES, 2006, p. 189). Dessa forma, fiquei com receio de me aproximar com mais profundidade dos seus familiares, principalmente por essa desigualdade de classes que vive impregnada no seio da sociedade brasileira e que perpassa a vida e a morte.

Observações e experiências no campo

Os rituais de despedida são eventos cotidianos que fazem parte do contexto social estudado, vivido também pelo próprio pesquisador enquanto habitante do lugar.

Gilberto Velho nos ensina, contudo, que, “[...], sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder ‘pôr-se no lugar do outro’” (VELHO, 1980, p. 127). Esse processo de relativização é necessário para que o pesquisador possa se posicionar no lugar do outro. Esse outro, no caso estudado nessa dissertação, é o sujeito que sofre a perda e passa por um processo de separação.

O processo de separação, inicialmente, causa um desordenamento na estrutura da sociedade, mas que se reordena a partir da reintegração dos indivíduos ao meio social após o sepultamento do sujeito morto. Relativizar as situações vivenciadas é crucial para que se possa tomar uma posição de viver como *outro*, ou seja, de incorporar o que o outro está vivenciando no momento da perda. A relativização é também responsável por uma melhor compreensão do que nos é familiar.

Dessa forma, corroborando com DaMatta (1978, p. 30), “é necessário um desligamento emocional, já que a familiaridade do costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora e, assim, veio do estômago para o intelecto”. A partir dessa tarefa de transformação do familiar em exótico, ou de conhecer o que lhe é familiar e da entrada efetiva no campo, o etnólogo começa a ter os seus *insights* de observação, suas sacadas ou o que Roberto DaMatta chama de *anthropological blues*.

Ao refletir sobre esses pontos, e da transformação do familiar em exótico, é que eu, como pesquisador, pude perceber que os eventos que sucedem o momento da morte fazem parte do curso diário da cultura. Portanto, por mais que sejam familiares aos atores que deles participam, há um conhecimento diferenciado sobre a visão do mundo e da vida, e dos hábitos, crenças e valores dos diferentes grupos sociais que compõem uma sociedade urbanizada como a do Crato.

Desse modo, se pode conhecer cada pessoa que mantém uma relação de afinidade e que participa do ritual fúnebre, mas, como pesquisador, a observação crítica do evento pode proporcionar descobertas que o olhar comum não permite, como um simples morador local. Conforme Velho (1979, p. 41), “logo posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam”.

Cabe a nós, antropólogos, que nos dedicamos à compreensão das sociedades complexas, o estudo da sociedade que fazemos parte. Daí a necessidade de transformar sempre o próximo em distante. Assim, a realidade quando filtrada por um determinado ponto de vista do observador é percebida de uma forma diferenciada. (VELHO, 1979, p. 42-43).

Nesse constante processo, se faz necessário, aqui, relatar a trajetória dos lugares visitados em busca de dados e compreensão do fenômeno. Como já foi mencionado, escolhi iniciar a pesquisa estabelecendo contatos com as empresas funerárias, por considerar uma porta de entrada para a minha participação e observação dos velórios. Mesmo já tendo iniciado a participação em alguns funerais, fui à procura de contato com essas empresas. No Quadro 01 podemos observar os principais dados dessas empresas.

Nome da Empresa	Ano de Estabelecimento	Gerente / proprietário / administrador
Circulo Operário São José	1970	Sr. Pedro
Assistência Familiar Anjo da Guarda	Meados da Década de 90.	Sr. Raimundo Cordeiro
Funerária Vida	Final dos anos 90.	Sr. Laércio

Quadro 01. Relação das empresas que prestam serviços funerários no Crato, 2014.

Fonte: Dados de campo, 2014

Foram três as empresas por mim contatadas e que fazem os serviços fúnebres na cidade do Crato. A primeira foi a *Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda*, que dispõe de um Centro de Velórios localizado em frente ao cemitério público da cidade, e ainda de um espaço anexo ao cemitério Jardim Anjo da Guarda, administrado pela mesma empresa.

A segunda empresa que entrei em contato chama-se *Funerária Vida*. Esta tem salas de velório que funcionam dentro do próprio estabelecimento. As duas empresas realizam também os seus serviços, conforme solicitados, na casa do falecido.

Durante os contatos com as empresas citadas, e conforme eu me adentrava no mundo delas, ia tendo *insights*, que permearam todo o desenrolar da pesquisa, é bom frisar. É nesses momentos que o pesquisador pode perceber elementos importantes e substanciais para a compreensão do objeto de estudo.

O trabalho de campo, assim, é essencial à pesquisa etnográfica. No campo o pesquisador tem acesso às nuances que permeiam as relações entre os indivíduos, sobretudo, os sentidos que eles atribuem ao fenômeno em estudo. Nessa imersão observei, por exemplo, os diversos tipos de morte e os diferentes impactos por ela gerados.

Quando morre uma pessoa idosa, por exemplo, as reações durante o velório são diferentes de quando morre um jovem. Do mesmo modo que é diferente em outros tipos de morte, como quando, por exemplo, uma pessoa morre de alguma causa trágica, como acidentes, homicídios ou suicídios.

Esses *insights*, essas sacadas, são produtos da experiência e da vivência que o campo fornece ao pesquisador. Assim, durante a observação, mesmo sabendo que os velórios são eventos que sempre acontecem no nosso meio, descobri elementos importantes que passavam despercebidos no cotidiano de um olhar comum de velar um morto.

O olhar treinado do observador participante, do pesquisador antropólogo no trabalho de campo, amplia as possibilidades de descobertas sobre os modos e os estilos pessoais, as tensões, as formas de gestão e a organização dos indivíduos em relação a um ritual do luto. O olhar do pesquisador, deste modo, amplia o olhar comum, inquirindo os fatos e provocando o olhar em constante aproximação e distanciamento crítico.

Dando continuidade ao relato de minha entrada em campo, inicialmente visitei as empresas funerárias em busca de dados sobre os serviços prestados e a quantidade de pessoas atendidas por seus planos. A primeira visita foi à *Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda* – AFAGU. Visitei depois a *Funerária Vida*, localizada no Bairro São Miguel, e lá encontrei um ambiente de funcionários muito solícito. Apresentei-me e solicitei o acompanhamento dos serviços prestados pela empresa, bem como os dados numéricos sobre os velórios organizados pela mesma e o total de pessoas da cidade que são sócios dos planos assistenciais.

A terceira visita foi à *Funerária Círculo Operário São José*, que fica localizada na rua D. Pedro II, nº 68, no Centro da cidade. Chegando lá, encontrei o proprietário, Seu Pedro, um senhor de aparentemente 60 anos, cabelos brancos, usava uma bermuda, uma camisa amarela e um chinelo de couro. Entrei, me apresentei e fui convidado pelo empresário para sentar e conversar. Foi um momento de muito aprendizado sobre os serviços que são realizados nesse estabelecimento. Nesse mesmo encontro pude ainda observar quais são os serviços administrados pela empresa e a quantidade de contratos que atende durante o ano.

Depois de algumas visitas sem êxito ao grupo da Assistência Familiar Anjo da Guarda, para coleta de dados, segui mais uma vez em busca de contato. Agora, ao invés de ir até a funerária central, decidi iniciar a visita pelo centro de velórios, local onde funciona também o plantão de serviços da empresa.

Quando cheguei fui recebido por uma moça, acho que alguma auxiliar administrativa, e perguntei pelo gerente. Isso porque descobri nas várias vezes que tinha ido à empresa, que os

funcionários afirmavam sempre que para “as questões de pesquisa, só quem resolve é o gerente”.

Para a minha sorte, naquele dia, o gerente Adriano Mariano se encontrava no centro de velórios e aceitou me receber. Quando entrei, ele já estava sentado em um birô de vidro, manuseando um computador. Trajava uma roupa social, camisa de manga longa, azul clara e calça preta. Expliquei o porquê da minha visita e ele pediu uma documentação que comprovasse a veracidade dos fatos, imediatamente lhe entreguei minha carta de apresentação emitida pelo PPGA.

Ele explicou que precisava enviar a solicitação para a equipe administrativa geral e pediu que eu lhe encaminhasse um e-mail com todos os dados que necessito para a pesquisa, ao tempo em que ele estaria repassando para “os superiores”. Ressaltei também que pude acompanhar alguns serviços prestados por eles, ainda na época da minha pesquisa da graduação em 2013. Dessa forma, pude notar o empenho dele para atender à solicitação e pedi que reforçasse isso junto à empresa, alegando que eu sou um dos clientes dos seus planos (O plano da minha família é contratado na cidade de Campos Sales), e afirmando que fui muito bem atendido na Funerária Vida.

Em um tom de brincadeira disse ainda que se não fosse atendido passaria para outro plano de assistência. Assim, encaminhei o e-mail para o endereço informado e fiquei aguardando a autorização para começar efetivamente a pesquisa.

Nessa visita, tomei conhecimento de que a Funerária Jardim Encontro com Deus pertence ao grupo AFAGU – Assistência Familiar Anjo da Guarda. Isso implica, portanto, que todas as informações obtidas através do grupo contemplam, conseqüentemente, as duas funerárias, a Anjo da Guarda e a Jardim Encontro com Deus. Assim, as quatro funerárias que prestam serviços à população do Crato poderão desta forma, vir a ser conhecidas e analisadas nesta pesquisa.

Encerrando as visitas nas funerárias, fiz uma visita ao cemitério público Nossa Senhora da Piedade, que, juntamente com o cemitério particular Jardim Anjo da Guarda, compõe os locais de sepultamento da cidade. A visita foi realizada com o objetivo de conhecer os procedimentos tomados para os sepultamentos, bem como a estrutura da realização dos serviços.

Cheguei ao local e me dirigi à secretaria. Lá se encontrava Elizandra, uma moça morena, de cabelos castanhos e de meia idade que fazia um lanche na companhia de seu filho. Entreguei a ela uma cópia da carta de apresentação que dispunha para as instituições visitadas e expliquei o objetivo da minha visita. A mesma informou-me que é apenas a secretária, e a administradora

não se encontrava; mesmo assim, ela se prontificou a contribuir apresentando-me os livros de registro de sepultamentos no cemitério e todas as pastas que contém declarações e certidões de óbito⁹, - uma vez que para ser enterrado um corpo naquele local havia necessidade de comprovação do corpo morto através das certidões de óbito.

Depois do certificado de óbito emitido por um profissional médico, o chamado Atestado de óbito, os familiares do morto registram a certidão nos cartórios da cidade onde seus entes queridos faleceram. No caso do Crato, existem três opções: o cartório do 1º Ofício de Maria Júlia, o cartório do Bairro Lameiro, Maria Neide Duarte Araújo e o do Distrito de Ponta da Serra, Cartório Edvardo Ribeiro da Silva. Os cartórios emitem a Certidão de Óbito que é levada ao Cemitério para o sepultamento.

Para sepultar o corpo, a família necessita também apresentar um documento que comprove a existência de algum túmulo, ou cova¹⁰ ou lote em seu nome. Há os lotes municipais, que servem para sepultar as pessoas que vivem em situação de extrema pobreza, e, vale ressaltar, também, que não existe mais nenhum lote para venda particular no Cemitério Público. Para enterrar seus mortos, os familiares precisam ter um espaço ou comprar um lote no Cemitério Particular.

Continuei a conversa e a secretária Elizandra foi me relatando à quantidade de pessoas que trabalham no cemitério. De acordo com o seu relato, no caso, existem três coveiros (pessoas responsáveis pela abertura e fechamento das covas), além dela, como secretária, e da administradora. No local trabalha ainda uma auxiliar de limpeza.

No decorrer da conversa ela me confidenciou que existe, nos arquivos dos sepultados do cemitério, uma cópia do atestado de óbito de Maria Caboré¹¹. E, de forma espontânea, disponibilizou o documento para que eu fizesse uma cópia. Fiz cópia, inclusive, de uma oração que é dedicada a ela.

⁹ Segundo o Conselho Nacional de Justiça: A declaração de óbito é feita por um médico, ainda que a morte não tenha ocorrido dentro de um hospital. Além de declarar o fim da vida de um indivíduo, no atestado o médico também deverá inserir quais foram as causas daquela morte. Já a certidão de óbito é um documento emitido pelo cartório de registro civil das pessoas naturais e só pode ser obtida com a declaração de óbito

¹⁰ É importante ressaltar a diferença do “túmulo” para “cova”. O túmulo é algo que já existe uma estrutura de alvenaria e os corpos são enterrados em gavetas. A cova é algo na terra crua, onde os caixões são colocados em buracos, é fixada uma cruz em cima e ao redor é colocada uma grade de ferro ou uma simples parede pequena de tijolos para identificar a demarcação.

¹¹ Maria Caboré é uma figura do imaginário popular do Crato. Segundo os moradores ela era uma deficiente mental que via espíritos e que ajudava as pessoas. Um surto de peste bubônica afetou a cidade e fizeram uma grande campanha de vacinação. Quando Maria Caboré foi levada para tomar a vacina, imediatamente morreu com um choque do medicamento no seu corpo. Após isso as pessoas se apegaram a ela e fazem pedidos de intercessão junto a Deus, afirmam que os pedidos são atendidos, o que faz com que o túmulo de Maria Caboré seja um dos mais visitados durante do Dia de Finados no Cemitério Público do Crato. Esse relato se refere na história da cidade ao ano de 1936.

O acesso a esses dados foi essencial para a pesquisa, uma vez que contempla o total de pessoas sepultadas ali e, ainda, o acesso às certidões de óbito. Como já foi dito, existe também um cemitério particular, que pertence ao grupo AFAGU, e que não pôde ser visitado para coleta de dados por falta de autorização da empresa. Esse cemitério fica localizado no Bairro Muriti, e, por ser administrado por uma empresa privada, os dados sobre os sepultamentos lá realizados só podem ser acessados mediante autorização da diretoria. Embora, sem os dados de cunho administrativos, fiz várias visitas ao cemitério para observação de campo no Dia de Finados.

O momento crucial para o desenvolvimento da pesquisa e, posteriormente, para a sua finalização, aconteceu no momento em que pude acompanhar e participar dos rituais. Sem dúvida, esse foi o momento de grande relevância para mim, como pesquisador, e para a coleta de dados. Pois, com a objetividade dessa minha participação pude, enfim, descortinar os significados neles envolvidos e as possibilidades para a sua interpretação.

Entretanto, afirmo mais uma vez, que esse não foi o meu primeiro contato como pesquisador, com os rituais, tendo em vista que a minha pesquisa de graduação contemplou alguns fatos do que estou me propondo a estudar e, também, que realizei observação participante no dia de finados com o objetivo de compreender o momento como um rito pós-morte. Nesse sentido, teve início, de forma mais aprofundada, para essa pesquisa de mestrado, a minha participação como pesquisador, nos velórios e nos ritos pós-morte. Tal ato, sem dúvida, foi fundamental para uma maior compreensão geral da cultura fúnebre local, isto é, de como as pessoas vivem e sentem e comunicam essa cultura da morte.

Participar como observador desse processo ritual me fez compreender o costume vivido no Crato por essa cultura fúnebre, o que de fato ampliou a minha compreensão da questão e delimitou a contribuição desta pesquisa no âmbito dos estudos sobre a Antropologia da Morte.¹² Nesse trabalho, enfim, realizo um esforço compreensivo dos rituais de despedida que integram a cultura da cidade do Crato, Ceará. Antes de dar início ao processo compreensivo dos rituais de despedida, é necessário relatar uma visita feita por mim a um cemitério da cidade no Dia de Finados. A descrição abaixo se refere ao dia 02 de Novembro de 2014.

Inicialmente, logo pela manhã, me dirigi ao cemitério público da cidade que tem como nome Nossa Senhora da Piedade. Circulei por entre os túmulos e pude observar um grande número de pessoas em volta dos mesmos, fiz esse exercício durante quase todo o dia. Em todos os momentos acompanhava as pessoas que visitavam os túmulos, observando as homenagens

¹² A Antropologia da Morte aborda a diversidade das relações culturais do homem com a morte e suas atitudes perante esse fenômeno. Tem como objetivo investigar as práticas dos sujeitos através dos ritos funerários, descrevendo e interpretando o tratamento cultural que é dado a morte.

que prestavam e tudo o que faziam no interior do cemitério. Muitos paravam durante algum tempo, pegavam um rosário e começavam a rezar, choravam, lamentavam a perda e colocavam pra fora a dor da saudade e a solidão. A maioria dos visitantes aguardava a realização da próxima celebração eucarística: dentro do próprio cemitério há uma capela e as missas eram realizadas com frequência.

Os familiares das pessoas que já morreram fazem as visitas não só aos túmulos dos parentes, mas visitam também os dos amigos e de pessoas conhecidas. “É um dia triste para todo mundo, mas é assim mesmo, é um dia de homenagear quem a gente gosta”. (Dona Ana Maria, em relato sobre o dia de finados). As pessoas sempre lamentam a dor e falam sobre a importância do dia. Dona Zeuda diz que já perdeu o esposo, a mãe e duas filhas e afirma: “eu passo o dia todinho, todo ano com eles, é o dia que a gente pode ficar junto. Eu venho de vez enquanto, mas num dá pra ficar o dia todo, quando é no dia de finados até o almoço eu como aqui fora”. Nesse dia uma grande estrutura de ambulantes é montada no entorno do cemitério para atender os visitantes, dentre outras coisas, observa-se a venda de lanches, comidas, flores, velas, água etc.

Em conversa com o Padre Zé Vicente ele nos diz que “a importância do dia de finados reside na fé dos fiéis e na certeza que a vida não acaba aqui”. Na caminhada desse dia me aproximei de Dona Francisca, uma senhora que há muito tempo estava em pé de frente a uma cova. Deveria ter bem mais idade do que mostrava a aparência, vestia uma saia verde bem comprida, uma blusa rosa salmon, um pano branco amarrado na cabeça, um rosário no pescoço e o outro na mão que segurava e rezava, pois segundo ela “quem morre só quer reza”. Na verdade, esse dia não era apenas mais um dia comum no cemitério, era um dia de festa, não festa de alegria, mas festa de homenagem. E, como toda festa é organizada, no cemitério também era. Muitas pessoas lavavam e limpavam os túmulos, colocavam flores e deixavam o cenário pronto para os acontecimentos. Uma festa que teve direito a um banho de pétalas de rosas, jogadas de um helicóptero contratado por uma empresa funerária.

Continuava praticando os exercícios do olhar e do ouvir, e um fato me chamou atenção durante esse dia no cemitério público. Em dois jazigos a frequência de pessoas e a movimentação intensa percorreu todo o dia, acendiam velas, levavam flores, cartas, papéis, rosários, fotos etc. Os túmulos pertenciam a duas pessoas que residiam no Crato antes do falecimento. O primeiro é o de um médico conhecido por todos como Dr. Gesteira, e que segundo os visitantes foi o homem mais caridoso que morou na cidade, realizando todos os procedimentos de saúde sem cobrar nada das pessoas. O segundo túmulo pertence a uma senhora conhecida como Maria

Caboré. Os visitantes afirmaram que ela foi uma deficiente mental que vivia nas ruas da cidade, prestando favores as pessoas e recebendo presentes em troca, uma vez que era muito vaidosa.

Alguns visitantes afirmaram que ela sofria muito quando ainda era viva, e quando veio a falecer “ganhou o reino dos céus”. Dessa forma, as pessoas dizem que ela é uma intercessora junto a Deus de quem a ela se apegava. Muitos costumam fazer pedidos ao seu espírito e dizem que são atendidos. O dia de finados é usado por essas pessoas como um dia para pagar as promessas que são atendidas por Maria Caboré. Maria Eunice de Oliveira, uma mulata de estatura baixa que é jardineira e faxineira no cemitério diz que é devota da finada em questão, pois fez uma promessa para o filho se curar de uma doença epilepsia e se apegou a ela. “Meu filho tem 20 anos e sofria de epilepsia [epilepsia], eu me apeguei a ela e ele se curou, primeiramente Deus e depois Maria Caboré, desde desse dia que eu limpo direto o túmulo dela de graça”.

Fiquei durante muito tempo próximo ao túmulo, pois as visitas com frequência não paravam de chegar. Em um determinado momento eu estava com Eunice, a jardineira, e se aproximou uma mulher conhecida por Marinês. A mesma chorava muito e dizia: “eu queria tanto que ela curasse meu filho que só vive bebo”. Eunice em resposta diz: “Muié, pois traga um papelzim com o nome dele e coloque no túmulo. Se apegue com ela que ela resolve”. Na mesma hora fui solicitado a colocar o nome do rapaz em um papel, que foi dobrado pela mãe e fixado no túmulo. Eunice diz que crê nela, porque “o povo diz que ela era espírita, via muita coisa”.

Dando continuidade ao trabalho visitei a EXPOMORTE, um evento que existe desde o ano de 2002 e expõe no cemitério, mais precisamente no dia de finados, os chamados “santos de luto”, que são as lembranças distribuídas nas missas de aniversário de morte das pessoas que faleceram. O idealizador e curador é o jornalista Humberto Cabral, que coleciona o material e faz sua exposição todos os anos.

No fim da tarde fui ao cemitério Jardim Anjo da Guarda, sem dúvidas um espaço sofisticado e que, com certeza, é onde enterram as pessoas com melhores condições financeiras, tendo em vista que os preços dos túmulos são mais altos. Passei a maior parte do dia no cemitério público, onde é enterrada a maioria das pessoas. O Jardim Anjo da Guarda é composto por túmulos de cimento de uns cinquenta centímetros de altura, uns dois metros e meio de comprimento e um metro de largura, todos padronizados e organizados por alas, onde podem ser observadas fotos que integram a parte superior do túmulo. É um espaço que pode ser chamado de parque, por seguir o modelo dos cemitérios americanos.

A frequência de pessoas nesse espaço era bem menor do que no outro, devendo-se ao fato de ter poucas pessoas enterradas. Na entrada do parque, um grande painel foi montado para

que os visitantes deixassem suas homenagens para os mortos. Nessa ocasião, eu estava acompanhado de duas pessoas: Rita de Cássia e Marthina, que são minhas amigas desde a época em que estava na graduação. Antes de entrar no cemitério, peguei um papel e pincéis para escrever uma mensagem para Dona Imêlda, ela fora minha vizinha quando morei no Crato e faleceu no dia 18 de Abril de 2013. Dessa forma, fixei a mensagem que relatava sobre a saudade que eu estava dela, e entrei no cemitério. Fiquei passeando por entre os túmulos e observei que algumas pessoas choravam ao redor e acendiam velas em umas estruturas de ferro que existem em cada ala. Pude observar que está sendo feita uma ampliação. Acredito que a empresa esteja visando à obtenção do lucro com a venda dos espaços. Assim, finalizei a minha observação no dia dos mortos.

Conclusão

A pesquisa de campo fez com que o pesquisador apreendesse as diversas experiências positivas, como processos que o ajudam a delinear os caminhos compreensivos da pesquisa ou, as negativas, como as dificuldades e entraves para o estudo, mas que também, como as vivências positivas, podem resultar em informações que, de outra forma, não seriam reconhecidas pelo pesquisador. Às vezes, as dificuldades podem trazer algum prejuízo ao trabalho, entretanto, podem servir como estímulo e um melhor desempenho da pesquisa. Nesse sentido, as experiências no campo são elencadas para que se tenha uma compreensão da trajetória realizada. Acredito, igualmente, que as maiores dificuldades do pesquisador podem estar ligadas às inseguranças, incertezas e todas as crises possíveis da sua vida pessoal.

Por outro lado, Pelúcio (2007, p. 94) afirma que “muitas vezes estamos verdadeiramente confusos com tanta teoria, e não esclarecidos ou guiados por elas. Essa confusão pode turvar nosso olhar inicial ou, [...] colocar lentes que focam de maneira restrita nossa percepção inicial”. Corroborar com a autora é dizer que muitas vezes o acúmulo da teoria pode confundir o pesquisador, levando em consideração, principalmente o contexto em que é realizada a pesquisa, ou seja, o contexto específico pode apresentar resultados diferentes do que é dito por outros pesquisadores.

Pelúcio (2007) ainda me fez refletir sobre como o desconhecimento do campo, das informações e das referências pode aparecer como dificuldades, mesmo já tendo tido uma traje-

tória de pesquisa na cidade em outras ocasiões. Ela chama a atenção de que cada pesquisa envolve um novo recorte do objeto. Informa também que cada recorte é diferente do anterior, mesmo quando se trabalha com a mesma temática.

Lembra-nos ainda, que novos elementos surgem a cada momento, que as possibilidades de estudo são sempre dinâmicas e outros e sempre novos aspectos são, deste modo explorados, em cada novo movimento do olhar para a temática e para universo estudado. Por fim, ela confessa que esse não conhecimento de algumas informações referenciais traz sempre um pouco de insegurança ao pesquisador, mas sempre como desafio, como desejo de novas descobertas. Não vejo isso como prejudicial, mas como um novo desafio a ser enfrentado com a presença do pesquisador em campo.

A pesquisa em debate foi desenvolvida em um contexto familiar ao pesquisador. Segundo Velho (1980, p. 128), “o processo de descoberta e de análise do que é familiar pode, sem dúvidas, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico”. Assumindo essa perspectiva, assim, passo a compreender um fenômeno que me é familiar, como morador local, mas não conhecido e interpretado por mim, ainda, mesmo já tendo rascunhado uma monografia de conclusão de curso de graduação, como pesquisador pós-graduado.

Por fim, de acordo ainda com Velho (1980, p. 132) é interessante notar que:

De qualquer forma *o familiar*, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas.

A partir desse ponto de vista, este trabalho concebe que a etnografia só se produz porque é preparada por uma presença continuada no campo, uma atitude de atenção viva e sempre, sempre crítica e de cunho compreensivo. “Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá”, afirma Magnani (2009, p. 136).

Há uma distinção entre prática etnográfica e experiência etnográfica, enquanto a prática é programada e prevista, a experiência é imprevista e descontínua. Postula-se assim que a etnografia é o método próprio da antropologia, em seu sentido mais amplo.

Ainda pode-se falar em um pressuposto de totalidade, onde os fragmentos coletados em campo organizam-se em um todo que oferecem pistas para novos entendimentos. Assim, é a experiência vivenciada no campo que vai constituir a autoridade do pesquisador.

A experiência no campo é que produz os dados a serem analisados, pois, como afirma Gilberto Velho (1980, p. 128) é o “próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade

e a cultura [que] possibilita uma dimensão nova de investigação científica de consequências radicais – o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente”. É necessário, assim, estar atento a uma relativização do objeto, a partir de uma reflexão sistemática: eu posso estar acostumado com a rotina, com o cenário, mas não com as suas relações e com a lógica que as determina. Sobretudo, de como se dão essas relações diante, no caso aqui trabalhado, dos rituais fúnebres. É a partir da pesquisa e da compreensão analítica científica que passamos a analisar o objeto aqui problematizado.

Frente a isso, se percebe a permanência do pesquisador no campo, não só como mero espectador, mas, e, sobretudo, como alguém que já faz parte dele. Dias (2007, p. 83), ao realizar sua pesquisa em terreiros de umbanda afirmou que a “[sua] presença era passível de “leituras” daqueles que ali estavam, sendo assim, [ele] fazia parte do ritual, podia não ser um deles, mas era como se fosse”.

Dessa forma, o pesquisador sofre influência do campo, da mesma forma que os familiares sofriam sua interferência como interlocutor acidental e atípico no cenário de um velório de um ente querido morto de outro qualquer, pesquisado. Do mesmo modo que o pesquisador pode também se emocionar diante da dor dos outros, dos presentes, como íntimos do morto em um velório.

Isso faz parte da rotina da afetação a que o pesquisador e os pesquisados se encontram como personagens presentes em um mesmo cenário de dor. Confesso que, na maioria dos velórios a que estive presente procurava incorporar um sentimento de tristeza e chorava ao tempo em que os fatos iam acontecendo. Isso me fazia depois refletir sobre essa afetação, que ia além do ato civilizado de composição de um personagem em um ambiente austero de dor. Dias (2007) salienta, ainda, que não há como fugir ao código de reciprocidade local ou da cena em que você observa, uma vez que o pesquisador precisa de informações, e que precisa estar presente e compor o cenário da melhor forma possível, para compreender os fatos que observa. E que, por outro lado, o grupo também se expõe, pois também quer, de certa forma, notoriedade.

Ao participar de um velório de uma pessoa que era próxima a mim, sua família sabia que eu estava no velório para me despedir da pessoa falecida, mas, também, para realizar pesquisa. A minha presença ali não era apenas como amigo ou parente, mas, com certeza, os familiares estavam imaginando e refletindo sobre o que eu levaria para escrita do meu texto.

Mesmo sabendo que as pessoas envolvidas no processo fazem parte do meu ciclo de amizades, não poderia deixar de participar do momento como pesquisador, e nem me limitar a fazer interpretações apenas das suas falas, pois, como nos ensina Brandão (2007, p. 15), “uma

coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o antropólogo vê; aquilo que o pesquisador vê acontecendo”.

Ao participar de um velório de uma pessoa que não conhecemos, por outro lado, podemos ser notado pelos familiares como alguém que não fazia parte do círculo do falecido, mas, que está participando daquele momento, provavelmente para se solidarizar com a família que passa por um momento difícil. É muito comum isso acontecer nas cidades do interior.

Em um velório que aconteceu no Centro de Velórios da Funerária Vida fui indagado por um dos familiares do falecido se eu estava trabalhando naquele lugar, acredito que isso tenha acontecido por me identificarem como não sendo do seu círculo de parentes e amigos, então, eu disse que estava participando com o objetivo de fazer uma pesquisa sobre a morte.

Em algumas situações a pesquisa necessita de segredos, não é tudo que acontece no campo que precisa ser textualizado, há muitas coisas que ficam nos bastidores. As inseguranças, experiências de algum modo negativas, e até crises podem não ser tratadas nos resultados. O que importa é o que você coletou, é isso que deve ser apresentado. “Não há cursos que ensinem especificamente a tornar-se antropólogo ou a escrever excelentes etnografias. Acredito que o fazer é uma mistura de condições e afecções”. (DIAS, 2007, p. 90-91).

Assim, eu, como pesquisador, não podia deixar de ser notado no campo. Então, qual a posição que um pesquisador deve assumir em campo? O que pode um pesquisador fazer para que haja reciprocidade? Acredito que o fato de participar de um evento como estudioso, faz o pesquisador participar do processo de reciprocidade local, mesmo como participante atípico, tendo em vista que, enfocando aqui o objeto de minha pesquisa, como informa Cordeiro (2009, p. 15), em um velório “tem-se um encontro de muitas pessoas conhecidas e que pouco se encontram. Há uma sociabilidade presente. Em ocasiões especiais de festa popular ou de um enterro, elas se reveem”.

Nessa problematização, não se pode perder de vista a questão da solidariedade prestada pelos entes próximos (parentes distantes, amigos, vizinhos etc.) aos familiares dos que morreram, por estarem passando por um estado de perda. Bem como, o pesquisador não pode ficar como invisível ou ausente desse processo de solidariedade e reciprocidade ritual. No ato do fazer etnográfico, ao estar em campo, o pesquisador se encontra no jogo de tensões exposto no cenário e na situação de que participa. Lembro: como um elemento atípico, jamais como um participante objetivo do cenário que estuda. Acredito que é nesse sentido que podemos, como pesquisadores, sermos vistos e estarmos posicionados, enquanto indivíduo que está presente,

participa, presta solidariedade, mas, ao mesmo tempo, está fora, observa a cena, a analisa criticamente, para melhor poder interpretá-la.

CÁP. 02. MORTE E RITUAIS FÚNEBRES NO CONTEXTO URBANO DO CRATO

A morte tratada como fenômeno social é algo que percorre o tempo. Os trabalhos desenvolvidos sobre esse tema são dinâmicos e cumulativos, apreendendo um grande conhecimento e acompanhando as mudanças que permeiam o fenômeno em torno e em cada sociedade e cultura. Esse capítulo apresenta algumas escritas e conceitos que abordam o tema em questão e elenca os rituais de despedida no contexto urbano, tomando a cidade, e a cidade do Crato, não como objeto, mas cenário deste estudo, na perspectiva da Antropologia Urbana.

A cidade tornou-se lócus das pesquisas antropológicas dedicadas aos grupos urbanos, pela complexidade existente e o seu papel significativo nas sociedades modernas. Desde o início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos, o foco de pesquisas e compreensão das cidades começa a ganhar uma dimensão nova nas ciências sociais e, especificamente, na Antropologia. Porém, como uma área nova de pesquisa, a Antropologia Urbana se desenvolve a partir da segunda crise epistemológica da Antropologia, com a chegada dos anos de 1970, nos Estados Unidos (ORTNER, 2011).

Neste sentido, a Antropologia Urbana debruça-se sobre observações que são permeadas pelo fenômeno da modernidade, que está marcada por diversas características importantes, sendo uma delas o crescimento de grandes cidades.

As transformações ocorridas a partir da importância adquirida e dada às cidades na modernidade modificaram a vida social das cidades e dos indivíduos que nelas habitam. Dessa forma, um novo cenário é criado. Ao afirmar que a cidade tem uma importância fundamental na modernidade, não pretendo dizer que estas não existiam antes da Revolução Industrial e do advento do capitalismo, mas que tinham características diferentes das que têm hoje.

As grandes cidades são centro de uma realidade complexa e diversificada em todos os sentidos, culturais e sociais, e estão em constante transformação. A multiplicidade de características pode se expressar nos traços pessoais, nas ocupações, na vida cultural e na ideologia dos indivíduos da comunidade urbana, bem como através dos modos e estilos de vida singulares que são produzidos pelos seus habitantes.

O crescimento acelerado das cidades, na Europa, tem início nos finais do século XIX, com uma migração crescente do campo para a cidade, sendo esse fenômeno a causa de uma das mais profundas transformações da era moderna. Bresciani (1987) ao escrever sobre Londres e

Paris do século XIX, afirma que o deslocamento de um grande número de pessoas para as cidades as transforma em um espetáculo, e a cidade figura como o palco desses acontecimentos. Quando me refiro ao êxodo rural, por exemplo, me baseio em Oliven (2007, p. 36), quando afirma que o impulso para grande parte da população migrante “a cidade é encarada como um espaço de liberdade e possibilidades, na medida em que o emprego regular é visualizado como uma segurança e independência, inexistentes no campo”.

No caso brasileiro, esse processo migratório do campo para a cidade acontece a partir dos anos de 1960 e, mais especificamente, dos anos de 1970 (OLIVEN, 2007). O processo de mudança dos indivíduos da zona rural para a zona urbana produziu um crescimento exacerbado da população citadina, causando um grande impacto nos costumes e tradições¹³. Tal fator está ligado, especificamente, ao crescimento do mercado e da comercialização de bens e serviços, produzindo novos produtos e o acesso aos novos meios que são oferecidos pela modernização, nesse caso, o crescimento do mercado funerário.

Pensando como esse processo vem se dando no município do Crato, Ceará, de acordo com os dados do IBGE (2010), 83,11% da população concentra-se na Zona Urbana, ou seja, na cidade e seu entorno. No gráfico 01 pudemos perceber o desenvolvimento do crescimento urbano nos últimos 20 anos. Esse crescimento faz com que as práticas realizadas nas cidades sejam apreendidas pelos indivíduos que antes habitavam a zona rural, ou que eles reelaborem suas práticas a partir do novo contexto de vida. A realização das cerimônias de despedida, sobretudo o velório, que passa a ter um local para sua realização e ainda a presença das empresas funerárias que demonstram um grande crescimento nesse período.

Dessa forma, a grande concentração das pessoas no ambiente urbano das cidades produziu uma dinâmica nos costumes, ao tempo em que esses são aplicados em todas as práticas realizadas na cidade. Entretanto, os indivíduos ainda enfrentam a morte com receio, como um tabu, embora saibam que ela existe e que precisam tomar atitudes diante da mesma. Esse enfrentamento é necessário, pois é papel dos familiares realizar as cerimônias de despedida dos seus entes queridos.

A pesquisa, portanto, se debruça na observação dos rituais de despedida que integram a estrutura fúnebre da cidade do Crato, no estado do Ceará, e que são construídos através das relações entre os indivíduos. Esses rituais de despedida contemplam todas as cerimônias orga-

¹³Para o caso brasileiro, com especificidade nas mudanças comportamentais e ritualísticas no sentimento e vivência do luto, como uma consequência do processo de individualização crescente a partir do crescimento urbano acelerado desde os anos de 1970, ver o trabalho de Koury (2003).

nizadas com o corpo morto. Os velórios, missas de corpo presente, cortejos fúnebres e sepultamentos integram esses rituais que foram observados no decorrer da pesquisa do contexto urbano cratense.

A tristeza, o choro e as lamentações permeiam todas as cerimônias observadas. Em conversa com Flávio¹⁴, que estava participando do velório de seu pai que havia morrido de um *Infarto Agudo do Miocárdio*, indaguei como ele enfrentaria a vida a partir daquele dia e ele afirmou: “Meu pai era a minha maior referência, o meu porto seguro. Vai levar algum tempo para que eu enfrente a vida novamente com alegria. A morte é uma tristeza.”. Nessa fala podemos perceber como o luto é vivenciado pelos cratenses. A tristeza e a dor da perda coloca os indivíduos em uma situação de reclusão, onde temem enfrentar a vida depois do sepultamento de um ente querido.

Ao participar de um sepultamento no Parque Jardim Anjo da Guarda pude observar outra fala que diz respeito ao enfrentamento da morte. Uma senhora chorava ao ver o caixão de seu filho descer para dentro da sepultura. “Que dor! Aí meu nosso senhor Jesus Cristo, me leva meu Deus, eu não vou aguentar voltar pra casa sem meu filho, aiiiiiiiiiiiiiiiiiii.”. Dona Jandira¹⁵ tinha perdido seu filho de 17 anos em um acidente de moto.

Percebemos aqui que a volta para casa sem o ente querido é temida pelas pessoas. Os sujeitos sabem que a morte acomete a todos, mas não conseguem imaginar a continuação da sua vida sem aquela pessoa da sua família, principalmente quando o grau de parentesco é bem próximo como no caso de Dona Jandira. Além disso, se trata de uma inversão na ordem natural da vida e da morte em que os filhos devem enterrar seus mortos. Na experiência desta informante, o filho ainda jovem, morre de forma inesperada.

Vale ressaltar a importância do processo ritual de Turner (1974) para compreensão dessas atitudes diante da morte. O acontecimento em si pode ser compreendido como a separação com os demais indivíduos que integram sua rede de relações sociais, bem como o convívio na sociedade. A liminaridade enquanto processo transitório, se apresenta a margem dos ritos de passagem, é um momento de morte social para o falecido e ainda um momento de transição para os familiares. Após a liminaridade, as relações sociais retomam a ordem, renascendo e reaparecendo na estrutura social, sendo destituídas das posições anteriores que ocupavam, passando a se organizar com um novo arranjo, desta vez, sem a presença do ente querido. É o

¹⁴ Flávio, 23 anos, estudante, morador do bairro Muriti – filho de Seu Valdemar, 53 anos. O mesmo não sofria nenhum problema de saúde. Depoimento dado em: 28 de Maio de 2015.

¹⁵ Jandira, auxiliar administrativo, 42 anos. Moradora do Bairro Seminário. Depoimento dado em 07 de Maio de 2015.

momento de reagregação e de reintegração social, quando se finda o processo ritual de passagem, e os sujeitos passam a se organizar após esse momento de desordenamento.

A modernidade e as práticas da cidade são responsáveis pela mudança em alguns costumes e aqui cabe falar sobre o luto. Após o velório, a missa de corpo presente e o sepultamento inicia-se um processo de luto por parte dos familiares mais próximos. Cândida Galeno (1977) afirma que ainda no início da segunda metade do século XX, o luto era encarado com rigidez nos comportamentos dos indivíduos. Algumas pessoas, por exemplo, chegavam a vestir preto durante um ano, pois a cor representa o luto. A dor da morte e este tempo eram considerados necessários para prestar homenagem ao falecido (pessoas que não guardavam esse período eram alvo de fofocas). Percebemos através de conversas informais com algumas pessoas que, no Crato, o luto ainda é vivenciado a partir das lembranças dos que morreram, com as orações, com as missas que são celebradas, Nos seguintes tempos: sete, com um mês de morte e também com um ano. No entanto, as pessoas não vestem preto para dizer que estão de luto, mas evitam momentos de descontração e de alegria.

Frente a isso, podemos perceber que mesmo os costumes sendo moldados pela dinâmica da cultura, a atitude do homem diante da morte continua a mesma, ou seja, o receio no enfrentamento da vida após a morte de um ente querido, a dor de seguir a vida sem seu familiar. O luto, embora não seja mais demonstrado a partir das vestimentas pretas, é praticado através do resguardo social, período as pessoas que passam pelo processo evitam participar de momentos de descontração. Os sujeitos expressam seu luto através da oração para salvação da alma do falecido.

Os rituais de despedida são um dos aspectos do fenômeno da morte. Dessa forma, se faz necessário discutir sobre esse fato social como objeto da antropologia. “Falar cientificamente da morte é considerá-la como objeto e, logo, pô-la à distância”. (RODRIGUES, 2006, p. 11). Mas a morte não é objeto em si mesmo, neste trabalho. O objeto aqui trabalhado é o tratamento social e cultural dado ao fenômeno: são as práticas, as cerimônias e os rituais fúnebres.

A morte é um fato que permeia as relações sociais dos indivíduos, mesmo sendo um fenômeno factual que ninguém sabe em que momento vai acontecer. Sabe-se que o indivíduo tem consciência que vai acontecer, pois, “[...] o homem é o único a ter verdadeiramente consciência da morte, o único a ‘saber’ que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera”. (RODRIGUES, 2006, p. 18).

Dessa forma, pode-se afirmar que em cada sociedade o homem terá atitudes diferentes diante da morte e dos mortos. Frente a isso, e corroborando com DaMatta, podemos afirmar

que “todas as sociedades têm de dar conta da morte e dos mortos, mas há um padrão visível quando se lançam os olhos sobre a questão” (1997, p. 123). Esse arquétipo pode ser associado às atitudes do homem diante do corpo morto e ao trato que é dado ao mesmo.

Assim, “qualquer que possa ser a maneira de ver e tratar com a morte, esta será instituída de acordo com o social-histórico criado pela sociedade e pelo indivíduo, enfim, pelo imaginário”. (REESINK, 1995, p. 29). Cada sociedade tem suas atitudes específicas e formas de se organizar diante do fenômeno, e são construídas a partir do coletivo.

Na perspectiva de Durkheim (2007), são as relações sociais e o meio que ditam as regras de organização das cerimônias rituais e as formas de comportamento diante da morte. Assim, “a apropriação da ideia de morte é, pois função da interação do sujeito com os seus parceiros, com o seu próprio eu, com a sua cultura”. (RODRIGUES, 2006, p. 22). A ideia de morte é construída através dessas relações, sobretudo das relações coletivas dos indivíduos com a cultura e com o meio em que vive. “Van Gennep (1969) e Hertz (1970) demonstraram que a morte é, para a consciência coletiva, um afastamento entre o indivíduo e a convivência humana”. (p. 42). Assim, poderemos perceber que é um fenômeno que põe fim às relações construídas pela coletividade.

Os rituais de despedida compreendem um momento cuja realização consiste em demarcar socialmente a separação da pessoa, enquanto sujeito de relações sociais do grupo (pai, filho, filha, amigo, esposa etc.), e o corpo que é velado como “objeto” de representação da pessoa que foi.

Como Flávio disse, se trata de reconhecer durante o ritual a perda do ente de referência social, o lugar do seu pai, e essa condição deve dizer muito sobre o que significa – quem fica no lugar? E outras questões sociais para a família, que passaram a ser recompostas a partir dali.

Assim também para Dona Jandira, não é apenas a perda inesperada do filho de 17 anos. É o projeto familiar para ele, o lugar dele no grupo familiar e no social mais amplo. São redes de relações que são quebradas e precisam ser recomposta.

A concepção cultural e social da morte e as atitudes do homem diante dela, especialmente nos rituais de despedida, são peculiares às relações desenvolvidas e permeadas pelo fenômeno. No caso da sociedade brasileira, Roberto DaMatta afirma o seguinte:

[...] a morte no Brasil é concebida como uma passagem de um mundo a outro, numa metáfora de *subida* ou *descida* – algo verticalizado, como a própria sociedade – e jamais como um movimento horizontal, como ocorre na sociedade americana, onde a morte é quase sempre encapsulada na figura de uma viagem aos confins, limites ou *fronteiras* do universo. (DaMatta, 1997, p. 129).

Assim, a morte no Brasil é concebida como uma passagem feita para outro mundo. É uma separação do indivíduo com seus entes e com o meio em que vive. O outro mundo está marcado pelo signo da eternidade e da relatividade. “É um local de síntese, um plano onde tudo pode se encontrar e fazer sentido”. (DaMATTA, 1997, p. 137).

É na concepção de *outro mundo* proposto por DaMatta que podemos entender o fenômeno da morte ligado à passagem para outro plano. Sabemos ainda que “por toda parte a morte é entendida como um deslocamento do princípio vital”. (RODRIGUES, 2006, p.39). Esse deslocamento é compreendido como o fim da vida de um indivíduo, onde o corpo material perde os seus princípios biológicos de funcionamento.

O fim da vida refere-se então, a um árduo processo de separação do indivíduo morto com o mundo dos vivos, sobretudo com seus familiares e com aqueles com quem mantinha uma relação de convívio e de proximidade. Dessa forma, podemos corroborar com Rodrigues ao afirmar que:

Como fenômeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho exige todo um esforço de desestruturação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. (2006, p 42).

Esse processo de desagregação requer um equilíbrio mental e emocional dos indivíduos que passam por ele. A perda de um ente querido é um momento de crise que afeta as relações e a ordem social, ocasionando um desordenamento na estrutura social e no contexto em que o indivíduo morto estava inserido. Assim, a desagregação é esse trabalho penoso de despedida de seus entes, principalmente nas cerimônias que são realizadas para tal fato.

Dessa forma, “emergem na cena os ritos funerários. Para cada sociedade, um complexo ritual, complexo que é um verdadeiro teste projetivo da vida coletiva.” (RODRIGUES, 2006, p. 40). Nesse sentido, os ritos funerários de despedida que emergem da experiência coletiva são permeados por mudanças ao longo dos tempos. E aqui é nossa tarefa compreender como esses rituais se organizam na cultura fúnebre da cidade do Crato.

A morte é o fim da vida material para os católicos, pois eles acreditam na existência da alma e que após a morte ela vai para o céu ou para o inferno, dependendo dos feitos do morto ainda em vida. Como em muitos outros lugares, quando se constata o óbito de alguém, na cidade do Crato, logo se inicia a preparação dos rituais que servem para despedida dos vivos para com o morto. A primeira providência a ser tomada é a liberação do corpo por parte da família, seja no hospital, no Serviço de Verificação de Óbito/SVO ou no Instituto de Medicina Legal/IML.

A liberação é feita no hospital quando o óbito é constatado no mesmo, no SVO quando o indivíduo morre em casa ou tem sua morte com causa desconhecida e no IML quando a morte é causada por acidente, homicídio ou suicídio.

Em seguida, alguma funerária é acionada para preparar o defunto, o local do velório e as demais cerimônias que seguem. Após receber a Declaração do Óbito no hospital, a família segue imediatamente para registrar e tirar a Certidão de Óbito no Cartório.

A empresa recebe a Declaração de Óbito que deve estar em posse da família para a retirada do corpo do local onde se encontra, leva o corpo para a funerária para o início da ornamentação. Enquanto alguns funcionários da empresa preparam o morto, outros preparam o cenário para receber o corpo, seja na casa ou no Centro de Velório.

Após a chegada do corpo no local do velório, começam as visitas das pessoas que se despedem do seu ente. Os que visitam os velórios o fazem como uma forma de obrigação social. É uma obrigação moral participar do velório de seus parentes e amigos.

Eu participava de um velório quando observei uma senhora chegando acompanhada de um rapaz e, assim que adentrou o recinto, se dirigiu rapidamente em direção ao caixão. Logo no caminhar apressado para onde se encontrava o morto, ela prosseguia dizendo: “Oh meu Deus! É isso mermo”, acredito que se referindo ao morto. E dizia para o acompanhante: “meu fĩ bora sentar aqui um pouquim que eu tou cansada de enterrar gente, todo dia assistindo enterro, mas eu só deixo quando eu for”, quando saía do lado do caixão. Na fala, podemos perceber que ela participa do velório como uma obrigação e que só deixa de participar como visitante quando for o dela mesmo.

Os velórios seguem com a presença dos indivíduos, seja no ambiente familiar ou nos Centros de Velório, que por muitas vezes fazem orações em volta do corpo morto, ritos que antecedem a missa de corpo presente que é presidida por um vigário e acontece assim que termina o velório. Mesmo acontecendo as rezas durante o velório, em todos as cerimônias que acompanhei foram realizadas missas de corpo presente. Após a chamada *missa de corpo presente* o caixão é levado em cortejo até o local do sepultamento. Por fim, os rituais de despedida são compreendidos em velório, missa de corpo presente, cortejo fúnebre e sepultamento.

No Crato, as salas de velório estão situadas na Funerária Vida e no Centro de Velórios da AFAGU e há ainda a sala de velórios do Cemitério Público, como já dito. Na Funerária Vida existem duas salas para tal. Cada uma composta por cadeiras de ferro, muito bem acolchoadas, com almofadas vermelhas e bem confortáveis. Um pedestal que parece ser de acrílico com ferro fixo no meio e em uma das salas como fundo a tela de uma televisão que serve para passar

músicas, fotos e vídeos dos falecidos. Na outra um grande imagem em relevo de Jesus Cristo. Em ambas, suítes para acomodação dos familiares que passam mal. Atrás das duas salas existe um tipo de sala de espera composta por quatro cadeiras, um tapete e um centro ao meio. Há ainda no teto das salas câmeras, que podem ser utilizadas para transmitir, mediante autorização da família, o velório para o site da empresa na internet e que podem ser visualizados em qualquer lugar, bastando a família passar a chave de acesso aos interessados.

No Centro de Velórios Anjo da Guarda existem quatro salas com cadeiras de plástico, suporte para caixão, pedestais para coroas de flores, castiçais, tapetes e no fundo um painel de madeira com uma cruz e velas artificiais. Conforme mostra a foto 01 abaixo:

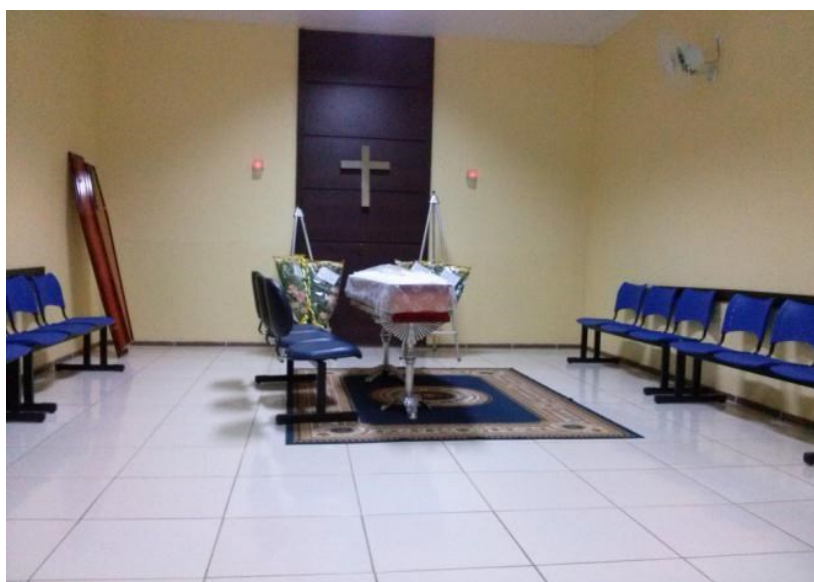


Foto 01. Sala de Velório. Tirada em 28 de Maio de 2015 no Centro de Velórios AFAGU.

O Crato e o morrer no Crato hoje

Atualmente, as pessoas não morrem mais somente em casa, elas são levadas para os hospitais para receberem cuidados médicos. Assim, na maior parte das vezes, são os serviços especializados que cuidam dos moribundos no seu leito de morte, “já não se morre em casa, rodeado pela família, mas no hospital, sozinho”. (MARANHÃO, 2008, p. 13).

Hoje, transferiu-se o morrer para o hospital, para onde os indivíduos doentes são deslocados. Morre-se, portanto, cada vez menos em casa, entre os familiares.

De acordo com Rodrigues (2006, p. 167), assim,

a expulsão do doente e a invenção do hospital como lugar aonde se vai morrer são contemporâneas do desenvolvimento da ideologia da higiene e da decomposição da instituição familiar”. [Seguindo o seu raciocínio], “no hospital a morte não é mais a cerimônia pública que sempre a caracterizou na história do Ocidente, a que o moribundo presidia em meio a seus vizinhos, amigos e parentes.

No gráfico 03 (abaixo), de acordo com dados do ano de 2014, podemos visualizar que grande maioria da população Cratense morre nos hospitais.

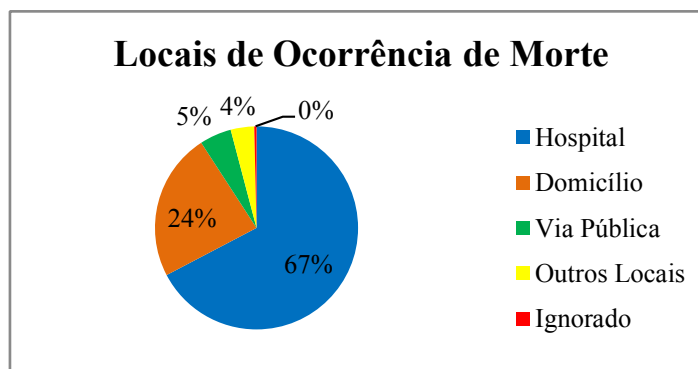


Gráfico 03. Locais de Ocorrência de Morte, 2015

Fonte: Sistema de Informações da Secretaria Municipal de Saúde do Crato, Ceará

A história nos mostra que, há algum tempo atrás, as mortes aconteciam com grande frequência no ambiente familiar, ou seja, na casa do falecido. Os dados atuais, informados pela Secretaria de Saúde do município do Crato, me fizeram perceber e corroborar com as afirmações mencionadas acima de que não se morre mais em casa como antes. Pelo contrário, a morte foi transferida em sua grande maioria para os hospitais. Os dados do gráfico comprovam que o Crato acompanha esse processo de mudança histórica, onde a grande maioria dos cratenses morre em algum hospital. No entanto, um quarto – 24% ainda permanece em casa. As mortes que acontecem em casa, em sua grande maioria são as mortes súbitas (infartos, acidente vascular cerebral etc.), suicídios e alguns homicídios.

Os velórios também mudaram, na maioria dos casos. O ritual funerário, contudo, se renovou, mas permaneceram práticas tradicionais. Os processos do morrer e do velar ainda continuam mistos de tradição e modernidade. Ambíguos. Assim, “a cultura funerária brasileira da atualidade seria, então, formada pela convergência de diversas culturas funerárias que remontam à colonização” (CORDEIRO, 2009, p. 11).

Muitas práticas tradicionais vêm sumindo do processo moderno e contemporâneo da morte e do morrer. Um exemplo são as cartas de condolências que eram enviadas aos familiares e o trajar o luto é algo mais discreto. “De cinquenta anos para cá, as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente, ocorrendo uma verdadeira ruptura histórica” (MARANHÃO, 2008, p. 9). Um exemplo dessas mudanças, no Crato, são as carpideiras¹⁶.

¹⁶ De acordo com Cascudo (1954), a Carpideira é uma profissional feminina cuja função consiste em chorar para um defunto alheio. A partir do estabelecimento de um acordo entre a carpideira e os familiares do defunto, a carpideira chora e mostra seus prantos sem nenhum sentimento, grau de parentesco ou amizade, e é paga por isso.

Figuras, até poucas décadas atrás, indispensáveis e obrigatórias para a realização dos velórios, pois as mesmas tinham a função de chorar e derramar lágrimas para incentivar os demais presentes nos velórios. Atualmente não encontrei registros da contratação dessas profissionais.

O ritual funeral de despedida, nos dias atuais, no universo por mim pesquisado, é realizado por empresas especializadas para tal fim, como já vimos falando atrás. Com o surgimento das funerárias, tem início, também, a um refinamento do mercado da morte no Crato. Essas empresas se especializam no cerimonial do adeus e do processo da morte e, a partir de então vendem planos para grupos de pessoas, que pagam parcelas mensais para usufruírem dos serviços de assistência no momento da sua morte.

Para Loureiro (2000, p. 102), “a indústria funerária e as pompas fúnebres criam imagens que lhe favorecem o lucro, escamoteando, no momento da emoção, sua verdade, impedindo que se questione tal práxis”. Segundo Koury (2004, p. 06), o comércio fúnebre visa facilitar o despacho e o transpasse do morto e, a cada dia, as pessoas ornamentam mais as mortes. Vale ressaltar que, para Rodrigues (2006, p. 180), existe ainda uma

outra consequência dessa comercialização da morte: a lógica do sistema impõe a produção em série. A criatividade tradicional desaparece, a morte se transforma em catálogo. Os catálogos contêm tudo: modelos de sepulturas, de caixões, de epitáfios, de alças de metal, de cerimônias fúnebres, de coroas de flores, de anúncios fúnebres [...].

Esses aspectos acompanham a modernidade e o processo de urbanização advindos do desenvolvimento do capitalismo e se desenvolvem principalmente nos centros urbanos. A cidade é mais uma vez o cenário para produção de tais práticas que estão ligadas ao fenômeno social da morte. Frente a isso, se faz necessário conhecer as empresas e os espaços ligados à morte e que estão inseridos no contexto urbano da cidade do Crato.

A morte é o fenômeno derradeiro. As práticas fúnebres e a gestão do corpo morto são incumbências dos vivos que preparam todos os rituais de despedida do ente querido. Ao estudar o lidar com a morte entre católicos do bairro de Casa Amarela, no Recife, Pernambuco, Reesink (1995, p. 57), define as práticas fúnebres do seguinte modo: “entende-se por práticas fúnebres quando os indivíduos e a comunidade realizam a ritualística e a simbologia católica da morte”.

Neste trabalho, assim como o de Reesink, se estudam as práticas fúnebres entre os adeptos da religião católica. Entende-se, porém, que a sociedade e sua cultura desenhem práticas fúnebres e o catolicismo seja uma forma ritual entre outras possíveis, em uma sociedade complexa, como a brasileira, e, especificamente, aqui, no Crato, Ceará.

A ritualística tem início imediatamente ao acontecimento do óbito. A simbologia religiosa, no caso, aqui, a simbologia católica, se faz presente no local do velório e nos ritos que seguem, como as orações, a missa de corpo presente e o sepultamento.

Para que possa ter início o velório do morto, porém, o corpo ainda percorre alguns caminhos. No contexto do Crato, como visto, o gráfico do segundo capítulo apresenta os locais de ocorrência de morte na cidade: os hospitais, vias públicas e domicílios são os locais onde acontece o maior número de óbitos.

Foi observado, no Crato, que, quando a morte acontece em um hospital, na maioria das vezes, o corpo não precisa ser levado para ser atestado óbito em outro estabelecimento de saúde. Mas, existem algumas exceções, como é o caso do Senhor Francisco, que faleceu dia 16 de abril de 2015, no hospital São Francisco, e não fazia 24 horas que o mesmo havia dado entrada no hospital. Dessa forma, não foi possível para os médicos identificarem a causa da sua morte. Ele foi colocado no Necrotério e depois foi levado na ambulância do hospital até o Serviço de Verificação de Óbitos – SVO, que fica localizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri na cidade de Barbalha, Ceará.

Após a análise pelos médicos legistas de Barbalha, foi diagnosticado um câncer agressivo no pâncreas, razão da morte de Seu Francisco. O intervalo de tempo entre a entrada no hospital e o seu falecimento não foi o bastante para realização desse diagnóstico, sendo dessa forma o corpo levado para o SVO para um diagnóstico concreto.

A filha do falecido e sua esposa o acompanharam para liberação do corpo. Uma sobrinha ficou responsável para acionar a empresa funerária, pois a família pagava o plano mensalmente.

Após lavrado o atestado de óbito, o corpo foi liberado e a empresa Vida fez o traslado do corpo de Barbalha até o Crato, o levando diretamente para o Centro de Velórios onde seria a seguir arrumado e velado.

Há também algumas mortes que acontecem no domicílio e o corpo precisa ser levado para o SVO: é o caso das mortes imediatas, as chamadas “mortes de uma hora pra outra”¹⁷. Em determinadas situações o indivíduo está em casa e morre, fazendo-se necessário que o serviço já mencionado seja acionado para descobrir a causa e a emissão do atestado de óbito.

Quando a morte acontece em via pública, na maioria das vezes por acidente ou homicídios, outro órgão entra em ação: é o Instituto Médico Legal – IML que fica localizado em

¹⁷Na linguagem popular essas mortes acontecem quando o indivíduo não apresenta nenhum sinal de doença e não acontece nenhuma tragédia. O sujeito estar vivo e subitamente vem a óbito por alguma causa que pode ser atestada posteriormente.

Juazeiro do Norte. Quando acontecem homicídios na residência, ou suicídios, o órgão acionado é também o IML.

O morto só não necessita ser levado para o SVO ou para o IML quando o óbito acontece no hospital e tem a causa conhecida pelos médicos que lá trabalham. Em todos os casos a empresa funerária contratada pela família é responsável pela retirada do corpo morto do local onde foi atestado o óbito e o mesmo só é removido mediante apresentação do formulário de Declaração de Óbito preenchido. (Ver anexo I: Modelo de Declaração).

Mudanças e permanências nos costumes e no lidar com a morte e seus rituais no Crato

Koury (2004, p. 03), em um ensaio sobre os costumes rituais do lidar com a morte, informa que “um corpo [morto] necessita de um destino, senão contamina os vivos, pela putrefação do cadáver, entre outros elementos nocivos à saúde pública, e também pela visão simbólica que diferencia o corpo humano do corpo animal”. Cymbalista (2002, p. 76), por sua vez, afirma que a partir do século XIX começa a se observar a construção dos cemitérios, locais onde são enterrados os mortos.

É uma época onde o processo de higienização e a preocupação com a saúde pública começa a vigor, na Europa, tanto quanto no Brasil, como uma forma de adequação dos costumes à lógica urbana que começa a se solidificar com o capitalismo emergente. Os corpos deixam de ser jogados de qualquer jeito pelos campos, e também de serem enterrados nos adros das igrejas. (ARIÈS, 2003)

Os cemitérios são deste modo, padronizados como locais para sepultamento dos mortos humanos. São formados pelos túmulos, locais de sepultamentos individuais e familiares que abrigam símbolos de religiosidade.

O corpo deve ser enterrado em covas nos cemitérios, lugar destinado para tal fim, e o cemitério passa simbolicamente a representar a sociedade dos vivos que visitam seus mortos neste lugar. As formas tumulares no Crato não seguem um padrão definido. Há alguns anos a maioria das covas era feita na terra crua e algumas permanecem até hoje no cemitério público. Os túmulos em alvenaria tomam de conta da maior parte do espaço, alguns têm uma forma mais simples e outros são muito sofisticados, construídos de acordo com a condição financeira da família do falecido. No Parque Jardim Anjo da Guarda todos os túmulos seguem um padrão definido. Essas covas são chamadas de túmulos,

O túmulo, no início, não tinha o mesmo sentido, não era necessário demarcá-lo, nem saber o lugar onde eram repousados os restos mortais. Já depois passa a ser uma exigência saber onde se pode venerar, cultivar os mortos, rendendo-lhes homenagens. (LOUREIRO, 2000, p. 93).

Assim, de acordo com Loureiro, antes do século XIX o túmulo não tinha o mesmo sentido simbólico que tem atualmente. Hoje é tido como um lugar santificado, onde os familiares católicos fixam imagens de santos e flores que simbolizam paz para a alma do falecido. Acima de tudo, o jazigo estabelece o lugar do familiar no cemitério, não mais um outro anônimo – do corpo jogado na vala (ARIÈS, 2003), mas de um outro singularizado (RODRIGUES, 2006).

Os túmulos são visitados com frequência, principalmente nos aniversários de morte e no dia de Finados (02 de Novembro). “Os que morrem são lembrados nos rituais pós-morte – nas missas de sétimo dia, de um mês, de um ano; no dia de finados onde seus túmulos são visitados pelos amigos; [...]”. (CORDEIRO, 2009, p. 7).

Os rituais dos vivos para homenagear e lembrar os seus mortos envolvem as orações, que têm por objetivo pedir a Deus o descanso para a alma da pessoa que se foi. O túmulo aparece como lugar de salvaguarda dos restos mortais, em que se objetiva o simbolismo de guarda do corpo. A última morada. “Aqueles que não vão à Igreja vão sempre ao cemitério, onde se adotou o hábito de por flores nos túmulos. Aí se recolhem, ou seja, evocam o morto e cultivam sua lembrança”. (CYMBALISTA, 2002, p. 81).

É uma prática doméstica e corriqueira visitar os cemitérios hoje em dia na cidade do Crato. Cada visita representa a manutenção dos vínculos sociais com a pessoa que partiu, e, também, uma forma de lembrar seus mortos e pedir a Deus por sua alma. “Este culto dos mortos e dos túmulos que é signo disto, é um elemento constitutivo da ordem humana, um laço espontâneo entre as gerações e a sociedade e a família” (ARIÈS, 2003, p. 210).

O fenômeno da morte não é aceito como algo natural, e é tratado como algo exterior. O processo do morrer e da morte, portanto, o perder um ente querido, é algo inadmissível em algumas situações, dependendo da causa que levou a pessoa a morrer, e visto como uma perturbação a ordem pessoal e social. Destarte, ao partir de uma perspectiva existencialista, o homem comum sabe que o fim do homem, de qualquer humano ou qualquer ser vivo é a morte, e, com a morte se encerra o ciclo da vida. Tem-se essa consciência, mas a sociedade contemporânea não trata esse fenômeno no cotidiano, e o indivíduo torna-se alienado em relação a sua própria morte. Deste modo, nas palavras de Loureiro (2000, p. 77): “não nos preparamos para morrer, nem tocamos no assunto “morte”, pois, supersticiosamente, tememos que, ao tratá-la com relação a nós mesmos, estaremos atraindo-a mais rapidamente”.

“O homem não vê a sua morte, vê apenas a morte do outro. O homem [individual] exclui-se do fenômeno” (LOUREIRO, 2000, p. 78). A morte é um fenômeno exterior aos indivíduos, a morte é algo que pertence ao outro. Mesmo sabendo que se vai morrer, não se quer acreditar nisso. Na nossa sociedade fala-se menos em morte e pouco se pensa sobre ela. Trata-se o morrer como algo impessoal e os finados como coisas, o homem comum tende a se excluir desse fenômeno. Entretanto, de acordo com Cordeiro (2009, p. 16), a sociedade contemporânea e os indivíduos que dela fazem parte deveriam partir da perspectiva de que “a morte é vizinha, companheira cotidiana”. De que a morte é um fenômeno que atinge todo mundo, todos já nascem sabendo que vão morrer. É um fenômeno que se repete dia-a-dia entre as pessoas.

Para Loureiro (2000, p. 91), “o homem, através dos tempos, vem assumindo posições díspares diante da morte, posições marcadas por reações variadas, por características típicas de cada época, que se apresentam, por vezes, antagônicas mediante o fenômeno.”. Como toda a sociedade é dinâmica e os fenômenos que nela ocorrem, também, com a morte os homens não poderiam lidar de forma diferente.

A morte é algo derradeiro, é a finalidade humana. A opinião de Edgar Morin, aplica-se também ao existencialismo de Heidegger, que diz: o ser humano é um ser-para-a-morte”. Deste modo, a morte é o acontecimento final da vida do ser humano, é o próprio fim da vida. Segundo Maranhão (2008, p. 7), na Idade Média, “a pessoa que pressentia a proximidade do seu fim, respeitando os atos cerimoniais estabelecidos, deitava-se no leito de seu quarto donde presidia uma cerimônia pública aberta às pessoas da comunidade”.

Nesse processo, a própria pessoa pode organizar os procedimentos assistenciais e fúnebres ao seu corpo após sua morte. Pode, inclusive, contratar os serviços funerários ainda em vida, ou seja, pagar seu caixão e seu funeral antes de morrer. Na Idade Média, portanto, “A morte [era] uma cerimônia pública e organizada. Organizada pelo próprio moribundo, que a presid[ia] e conhec[ia] seu protocolo” (ARIÈS, 2003, p. 34). Essa cerimônia presidida pelo próprio moribundo era conhecida por *sentinela*, isto é, processo de vigília onde as pessoas “*vi-giavam*” o moribundo no seu leito até o momento da morte. Em alguns casos, quando o doente estava falecendo, as pessoas acendiam uma vela e colocavam em sua mão.

Na atualidade, os sujeitos moribundos morrem nos hospitais como já foi afirmado e em muitas vezes contratam planos funerários que preveem a organização dos seus funerais. Algumas pessoas compram também lotes no cemitério privado para que possa ter o seu lugar de sepultamento.

Os rituais de despedida no município do Crato, nos dias atuais, sobretudo em relação aos velórios, vêm sofrendo mudanças, especialmente em seu local de realização e na presença mínima da família na organização do mesmo, mas permanecem como um momento de sociabilidade e de expressão dos sentimentos. Aparentemente, o principal sentimento expressado é geralmente o de tristeza, com o choro.

Além da manifestação do sofrimento, de dor e, às vezes, de desespero presentes quase sempre nos velórios, neste evento, são praticados aparentemente vários atos com caráter de festa. Estes atos foram observados por mim, enquanto pesquisador, tomando vários formatos, como, por exemplo, as *rodas de contação*¹⁸, onde são contadas piadas e histórias entre os presentes, às vezes, inclusive, sobre os ausentes; o consumo de bebidas alcoólicas, e, muitas vezes, sobressaindo-se o riso, que ultrapassa o choro, percebido como um ato de descontração.

Em um dos rituais que acompanhei, pude observar que as *estórias* sobre o morto dão o enredo da noite, enquanto se processa o velório. Eu participava de um velório organizado pela AFAGU quando, já mais de meia noite, os presentes iam se ausentando e se podia observar que só as pessoas mais próximas ficavam junto à senhora que estava sendo velada.

Os familiares se juntavam apenas em um grupo e, nessa roda, iam puxando assunto sobre a vida da agora falecida. Alguns que tinham mais ou menos a sua idade iam relembando momentos que vivenciaram juntos, das brincadeiras de quando ainda eram jovens. “Lembro muito de quando a gente passava o ano esperando a festa da Imaculada Conceição em Farias Brito¹⁹, era uma expectativa porque nossos pais deixavam a gente ir para as novenas e quando a gente saia podia ficar na Praça da Igreja participando da quermesse, Antonieta era sempre muito divertida e ficava arranjando namorados pra gente”²⁰. São esses tipos de fala que escutamos sobre momentos que foram vivenciados pelo morto juntamente com as pessoas que participam do velório.

Nos encontros proporcionados pelos velórios as pessoas relembam fatos do passado, parentes e conhecidos que há muito não se viam se aproximam e contam as novidades, conversam e contam até lorotas. A sociabilidade nesses eventos parece se materializar assim, também, de forma espontânea, no ritual de morte, como um encontro para homenagear o morto, prestar solidariedade aos familiares, mas, também, como um reforço aos vínculos sociais. Laços que se fortalecem entre os vivos ao reconfigurar o passado, a presença do morto em suas vidas,

¹⁸ *Rodas de contação* é um termo êmico local, da cidade do Crato, por mim estudada, que tem o significado de rodas de conversa, formados no decorrer de uma reunião ou evento. No caso aqui tratado, no processo ritual do velório.

¹⁹ Cidade que fica localizada na Região do Cariri e é limítrofe com o Crato.

²⁰ Fala de Maria do Rosário, professora, 62 anos, prima de Antonieta.

significar a sua presença no seio familiar e social no hoje, e projetar sentimentos e projeções para o futuro.

O clima que paira durante o velório é o de saudade e de lembrança dos fatos do passado. Os familiares ficam mais próximos ao caixão e quando chega à noite se espalham pelos diversos ambientes.

Quando o velório é realizado no Centro de Velório há uma aproximação maior das pessoas e uma presença mais significativa dos familiares com o morto. Observa-se assim que, por conta da dimensão das salas de velório, as pessoas ficam mais perto do corpo morto. Por outro lado, quando a cerimônia acontece na casa do falecido, as pessoas se espalham pelos diversos ambientes, e, por algum tempo ficam próximas ao caixão, mas tendem a se espalhar pelas calçadas e terreiros das residências. Assim, se dispersam, tendo em vista que o caixão fica na sala principal e ocupa o centro da mesma. Na foto 02 que segue podemos observar que a filha fica durante muito tempo bem perto do caixão de sua mãe.

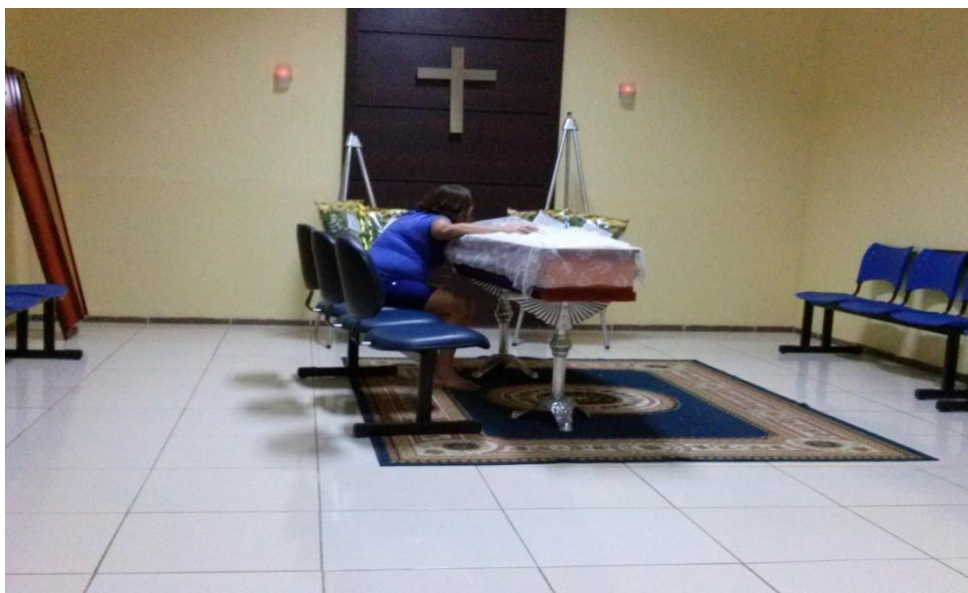


Foto 02. Velório de Dona Aurilene. Tirada em 28 de Maio de 2015 no Centro de Velórios AFAGU.

Quando o corpo é levado para o local do velório, várias pessoas já esperam a chegada e há um clima de comoção e de choro por parte dos presentes. Uma estrutura montada já aguarda o protagonista da história.

Hoje, no Crato, os velórios, em sua minoria, acontecem nas residências. A sala principal da casa, nesses eventos, é o cenário para a realização da cerimônia. A grande maioria dos móveis que ficam na sala é removida ou afastada e os objetos são colocados em outros lugares, cedendo espaço para o cenário onde se velará o corpo morto.

O espaço é montado para o espetáculo ritual. O cenário é composto pelo pano de fundo, pelo crucifixo, pelos castiçais, pelo livro de registro de presença e pelo caixão. Este conjunto sedimenta o espaço como o lugar de despedida do corpo morto. Todos que visitam o velório podem observar a presença de coroas de flores completando a ornamentação da cerimônia que tem início com pano de fundo montado pela empresa funerária. As flores são oferecidas por aqueles que desejam prestar uma homenagem ao falecido. O caixão fica bem no centro da sala e algumas cadeiras o rodeiam.

Observei, nos velórios que participei, durante o meu trabalho de campo, que em pequenos espaços de tempo as pessoas se aproximam do caixão e ficam contemplando o falecido por alguns segundos. No ambiente armado como cenário para o velório, as pessoas próximas e distantes que dele participam prestam sua homenagem ao homem ou mulher que se foi. Ao ente querido como parente ou como cidadão cratense. Nesse movimento, memorizam a última imagem antes do enterro e, acredito, levam para sua imaginação a ideia de que não terá mais aquele ente querido em seu meio.

Durante toda a cerimônia, seja na casa ou no centro de velórios, os presentes realizam várias orações, conforme serão detalhadas adiante. Fazem isso com a certeza de que estão contribuindo para uma boa passagem da alma do falecido para o “outro lado”, nomeação usada por uma senhora durante uma conversa em um dos velórios que participei. O ‘outro lado’ tendo o significado de uma nova vida para além da morte.

A estrutura de todos os velórios observados, com pequenas alterações de simplicidade ou riqueza dos objetos em cena, segue a mesma ordem. Pude observar que as empresas funerárias executam um padrão predefinido para a realização de seus serviços. Isso ficou nítido nas conversas que tive com os funcionários que são responsáveis pela organização dos velórios e com as auxiliares de enfermagem que prestam assistência aos familiares do sujeito que morreu.

Diante do exposto percebi, no meu trabalho etnográfico, uma mudança na estrutura dos velórios e no comportamento das pessoas. Antes, há cerca de 30 anos atrás, por exemplo, os velórios no Crato eram realizados apenas na casa do falecido, como já relatada em minha experiência. Atualmente, as funerárias dispõem de centros de velórios, onde a família do defunto contrata os serviços. As motivações para essas mudanças, no contexto urbano do Crato, podem estar vinculadas aos vários aspectos, sendo uma delas a praticidade dos cuidados com o corpo e com a preparação do velório.

A mudança ocorre ainda no que se diz respeito à contratação desses serviços, que pode ser feita em forma de plano funerário antes mesmo de a pessoa falecer. Nesse plano o titular

paga uma quantia mensal para usufruir dos serviços. Essa transformação acompanha o tempo e a dinâmica das coisas. Eu participava de um velório quando ouvi uma moça pronunciar a seguinte frase: “a Vida é que é plano, os outros são tudo sem futuro”, logo chega um casal e a mulher afirma: “a Vida é que é boa”. Acredito que fizeram essas afirmações quando se referiam aos serviços oferecidos pela empresa e, ainda, à satisfação de poder contar com serviços no Crato de hoje. A moça profere essas falas ao se deparar com os serviços oferecidos e que considera de qualidade, sobretudo pelo Centro de Velórios ter passado por uma reforma recente, oferecendo mais conforto aos seus contratantes.

O comportamento das pessoas que vão ao velório também está mudando, no Crato. Hoje, dificilmente, as pessoas vão aos velórios com toalhas e lenços para enxugar as lágrimas, e não agem mais com *escândalos*, beirando à histeria, ou seja, fazendo demonstrações performáticas de sua dor, como antigamente.

Essas práticas tradicionais podem ser observadas na pesquisa de Cândida Galeno (1977), intitulada *Rituais Funerários no interior Cearense*. Nessa pesquisa, a autora apresenta as atitudes e práticas rituais em cidades do Ceará no século passado. Principalmente quando as mortes só ocorriam no ambiente familiar, o corpo era preparado na própria casa, com a presença das carpideiras e o enterro realizado em redes sem a presença de caixões em covas de terra crua.

Espaços Funerários no Crato e Serviços Realizados

A organização das cerimônias fúnebres no Crato, assim como em outras cidades brasileiras, passa por instituições e espaços diversos, tanto na hora da contratação dos serviços, quanto na hora da realização do ritual de despedida e na hora do sepultamento. Os principais lugares observados são as funerárias e os cemitérios. Na hora em que uma pessoa morre a família segue logo em busca de uma empresa para organizar o ritual, pois sabemos que:

A morte se profissionalizou. A família transferiu o moribundo para o hospital que por sua vez o transferiu morto para as empresas funerárias. As estratégias mercadológicas dessas empresas subtraem o defunto de sua família mesmo nos casos raros em que esta esteja disposta a tomar por conta própria as providências necessárias. (RODRIGUES, 2006, p. 178).

Dessa forma, são as empresas funerárias que ficam responsáveis pela organização dos rituais de despedida. Na cidade do Crato existem três empresas que podem ser acionadas para a sua realização. São elas: a *Funerária Vida*, *Assistência Familiar Anjo da Guarda* e *Funerária Círculo Operário São José*.

Todas as três empresas oferecem diversos tipos de serviços, e cada serviço tem um valor cobrado à família para sua execução. Dentre os serviços realizados por essas empresas estão: a venda de urnas funerárias, a higienização do corpo, a tanatopraxia²¹, a ornamentação na urna funerária, a montagem da estrutura para realização do velório, assistência de enfermagem para os familiares do falecido, assistência em logística durante o ritual, a organização do cortejo fúnebre e da missa de corpo presente, das lembrancinhas que são entregues e, ainda, é responsável pelas providências burocráticas do sepultamento.

Os serviços podem ser contratados antes de a pessoa morrer através dos planos funerários, pagos mensalmente e o valor é cobrado de acordo com o total de pessoas que integram o plano.

Quando a pessoa que morreu faz parte de um dos planos, a empresa é contatada e inicia imediatamente a preparação do serviço. Se não faz parte de nenhum plano, a família fica responsável por contratar o serviço funerário imediatamente após a morte do indivíduo.

As famílias que possuem planos podem realizar o funeral no Centro de Velórios da empresa e as que não possuem podem fazer a escolha mediante a contratação do serviço.

No Crato, os parentes preferem cada vez mais a realização dos rituais nos Centros de Velório. Assim, na medida em que a morte passa a acontecer nos hospitais, os velórios também saem do ambiente da casa e vão para outros espaços.

Os planos dos serviços funerários são vendidos de porta em porta na casa das pessoas e existe uma tendência de crescimento dessas empresas na cidade com a venda desses produtos. É como um plano de saúde que as pessoas pagam mensalmente.

Atualmente pode-se pagar pelo funeral futuro quando ainda o contratante estiver vivo. “Rentabilizar a morte é razão econômica destas empresas. Multiplicam-se os objetos funerários, especula-se sobre os preços, utilizam-se sofisticadas técnicas de marketing e comercialização” (RODRIGUES, 2006, p. 179).

Uma grande campanha de marketing é realizada por essas empresas nos veículos de comunicação, carros de som, chamadas de rádio, anúncios em jornais, na internet e a criação de sites são responsáveis pelo impulso do mercado funerário no contexto urbano. As empresas responsáveis por esse mercado passam, a ser apresentadas nos anexos.

²¹ A tanatopraxia é uma técnica de preparação do corpo para o funeral, uma técnica que faz o uso de medicamentos que prolongam a decomposição do corpo morto. Assim, podendo o corpo passar muito tempo em um velório sem entrar em estado de decomposição.

O ritual fúnebre

De acordo com Gomes (2010, p. 147), “um ritual é composto de um conjunto de comportamentos mais ou menos previstos, com trajetórias padronizadas em começo, meio e fim”. O ritual fúnebre começa quando uma pessoa morre. Vale ressaltar que antes do corpo ser encaminhado para o velório há um processo de preparação e de higienização, antes de sua exposição.

A partir do momento em que se encerra a vida biológica de um ser humano, tem início o processo ritual fúnebre, com o manuseio do corpo morto e sua arrumação. Nesse início, o corpo é lavado, vestido, posto em um caixão e, de acordo com os costumes locais e a religião da pessoa e familiares, e, às vezes, seguindo pedidos oficiais do moribundo antes de morrer, se perfaz uma postura adequada para o corpo, para as mãos, para o que deve aparecer ou ser encoberto.

No segundo momento ritual o caixão é ornado com adereços e flores e, a seguir, levado para o local onde vai ser velado²². É nesse momento, quando o cenário está circunspeto de acordo com os costumes locais, que começam a chegar os primeiros personagens que comporão à cena ritualística da despedida. Assim, junto com os familiares próximos e distantes, acercam-se os amigos e curiosos.

Os velórios, é bom salientar, aqui, para acontecerem, necessitam do uso de um espaço que se torna o cenário dos acontecimentos. É nesse espaço armado que ocorrem as principais cenas do ritual de despedida dos mortos.

Tão logo o corpo morto é exposto, como já mencionado, as pessoas começam a chegar para prestar suas últimas homenagens ao falecido e para dar apoio aos familiares. Elas chegam, sentam e começam a conversar, depois são servidas as comidas: café, chá, biscoitos e outros. Dá-se início, assim, posso dizer, ao processo ritual de um velório.

Os rituais de despedida, segundo Gomes (2010) tem sua trajetória padronizada e, quando já em processo o velório, o ritual do mesmo, preenche um espaço temporal que tem o seu início, meio e fim, como já nos ensinou Van Gennep (1978), e como retrabalhou a cena ritual, - como um drama, - Turner (1974). O observador, atento ao ritmo em que se processa o velório, deste modo, pode perceber o desenrolar de todo ritual, e delimitar cada uma de suas fases, isto é, o seu começo, o meio, e o seu final, com o início do cortejo fúnebre.

²²Cabe salientar que, enquanto o corpo é preparado, o local onde será cenário do velório começa a ser preparado. O cenário, também será composto de acordo com as regras e costumes de cada localidade, credo ou crença local, e, às vezes, segundo ditames relacionados com o poder econômico familiar.

O início da segunda parte do ritual do velório começa algumas horas depois de o corpo morto estar presente e no centro do cenário onde se processa o evento fúnebre. De repente, em todos os velórios que assisti no Crato, começa a haver certo movimento entre os presentes e um aproximar-se, aparentemente espontâneo, deles, ao corpo que está sendo velado. É nesse momento, em vários velórios que acompanhei na cidade, que acontece a *reza do terço*.

A *reza do terço* geralmente é feita por uma pessoa ligada à Igreja Católica, na maioria das vezes também ligada à família. Essa pessoa é chamada, geralmente, de *puxador[a]* ou responsável por “*tirar*” o terço, como empiricamente é conhecido na região estudada. Esse processo é acompanhado pelos que estão presentes ao velório, em sua maioria recolhidos em torno do caixão.

O terço, enquanto objeto místico é simbolizado por um círculo feito de linha e preenchido por cinquenta e cinco [55] continhas. Na ponta final, um fio vertical separa a cruz em forma de um pingente do restante do círculo. Esse fio contém mais quatro continhas e uma imagem oval de Nossa Senhora.

Nos intervalos entre uma Ave Maria e um Pai Nosso, as pessoas iniciam uma oferenda a Deus, em forma de súplica, pedindo um bom encaminhamento para a alma do falecido. Ao pegar na cruz, a pessoa que vai “*tirar*” o terço faz o sinal da cruz, a seguir reza o Credo e, logo após, começa a *puxar* a reza. Começa pela continha logo depois do crucifixo, e reza o Pai Nosso. Depois, deixa de lado essa primeira continha, que é a maior, e prossegue nas outras três menores, que são as Ave Maria.

Daí procede ao *puxar o terço*: começa-se a rezar os mistérios (cinco Pai Nossos e cinquenta Ave-Marias), sempre com intervalos de súplicas pela alma do morto e sua recepção no céu. O terço é dividido em cinco grupos formados por uma continha maior (Pai-Nosso) e dez continhas menores (Ave-Maria). Antes de rezar cada Pai-Nosso, a pessoa faz menção aos seguintes dizeres:

“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre por todos os séculos amém”.

E depois, a oração:

“Oh meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu, e socorrei principalmente as que mais precisai”.

Finalizando a reza do terço com uma Salve-Rainha.

Após o *puxar o terço*, tem início ao processo de finalização do velório: a terceira e final parte do ritual. É o que chamo aqui de parte final deste ritual, antes do início do cortejo fúnebre até a '*última morada*' do falecido.

Nesta fase final, há a celebração de uma missa e, logo a seguir, o preparo final para o início do cortejo. De acordo com Reis (1991, p. 132), a necessidade da missa, no ritual católico que acompanha os velórios e funerais no Brasil desde a colônia, "o último ritual de despedida do morto do ambiente doméstico – ou pelo menos do seu cadáver, uma vez que sua alma podia retornar – era [para] a encomendação, feita pelo pároco à saída do funeral". Esse costume perdura em muitas regiões do Brasil, e na cidade do Crato, até hoje.

Além da reza do terço, que ocorre durante o velório, de forma ritmada, há também uma pessoa que comanda o ritual, falando a primeira parte das orações, enquanto os demais participantes fazem o coro²³ como resposta e rezam o restante. Acontecem ainda missas de corpo presente, que podem ocorrer tanto no ambiente doméstico quanto em Igrejas Católicas ou Capelas.

O ritual é uma necessidade e transcorre de acordo com as três fases acima relatadas. Prossegue, depois do fechamento do caixão até o cortejo para o seu destino final. Neste trajeto derradeiro, com o cortejo, finaliza o ritual fúnebre de despedida: é o momento do sepultamento do morto.

Esta última fase é de muita emoção. É o momento do fechamento do caixão, onde lágrimas e expressões comovidas de lamento e despedida são feitas por familiares e amigos do morto. Nessa ocasião, alguns homens, às vezes, algumas mulheres (embora poucas) se aproximam para pegar a alça do caixão e dar início ao cortejo.

Na hora em que o caixão vai ser fechado, antes do início do cortejo à última morada do falecido, as pessoas se aproximam para olharem para o morto pela última vez. As composições são comuns a todos os velórios que acompanhei durante a pesquisa. Nelas, os familiares tomam a cena e se aproximam para se despedir do seu ente querido. Alguns se debruçam no caixão, outros beijam a testa do morto, derramam lágrimas e algumas pessoas chegam a desmaiar.

O fechamento do caixão é uma das cenas mais fortes que observei em todas as cerimônias. É um momento final de acompanhamento social do morto com o meio em que está inserido, é a ocasião final de despedida, onde acabam todas as chances de estar perto de quem se

²³ Forma de repetição do que é dito.

gosta e se foi. “Meu Deus, por que tu fez isso comigo?”, “Por que levou minha filha? Tivesse me levado, Senhor”.²⁴

O caixão, depois de fechado, é colocado no carro da funerária e tem-se início ao cortejo. Durante o trajeto, algumas pessoas vão a pé quando o local do velório fica perto do cemitério e outras vão de carro e motos, se for necessário. Quando o velório acontece mais distante, todo mundo vai para o cortejo de carro e de moto. No Crato, assim, quando o velório acontece em algum bairro, na casa do falecido, e ou no Centro de Velórios Vida, o cortejo percorre as ruas do centro da cidade. Quando é realizado no Centro de Velório Anjo da Guarda, o percurso atravessa apenas a rua para chegar ao cemitério. Em todos os cortejos que foram por mim acompanhados, músicas católicas eram tocadas durante todo o percurso. Dentre elas se destacam *Noites Traíçoeiras*, *Segura na Mão de Deus* e *Gostava Tanto de Você*. Todo o percurso é feito em clima de comoção e tristeza.

Quando o corpo chega por fim ao cemitério, a sepultura já se encontra aberta. Algumas vezes, mas nem sempre, antes do corpo ser sepultado, os coveiros ou responsáveis pela cerimônia do velório abrem o vidro da tampa do caixão. Isso, porém, é uma quebra de protocolo e não acontece com muita frequência.

Após o fechamento final do caixão, com as pessoas em torno da cova ou da porta do sepulcro, quando em instância verticalizada, o caixão é colocado no seu devido local. É o momento ápice da cerimônia. Mais uma vez começa mais um grande murmúrio, quase um lamento, e um pequeno tumulto de pessoas que se aproximam do local onde o caixão foi colocado para sua morada definitiva, com choro, gritos e, às vezes aplausos e hinos religiosos, entre os presentes.

Choro, gritos e desmaios foram observados com frequência, durante a pesquisa, ao pé da sepultura. Alguns familiares jogam flores e jogam algumas mãos de terra no caixão, outros tantos ajudam os coveiros a jogar terra no caixão.

Quando a sepultura é totalmente fechada às pessoas começam a se dispersar. Com o final da cerimônia de despedida, cada uma vai para o seu lado com a sensação de ter cumprido a sua obrigação moral, isto é, a obrigação afetiva-moral do último adeus ao ente querido e de concretizar o destino adequado ao corpo morto. Nesse momento, com o final do velório, e o fim ritual do adeus, começa o processo de luto e de reintegração dos familiares no convívio social. É o momento que todos voltam para casa sem a presença de seu ente querido.

²⁴ Fala de Aparecida Silva que perdeu sua filha de 31 anos. Essas falas são muito comuns no momento em que o caixão está sendo fechado.

Os Velórios

Para compreender a preparação dos rituais do velório se faz necessário narrar alguns fatos por mim acompanhados e registrados. No caso do Seu Francisco, acima citado, este faleceu por volta de meio-dia, e, no finalzinho da tarde, fiquei sabendo do fato ocorrido.

Eu havia ligado para a Funerária Vida e a pessoa que atendeu ao telefone me informou que o velório iria começar por volta das dezoito horas, no Centro de Velórios. Segui para o Centro por volta das dezoito e trinta, quando lá cheguei o clima estava bem calmo e parecia que nada estava acontecendo.

Na calçada havia uma tenda azul montada com diversas cadeiras embaixo. Lembro aqui de Reis (1991) quando afirma que “na entrada da casa, capelas, ramos fúnebres ou panos cortinados avisavam os transeuntes sobre a presença da morte”. Na contemporaneidade dos velórios no Crato, sob a responsabilidade da empresa Vida, se pode perceber e atribuir às tendas armadas, de cor azul, esse aviso, relatado acima por Reis.

As tendas montadas indicam às pessoas que ali existe um ritual para um morto. Que a morte está ali sendo velada.

Esse costume tem se expandido no Crato, e já se pode vê-lo mesmo quando o velório acontece na casa do falecido e sua família. Arma-se uma tenda de cor azul na frente da residência, indicando que a morte está ali. As tendas são montadas para funcionar como estrutura de apoio, evitando com que as intempéries climáticas prejudiquem a realização dos velórios. As pessoas se organizam embaixo desse espaço e permanecem no decorrer do ritual.

Quando cheguei ao local do velório, o falecido ainda estava na sala de preparação do corpo. É uma sala subterrânea onde acontece o processo de higienização e de ornamentação do defunto para que se possa expor no velório.

Em alguns casos as empresas utilizam o próprio necrotério do hospital para realizar a arrumação do corpo. É um processo de limpeza, de maquiagem, de vestir o defunto com a indumentária mortuária que é escolhida pela família ou por ele, antes de falecer.

Nos casos em que a escolha dessa indumentária “(mortalha)” é realizada pelo falecido antes de morrer, existe um formulário próprio da AFAGU chamado de *Folha do Último Desejo*. Estes formulários são preenchidos logo no momento em que se faz o contrato com a empresa. Nele os clientes identificam os seus desejos para o momento posterior a sua morte: tipo de roupa, tipo de caixão, e nuances que devem compor o ritual de despedida.

Há ainda a ornamentação do caixão com flores. O corpo é colocado no caixão, sua cabeça é erguida e os funcionários colocam um forro (uma espécie de travesseiro por baixo), para

que a cabeça fique levantada. As mãos do defunto são colocadas uma entrelaçada com a outra. Feito esse procedimento, começam a disposição de flores sobre o morto, de forma que vai preenchendo todos os espaços descobertos no caixão. Essas flores, na maioria das vezes brancas são colocadas na parte de baixo do caixão e seguem até a cintura, um pouco abaixo das mãos entrelaçadas, outras são colocadas em torno do defunto, formando uma espécie de moldura. Finalizado o processo de ornamentação, o corpo fica pronto para exposição e visitação.

Vale ressaltar que os homens costumam ser vestidos de calça preta e de camisa branca, alguns adotam o uso de uma gravata, como foi o caso de Seu Francisco. As mulheres são vestidas com túnicas brancas. Em um dos velórios por mim acompanhado, a falecida trajava além da túnica branca o manto azul de Nossa Senhora e um terço na mão. Segundo sua filha, por mim entrevistada, esse modo do vestir e compor a sua mãe falecida tinha sido escolha da própria: “era promessa dela ser enterrada naqueles trajes”.

Na maior parte das vezes, porém, os defuntos são enterrados com suas roupas pessoais escolhidas para tal fim. A preparação do corpo é concluída assim que o defunto é colocado no caixão e que os funcionários da funerária fazem os ajustes finais na ornamentação.

Enquanto alguns arrumam o corpo, outros organizam o local para a realização do velório. No velório de Seu Francisco aguardei alguns minutos na calçada do Centro de Velórios e depois fui observar a sala onde seria realizado o ritual, pude perceber que as luzes já estavam acesas e também as velas simbólicas²⁵.

De acordo com Reesink (1995, p. 152) “A vela é um dos símbolos mais fortes e presentes do catolicismo, e, principalmente, dentro da tanatologia católica e popular”. A aproximação da vela com a morte é muito forte, especialmente a partir do seu significado linguístico. Na sua etimologia, vela “é um deverbis de *velar*, que por sua vez significa vigiar, vigilar” (REESINK, 1995, p. 152).

Da palavra *velar* também se origina outra derivação: velório. Assim, a *vela* é um objeto simbólico indispensável em um velório.

As velas se diferenciam em algumas cerimônias. Grande parte das pessoas prefere as velas de parafina, ou seja, as que contêm fogo vivo. Outros, no entanto, aceitam a utilização das velas simbólicas. No Crato, o uso delas é recente e acompanha as mudanças dos rituais de despedida.

De acordo com Peirano (2003, p. 33), os “símbolos rituais têm, portanto, vários significados, dependendo do contexto, o que leva Turner a enfatizar que sua natureza é polissêmica”

²⁵Tipo de vela que funciona ligada à energia, seu fogo é apenas uma luz que fica acesa.

(PEIRANO, 2003, p. 33). Utilizando esse ensinamento, durante a minha estada em campo, destarte, busquei observar a multiplicidade de significados em ação, como nossa tarefa nessa pesquisa.

No velório de Seu Francisco, como a complementar o intervalo antes do corpo ser liberado para início da cerimônia, na sala onde iria acontecer o velório, músicas católicas tocavam e imagens podiam ser vistas na televisão. Perguntei a uma funcionária da empresa, Ana Maria, se sempre se tocava as músicas e se elas percorreriam todo o ato do velório. Esta me respondeu “que tinha colocado as músicas sem autorização da família, mas assim que eles chegassem logo iria saber se continuaria ou se paravam de tocar, ou se trocaria o repertório”.

No ambiente, cenário onde iria transcorrer velório, uma mesa já estava arrumada com as garrafas de chá e de café. Assim, o local estava pronto esperando apenas o protagonista da história, Seu Francisco Gregório da Silva, de 70 anos.

Esse era o nome que passava em um painel luminoso de LED na entrada da sala. As músicas católicas continuaram depois que a família chegou ao local e autorizou.

Eu esperava na recepção a chegada do corpo na sala de velório, quando por volta das dezenove horas o portão se abriu e quatro homens de calça preta e camisa laranja conduziam o caixão fechado para o local destinado. Eu e Ana Maria acompanhamos os outros, tendo em vista que não havia chegado ninguém da família ainda.

Os rapazes abriram o caixão e eu e Ana Maria ficamos ao lado observando o corpo que estava coberto por flores brancas. As partes descobertas eram a camisa de manga longa branca e a gravata preta.

Ficamos lá por alguns minutos, sem a presença de ninguém da família. Logo a seguir chegou uma moça dizendo que era amiga do falecido.

Em seguida começou a chegar pessoas e logo pude perceber que eram os familiares. O início do ritual começou, então. No momento de chegada, todos passam pelo caixão, pegam na testa do morto e sentam nas cadeiras ao redor do falecido.

Em diversas situações algumas pessoas ao passar em volta do caixão fazem o sinal da cruz. Esse ato faz parte do ritual. É o ritual de olhar o morto. Nele, e de forma contínua de chegada, as pessoas fazem o sinal da cruz, põem o dedo na testa do falecido, e os mais próximos o beijam e ficam parados diante do defunto, a fazer uma oração ou apenas a olhá-lo.

Durante a maioria dos velórios por mim acompanhados, as pessoas se posicionam em determinados lugares. Os familiares mais próximos do morto, como é o caso dos pais, irmãos, filhos e cônjuges, por exemplo, tendem a se posicionar em volta do caixão. Quando o velório é

realizado em casa, colocam cadeiras e ficam sentados bem próximos ao corpo, e outros familiares, mais fragilizados, ocupam os quartos, ficando sentados ou deitados nas camas. No centro de velório, por sua vez, os familiares procuram ficar nas cadeiras mais próximas possíveis, enquanto os mais combatidos, ocupam a sala de repouso, que existe nesses lugares.

Alguns pensadores que trabalharam sobre os espaços de realização dos ritos fúnebres, deixam a perceber que a casa era o espaço principal onde se realizava o velório até o final dos anos de 1980, no Brasil. Isso também se deu no Crato, que se estendeu até quase o final dos anos de 1990. A escolha pelos Centros de Velórios se tornou mais frequente no município estudado a partir do início dos anos 2000.

DaMatta (1997, p. 136) nos ensina que no Brasil a casa “é uma dimensão social de onde todo universo social é ordenado sob uma determinada perspectiva”. Relações predominantes de parentesco, compadrio e amizade prevalecem nesse ambiente.

Mediante essa afirmação pude compreender que no Crato os entrevistados afirmam que os velórios que acontecem na casa podem fortalecer as relações entre os indivíduos que participam do ritual. Muitos, ainda hoje, preferem o espaço privado da casa para o ato de despedida dos seus entes queridos mortos. Por outro lado, convém dizer, que a realização do velório dos espaços públicos, como as centrais de velórios, tem crescido muito atualmente no Crato.

Acompanhei um velório cuja escolha do espaço da casa tinha sido feita pela família enlutada. As palavras proferidas pelo Padre encarregado de dar a benção ao corpo morto, conhecido por Pe. Edmilson, - fortalecem a escolha para realização do ritual na residência. Falou sobre a importância do velório em casa que, para ele, representa “[...] o aconchego, a família e a unidade. É uma tradição da família fazer velórios em casa, isso representa o amor que os une”.

Mesmo com todas as opções que crescem no mercado funerário, sobretudo nos serviços oferecidos nos Centros de Velório, ainda hoje no Crato, há quem prefira realizar seu funeral na própria casa.

Os Centros de Velórios, por sua vez, são recentes na cidade, e é um espaço que ultimamente tem crescido bastante na escolha pelos familiares dos mortos para realização das suas despedidas. Esses Centros, segundo alguns entrevistados, são escolhidos por ser um espaço mais confortável e que dispõe de boas condições estruturais.

As famílias que escolhem os Centros de Velório para a realização do ritual de despedida afirmaram, quando perguntados, que a opção tinha um sentido prático: o de não se preocuparem em organizar o ambiente da casa para realização da cerimônia pública de despedida, realizando o processo em um ambiente pensado e criado para tal fim.

Muitos disseram que deixando a preparação do corpo e todo o ritual de despedida nas mãos de profissionais, podiam melhor enfrentar a morte e a dor na despedida dos seus entes queridos, sem a preocupação da gerência direta do ritual.

A cidade do Crato, como já dito anteriormente, possui quatro espaços que podem ser utilizados com esse objetivo. O Centro de Velórios da Funerária Vida possui duas salas onde os rituais podem acontecer. A Assistência Familiar Anjo da Guarda dispõe de dois espaços: o primeiro fica localizado em frente ao cemitério público e contém quatro salas de velório e uma capela para realização das missas de corpo presente, o outro é a própria capela do cemitério Jardim Anjo da Guarda, onde algumas pessoas que sepultam seus mortos preferem realizar o velório no mesmo ambiente, e por fim uma sala de velório que integra o cemitério Nossa Senhora da Piedade. Durante a realização da pesquisa poucas cerimônias foram realizadas neste ambiente, acredito que pode ser por conta de o espaço não contar com boas condições físicas (Ver no anexo II a descrição desses lugares).

A organização do espaço e a disposição dos objetos que fazem parte do ritual seguem uma estrutura padronizada. Ao entrar no cenário, logo na porta principal, seja no Centro de velório ou na casa do falecido há sempre um livro de presença para coletar assinatura daqueles que participaram da cerimônia. O livro fica exposto em um pedestal de metal e é acompanhado de uma caneta. Nas páginas há espaço para colocar nome, endereço, telefone e em alguns ainda existe espaço para uma mensagem que queira ser deixada para a pessoa que morreu.

Quando o velório acontece na casa, a primeira sala é organizada para receber o corpo. Esse fato foi por mim observado em um velório que aconteceu no dia 15 de Janeiro de 2015 no Bairro Pantanal e em outro no dia 22 de Maio de 2015 no Centro da cidade.

Na sala foram colocados dois pedestais de metal como suporte para o caixão e dispostos sobre um tapete. Logo atrás um pano de fundo com a imagem de Jesus Cristo e uma mensagem.

Um ostensório com local adaptado para duas velas, em grande maioria das vezes atualmente, no Crato, são velas simbólicas ligadas na energia. Durante a pesquisa em apenas um velório pude observar que as velas eram naturais, ou seja, de parafina e o seu fogo era visto em chamas naturais. Neste velório específico, elas foram colocadas em quatro castiçais, apropriadas e dispostas nos quatro cantos do caixão.

Os demais espaços da casa ficam ocupados por cadeiras, sofás e as pessoas penetram e percorrem todos os ambientes da residência. Familiares debilitados com a perda ocupam os quartos e repousam nas camas, já outros, preferem ficar sentados e com as suas cadeiras bem

ao lado do caixão. Ainda do lado de fora da casa é colocada uma tenda de pano que acolhe as pessoas. De acordo com Reesink (1995, p. 60):

O que se observa é que estas práticas são realizadas mais por uma questão de tradição, de se ter aprendido desde criança, e também como um compromisso social mais do que religioso: a comunidade espera e prescreve que essas práticas sejam mantidas, mesmo que tradicionalmente.

A realização dessas práticas, através da montagem do cenário para o ritual de despedida, acompanha uma tradição que se perpetua ao longo do tempo. Os objetos fúnebres sempre foram utilizados e mesmo com a inclusão de alguns novos objetos, a maioria é utilizada da mesma forma que alguns anos atrás: as velas, os panos acortinados, a disposição das cadeiras e até mesmo o cafezinho que não falta em todas essas cerimônias (GALENO, 1977).

A mesma estrutura pode ser utilizada também no Centro de Velórios. Este, que por sua vez, já dispõe de um ambiente fixo, os pedestais ocupam as salas individuais de velório e, assim, como na casa, são colocados sobre um tapete. Por trás do caixão, se coloca um crucifixo, que ornamenta a parede. Ao lado dele, duas velas simbólicas complementam o pano de fundo, além dos suportes para coroas de flores serem colocadas.

Cadeiras são espalhadas por toda a sala onde acontece o ritual. Em um dos cantos da sala se coloca o livro para registro de visitantes. Quando o velório é organizado pelo grupo AFAGU, ainda são providenciadas lembrancinhas com mensagens ou *Santos de Luto* para serem distribuídos aos presentes (Ver Anexo III).

Ao ser concluída a organização do cenário, o ambiente já está preparado para dar início ao ritual de despedida, o velório. Segundo Reesink (1995, p. 92):

A palavra velório, termo luso-brasileiro, vem do ato de velar, olhar pelo morto durante as últimas horas em que passa no mundo dos vivos, em que os vivos protegem o morto para garantir que ele não se perca do caminho que leva da morte à outra vida.

Dessa forma, o velório “consiste na exposição do corpo do morto, já no caixão, para ser visto pela última vez pelos amigos, parentes, vizinhos” (REESINK, 1995, p. 92). Assim, as pessoas se organizam para olhar para seu ente querido pelas últimas horas e última vez.

É um ritual que atrai muitas pessoas, por isso concordo com as palavras de Rodrigues (1980, p. 56), quando afirma que o velório “talvez o ato mais íntimo da existência humana, é transformado em uma ocasião pública”. No Crato, é considerado um evento público, pois é aberto para visitação de todas as pessoas.

Dessa forma, compreendemos com Reesink (1995 p. 124) que

os ritos fúnebres funcionam para ajudar no restabelecimento social – sem que isso implique necessariamente numa visão funcionalista dos rituais, assim como pensa Malinowski, daí a necessidade de que o fato seja anunciado, para que haja a presença do público no privado.

A comunicação dos velórios na cidade do Crato é feita através de diversos meios. O meio mais utilizado são as rádios locais, que alcançam um grande número de pessoas. Uma novidade é a utilização da internet nessa divulgação. Através da internet se anunciam todos os velórios que estão acontecendo. O site²⁶ traz notícias de um modo geral, e apresenta uma coluna da Assistência Familiar Anjo da Guarda para comunicar a realização dos velórios, em uma coluna intitulada: “*Notas Fúnebres*”.

A presença das pessoas em um velório é vista como fundamental. No pensamento cratense, quanto maior o número de pessoas presentes no evento cerimonial mais chance ele tem de assegurar que os ritos sejam realizados a contento. A participação no velório de um grande número de pessoas representa prestígio do falecido ou da família, esse fato pode ser visto como uma das obrigações do mundo urbano cratense. De acordo com depoimentos de vários entrevistados, a garantia da presença é uma forma de garantir reciprocidade na participação dos velórios dos seus entes queridos. As pessoas participam do velório de outros, para que haja participação nos velórios dos seus.

Conclusão

Os rituais de despedida que culminam o processo de passagem da morte são observados no cenário da cidade. As pesquisas antropológicas no ambiente das cidades tem ganhado uma ampla dimensão e se desenvolvem no meio acadêmico através do conhecimento científico. A cidade é vista como cenário da morte e a realização das suas práticas, bem como as atitudes do homem diante do fenômeno.

As práticas fúnebres são realizadas no contexto urbano e apresentam mudanças diante as práticas que eram realizadas no passado. A organização dos velórios não fica por conta da família, pois atualmente são contratadas empresas que se responsabilizam pelos serviços de preparação do corpo, estrutura das cerimônias, missas, cortejo e sepultamento. Os velórios também não acontecem somente no ambiente familiar, podendo haver a contratação de espaços para a realização dos mesmos.

²⁶ Consultar site: (www.miseria.com.br).

Observamos as instituições que compõem a estrutura de morte e os caminhos que o corpo percorre até o sepultamento. Como por exemplo, o Serviço de Verificação de Óbito, Instituto Médico Legal, Hospitais e ainda as instituições que estão ligadas diretamente com a morte, como a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social.

Percebemos os serviços que são realizados pelas empresas funerárias no ambiente urbano, os planos oferecidos, estrutura, centros de velórios e demais serviços que essas empresas oferecem e que compõe esse cenário atual da morte. Os velórios são realizados em sua grande maioria nesses Centros de Velórios das empresas funerárias.

Pudemos observar também as causas das mortes na cidade e ainda os locais de ocorrência, sendo nos hospitais o maior número de mortes, confirmando a máxima de que não se morre mais em casa. Os espaços funerários, empresas e serviços realizados são elencados para uma maior compreensão do objeto estudado.

A partir desses elementos compreendemos as atitudes diante da morte no contexto urbano e todas as instituições e empresas que estão ligadas ao fenômeno. Os rituais de despedida são ainda permeados pela expressão dos sentimentos e pela significação de símbolos que comunicam a cultura diante da morte na cidade do Crato.

CÁP. 03. RITUAIS DE DESPEDIDA: EMOÇÕES, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

Os sentimentos, símbolos e significados são expressos e construídos através das relações sociais estabelecidas nas cerimônias de despedida que compõem os rituais fúnebres. Dessa forma, se faz necessário discutirmos sobre o lugar que eles ocupam nas atitudes dos sujeitos diante da morte e na construção desses rituais na sociedade.

Velório e seus símbolos - significados

O velório é também um momento de expressão da dor da perda através dos sentimentos. A expressão dos sentimentos no velório percorre todo o desenrolar do ritual. As pessoas sentem-se mais fragilizadas ao estarem diante do corpo morto de um ente querido.

Para Rezende et al (2010, p. 23) “[...] as emoções são consideradas qualidades essenciais dos seres humanos, no sentido de caracterizar um núcleo essencial do indivíduo que se manteria relativamente intacto apesar da intervenção da sociedade”.

As emoções são construídas pelas relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e se afloram do íntimo pessoal e individual, como já afirmou Mauss (1979) administradas e segundo regras culturais e sociais. É importante notar que “[...] quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, único, mais a dor é violenta [...]”. (MORIN, 1976, p. 31). A dor se torna mais forte para aqueles indivíduos que eram mais apegados ao morto.

No velório de Dona Aurilene, por exemplo, que aconteceu no dia 28 de Maio de 2015 no Centro de Velório Anjo da Guarda, pude observar que uma das suas filhas não saía do lado do caixão, passando a noite toda com a cadeira posicionada próximo à cabeça da falecida. Ficava debruçada em cima do corpo em alguns momentos, em outros o ficava alisando e chorava o tempo todo.

A proximidade da filha com a mãe fez com que ela não desgrudasse nenhum momento do corpo morto da genitora. Um dos irmãos me relatou que ela sempre morou com a mãe, que era solteira e também era responsável pelas atividades da casa e por cuidar da falecida, o que fez com que a dor da perda fosse sentida mais profundamente. “A dor provocada pela falta é sentida intensamente. A sua agudeza se reflete em todas as outras atividades do indivíduo. Este fica quase que paralisado em seu momento de tristeza” (REESINK, 1995, p. 136).

Os sentimentos são expressos durante o ritual, principalmente pelos familiares do falecido. É no cenário do velório que as pessoas expressam as emoções com mais frequência. “As emoções são consideradas fenômenos que acontecem no corpo, tanto na função de sua origem quanto também de suas manifestações” (REZENDE *et al*, 2010, P. 25).

Expressar a emoção e os sentimentos é algo que pode parecer incontrollável à mente. Quando a pessoa recebe a notícia de que um dos seus entes queridos acabou de falecer, tal comunicação torna o receptor da notícia mais vulnerável. Este, então, expressa um sentimento de tristeza, de chorar por alguém que morreu e que não verá mais.

“Não apenas o sentimento, mas também a expressão da dor regem-se por códigos culturais, constituídos pela coletividade, que sanciona as formas de manifestação dos sentimentos” (SARTI, 2001, p. 06). É a expressão mais íntima da dor que se espera durante um ritual de despedida por parte da coletividade. Há uma obrigação na expressão desses sentimentos.

Há um universo de significados que compõem os sentimentos expressos durante o velório. Existe um sistema simbólico onde são atribuídos os sentidos da morte. Observa-se um encontro em que as pessoas prestam solidariedade aos outros, reafirmando-se enquanto grupo, enquanto comunidade. O que permite, dessa forma, o restabelecimento dos laços e um ordenamento e coesão social. Segundo Neves (2004, p. 56-57):

A relevância do sistema pode ser observada nos velórios, quando os indivíduos próximos do falecido (familiares, parentes, amigos, etc.) se reúnem para homenageá-lo. Segundo Hertz (1978), esta reunião em torno do falecido garante a afirmação do grupo pelo fortalecimento das relações sociais e dos valores, regras e costumes. O sistema cultural de morte configura-se, portanto, como uma instituição de coesão social, expressa pela solidariedade entre indivíduos diante da morte.

Assim, durante todo o velório que assisti no Crato, os familiares geralmente ficam em volta do caixão, lamentando a perda da pessoa que morreu, falando coisas boas e contando histórias que envolvem o indivíduo quando ainda estava vivo, mesmo não aceitando o acontecimento. Essa foi uma das falas ouvidas pelo pesquisador por uma mãe que perdeu seu filho em um acidente automobilístico, a fala afirma a não aceitação da morte: “Meu Deus, por que você levou meu filho? Ele ainda tinha tanta coisa pra viver aqui na terra”.

É quando se houve que a pessoa está “inconformada com a morte”. É também em volta do caixão onde se vê o choro e as lágrimas transbordarem dos olhos das pessoas. Muitas vezes a dor parece ser tão forte que alguns desmaiam e passam mal diante do corpo morto. As pessoas que vão para os velórios, ao chegar, se dirigem imediatamente aos familiares, que na maioria das vezes estão próximos do caixão. Observamos ainda que nos velórios de indivíduos mais

jovens os sentimentos são expressos com mais força e o choro toma de conta de todo o momento do ritual.

Sentimentos e Emoções no Ritual de Despedida

No ambiente do ritual, estão os familiares e todos os atores que participam do funeral. Neste espaço, uns vão abraçando aos outros com o intuito de dar força e confortar a pessoa que está enfrentando a perda.

Os que vão chegando ao local dirigem-se aos familiares, abraçam, pegam suas mãos e proferem as seguintes frases: “meus pêsames” ou “meus sentimentos”. Alguns vão conversando, tentando confortar os outros. Às vezes escuta-se: “Deus só leva as pessoas boas e estava precisando dele (a) no céu”. Dessa forma, “a expressão dos sentimentos é uma linguagem, em que o indivíduo comunica aos demais aquilo que sente, em um código comum; nesse movimento, comunicando também a si mesmo suas emoções” (MAUSS *apud* REZENDE *et al*, 2010, p. 48). Nesse contexto, as pessoas dialogam em forma de expressão dos sentimentos, uns afloram o choro e os outros a solidariedade e o conforto.

Ao compreender os sentimentos como uma linguagem, podemos afirmar que “a forma de manifestação da dor precisa fazer sentido para o outro. Vivenciado e expresso mediante formas instituídas coletivamente, tal sentimento se torna inteligível para o grupo social” (SARTI, 2001, p. 06). Assim, expressar a dor é apresentar seus sentimentos para a coletividade, constituindo-se como uma obrigatoriedade dos fatos sociais. O grupo, por sua vez, vivencia tal comunicação simbólica expressa por meio da dor e internaliza como uma obrigação para uma realização posterior.

Dessa forma, de acordo com Rodrigues (2006, p. 41): “ao reforçar a ideia de que os sentimentos são ritualizados e socialmente propostos, observamos que tristeza, indiferença e alegria não são necessariamente sentimentos reais, experimentados pelos indivíduos, mas, antes comportamentos convencionais”.

Há algumas décadas atrás, por exemplo, no Crato, contratavam-se carpideiras rituais para expressarem um sentimento não real, aumentando a intensidade dos lamentos e as dimensões da tristeza socialmente obrigatória. Durante a pesquisa não foi identificado a presença de carpideiras, mas é um fato que se registrou na história da cultura fúnebre da cidade, segundo relato de moradores mais velhos.

Quando o velório vai chegando ao fim e o corpo está prestes a deixar o cenário fixo dos acontecimentos, o choro mais uma vez vira o protagonista de expressão dos sentimentos. O

corpo da pessoa falecida vai se aproximando do momento em que vai embora. Poderá surgir nesse processo de separação, dois sentimentos de ausência do outro (a solidão e a saudade). É chegado o momento do cortejo, algumas pessoas não têm condições de seguirem até o cemitério, outros seguem todo o percurso, participam da missa e vão até o local onde o corpo será depositado no local destinado para tal fim, momento em que os atores colocam a dor da perda pra fora com uma grande expressão de tristeza.

Em todo o desenrolar do ritual o choro vai tomando de conta de algumas cenas. Por outro lado, o riso se faz presente, principalmente quando o velório perpassa a noite inteira. As pessoas se reúnem fora das casas, em *rodas de contação*, ou na calçada do centro de velório. Conversam sobre diversos temas do meio social. Ouve-se muito falar em política da cidade, fatos que são noticiados nos jornais locais e nacionais, em crimes e acidentes que aconteceram recentemente. Relembra também os fatos que a pessoa falecida praticou em vida.

Um encontro e um reencontro de pessoas acontece durante o ritual fúnebre, figuras que há muito tempo não se viam e que a realização desse evento fez com que elas se encontrassem novamente, o que fortalece os laços e vínculos entre as pessoas presentes, e demonstra o sentido de comunidade através da sociabilidade nas interações do ritual de um velório.

É nesses encontros, onde as pessoas praticam atos desinteressados. Dando sua contribuição sobre sociabilidade, Georg Simmel (2006, p. 65-66) afirma que

tomando por base as categorias sociológicas, defino então a sociabilidade como forma lúdica de sociação, algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como obra de arte se relaciona com a realidade.

A sociabilidade é entendida a partir da relação da sociedade e o processo de sociação que é determinado pelo conteúdo e depende totalmente dos indivíduos entre os quais ela ocorre, não tendo propósitos objetivos, nem conteúdos determinados. Dessa forma, a sociabilidade é construída por esses atos desinteressados, sem uma objetivação específica e aparece nos momentos desprendidos no processo de sociação, que é construído pelas relações sociais dos indivíduos, em eventos específicos, nesse caso nos rituais de despedida.

O velório vai se prolongando e as pessoas vão buscando fazer algo para o tempo passar. Juntam-se a outras, formam círculos com as cadeiras, varam a madrugada no terreiro da casa ou na calçada do centro de velório. Existem casos em que acontece mais de um velório ao mesmo tempo no centro de velórios. Quando acontecem esses casos as pessoas se aproximam e se reúnem como se estivessem apenas em um evento único, se misturam e praticam atos de sociabilidade em comum. Assim, a sociabilidade permeia uma junção de pessoas de dois eventos diferentes.

Em um caso que vivenciei, observava dois velórios que aconteciam simultaneamente no Centro de Velórios Anjo da Guarda. Os indivíduos presentes dividiam os mesmos espaços, conversavam e se misturavam uns aos outros. Em uma das salas era velada uma senhora e na outra um senhor que aparentava ter bem mais idade. Conversei com alguns familiares dele que me confidenciaram que eram evangélicos e que estavam participando daquele velório apenas por obrigação de se despedir de um ente querido.

Um fato interessante me chamou atenção: por volta das três horas da madrugada três pessoas ainda podiam ser vistas como participantes do velório do senhor. As mesmas se deslocaram para a sala de repouso e deixaram o corpo do morto sem ninguém. Assim, enquanto na outra sala várias pessoas velavam a senhora, o corpo do senhor morto permanecia sozinho sem ninguém para velá-lo.

Durante esses rituais, em certo momento, começam a servir chá, café, refrigerante, bolo, caldos etc. As pessoas vão se deliciando com tudo que é servido.

Muitos velórios acontecem de um dia para o outro, sendo assim, o corpo é velado durante uma noite inteira. Chegada à noite, o público presente no velório começa a se dispersar e muitos retornam até suas residências.

No decorrer do ritual vão ficando somente os familiares e os que possuem uma relação mais próxima com eles e, também, as pessoas que possuíam vínculos de amizade com o falecido. Os que permanecem no local vão se subdividindo em grupos; que, por sua vez, são definidos pelas relações de proximidade das pessoas.

Os grupos são formados e já iniciam relações de sociabilidade entre os participantes. Percebi, no acompanhamento dos velórios durante o meu trabalho de campo, que as pessoas desenrolam diversas conversas, sobretudo em relação ao que está acontecendo na sociedade naquele momento e, muitas vezes, sobre o que o defunto realizou em vida.

No ambiente de um velório pode haver, e foi por mim percebido a construção passageira ou permanente, durante todo o decorrer do evento de *rodas de contação* de piadas e lorotas. Essas *rodas de contação* são, na maioria das vezes, formadas por homens que permanecem durante toda a noite conversando. Muitas vezes, percebi que o caixão com o defunto deixa de ser o foco do velório, e essas rodas de contação entram em cena como protagonistas.

Os velórios no Crato, segundo observei durante a pesquisa de campo e em conversas com pessoas mais velhas da cidade, têm tomando um novo rumo, com a chegada de novos modos de realizá-los, e o advento das centrais de velórios na urbe. Estive assim atento para perceber essa mudança e entender que os costumes são dinâmicos e mudam com o decorrer do

tempo, destarte, antigas práticas deixam de ter sentido ou vão sendo objeto de estranhamento pelos habitantes e consumidores delas na cidade: no caso, os consumidores do mercado e dos rituais da morte.

Segundo Koury (2003, p. 112):

A principal característica dessa mudança comportamental [no Brasil urbano contemporâneo] reside em um desapego crescente ao passado e as suas tradições, de um lado. E, de outro lado, um lançar-se a um novo modelo cujos hábitos, não de todo claros e não de todo incorporados, apresentam-se como constrangimento pessoal.

Além destas mudanças, com a introdução das centrais de velório, nos rituais de despedida no Crato são praticados, também, diversos atos com o objetivo de pedir um bom descanso para a alma do falecido. O campo religioso foi de fundamental importância no trabalho de campo para a compreensão e análise da morte e desses rituais no universo pesquisado. Para Reesink (1995, p. 33), assim, “qualquer visão da morte passa necessariamente pelo viés religioso, e dentro de toda a sua simbólica que também, e ainda, incorpora toda a simbologia fúnebre”.

Nos velórios católicos é muito comum acontecer a *encomendação*²⁷ do corpo do morto, quer por um padre ou por alguma pessoa religiosa. Na ocasião são realizadas diversas orações e se faz necessário a presença de velas, que são responsáveis para dar luz à alma para que ela siga o seu caminho para o bem.

A encomendação é realizada ao lado do caixão, na hora da missa de corpo presente, ou mesmo no ambiente do velório. Em um dos rituais observados, ainda na noite, eu estava sentado ao lado do caixão quando chegou o Pe. Edmilson e convidou todos a se levantarem e ficarem em volta do corpo. As pessoas iam atendendo ao chamado à medida que eram solicitadas.

Reesink (1995, p. 101) afirma que “quando há a presença do padre, a encomendação do corpo é realizada na sua forma mais ortodoxa, aqui se tratando do catolicismo institucional”. Dessa forma, no próprio ambiente do velório, que acontecia na casa da falecida, o Padre começou as orações pedindo o descanso para a alma de Georgina. Em sua fala expressou a importância do velório

O padre se posicionou aos pés do corpo e iniciou as orações, que eram respondidas e acompanhadas pelos demais presentes. Após as primeiras orações falou sobre a falecida, da sua história de vida, de sua tradição católica e sua ligação com a Igreja, pediu conforto e consolação para os familiares.

²⁷*Encomendação*, termo êmico, que significa encomendar a alma do morto a Deus, para que ele seja perdoado dos pecados e possa ter uma vida eterna ao seu lado.

Entoou em seguida um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, pegou um óleo e passou na testa e nas mãos da falecida e, depois, usando um recipiente com água benta e com algumas folhas fez o sinal da cruz jogando água sobre o corpo morto.

Finalizando o ritual de encomendação do corpo, convidou a todos para cantarem a Consagração a Nossa Senhora como forma de agradecimento da ligação e da devoção da falecida com Maria mãe de Jesus e todos começaram o cântico. Assim, o corpo e alma de Georgina estariam encomendados a Deus, segundo a crença católica.

Para Koury, em seu livro *Sociologia da Emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto* (2003), discutindo as transformações ocorridas nas etiquetas sociais e na agenda cultural sobre a morte e o morrer no Brasil contemporâneo, afirma que essas mudanças estão associadas também ao processo de constituição do luto na sociedade brasileira atual que é tratado através de um sentimento de vergonha e discrição. KOURY (2003, p. 27) se refere a esse sentimento como uma *emoção mascarada*:

A emoção do enlutado, o sofrimento resultante do trabalho de luto, assim, parece estabelecer-se para o indivíduo que a experiência como um sentimento envergonhado e, como tal, a atitude de discrição, enquanto comportamento público, deve ser buscada. A emoção é mascarada publicamente em indiferença e parece dar lugar a uma reciprocidade fragmentada, quase mercantil, onde a pessoa se move em planos desconexos que impossibilitam a manifestação social dos sentimentos e desencadeiam o medo social da contaminação.

Viver um processo de luto preocupa grande parte das pessoas que sofrem perdas de entes próximos na contemporaneidade. Os atores tentam viver esse processo de uma forma em que o meio social em que vivem não as rotule como pessoas histéricas, tradicionais ou ‘matu-ras’, ou, no seu contrário, como sem sentimentos. Esse processo ambivalente, desse modo, provoca um desempenho contraditório de não saber como se comportar perante os outros relacionais. A socialização da dor, culturalmente esperada, mas não dita expressamente, é assimilada como uma dor psicológica e não social. O luto sendo esperado ser vivenciado, então, sob uma forma discreta e com um sentimento retraído.

Diante disso, percebo uma mudança significativa no trato que é dado a morte no Crato de hoje. Esta mudança, principalmente, nos rituais fúnebres, nos traz elementos interessantes para serem analisados do ponto de vista da Antropologia das Emoções.

Através da análise das emoções como categoria central compreensiva (KOURY, 2009), foca-se o fato de que hoje há nos velórios a ocorrência de uma multiplicidade de sentimentos expressos, ao invés de um único sentimento, a tristeza, como previsto a partir do senso comum.

Na verdade, o que se observa é uma diversidade de emoções, especialmente, quando entendemos os rituais fúnebres como o momento de sociabilidade. Assim, cabe nessas ocasiões uma série de comportamentos que vão da expressão de tristeza ao de efusividade de reencontros entre amigos e conhecidos. Para compreendermos os dados da pesquisa, se faz necessário a narração de alguns rituais de despedida.

Participei de um velório no dia 20 de dezembro de 2014. Quando cheguei ao Centro de Velórios AFAGU o caixão estava em uma das salas do centro e em volta muitas pessoas da família lamentavam a perda. Logo, descobri que se tratava de uma moça de apenas 23 anos, Janaína era o nome dela. As pessoas presentes comentavam sobre o acontecido, relatando como tinha acontecido o acidente. A mesma havia ido acompanhada de seu namorado para uma festa em um dos clubes no Bairro Lameiro. Os dois beberam muito e voltaram de moto, acabaram perdendo o controle chegando a cair e a mesma veio a óbito na mesma hora, o namorado sofreu apenas escoriações leves. A conversa seguia e o velório continuava em clima de comoção dos que participavam. Lamentavam o acontecido e afirmavam que a causa da morte era a cachaça, por conta de dirigirem embriagados. Pude perceber a chegada de muita gente com flores para serem oferecidas à falecida. No fim da tarde, por volta das 16h o caixão foi retirado da sala e levado para a capela que fica ao lado do centro, onde foi celebrada a missa de corpo presente.

Na cerimônia, antes da benção final, o padre solicitou que fossem lidas as mensagens que acompanhavam os ramalhetes de flores, ato que foi realizado por um membro do coral. Posteriormente, pediu que os familiares se aproximassem do caixão, pois ali seria o momento da despedida e o mesmo seria fechado. Foi um momento de muita gritaria, a mãe se abraçava à filha e os demais beijavam sua testa e lamentavam o momento. Após o término da missa colocaram o caixão em um dos carrinhos móveis e dirigiram o corpo até o cemitério público que fica em frente ao centro de velórios. O carrinho subiu a rampa e foi até a entrada, momento em que os familiares e funcionários da funerária assumiram o controle do caixão e levaram até o local onde seria sepultado. Acompanhei até o momento em que o corpo foi depositado na cova e as pessoas entoaram um coro de choro, lamentação e desespero. Foi o momento onde observei os sentimentos serem expressos com mais força e veemência.

Outro velório que marcou a pesquisa aconteceu no dia 15 de Janeiro de 2015. O falecido, conhecido como Robério tinha 35 anos, era casado e tinha dois filhos. A morte foi causada por um homicídio quando ele estaria saindo de casa e foi alvejado à bala. Segundo o noticiário, o corpo ficou caído na calçada e logo em seguida foi levado ao Instituto Médico Legal de Juazeiro do Norte para ser periciado. Após a perícia o corpo retornou ao Crato e a família já o aguardava

com o cenário fúnebre montado na própria casa. O velório transcorria de uma forma calma e com poucos visitantes, acredito que por conta da forma que o mesmo morreu. Em cidades menores, a população fica com medo de visitar velórios das pessoas que morreram nessa situação, a não ser que sejam muito próximos. Pude me aproximar da mãe do falecido e escutei quando ela dizia: “eu sempre pedi pra ele sair, deixar de mexer com coisa errada, mas ele teimou e tá aí, o fim que ele levou”. Acredito que já era uma morte esperada, por conta da tranquilidade dos familiares e pela pouca visitação na cerimônia.

O que não deve se perder de vista é o fato de que, um ritual de despedida, é um lugar onde acontece e se realiza um encontro. Esse encontro é caracterizado, sobretudo, pela presença de familiares, de amigos e, também, fato não menos importante, de curiosos. Esses últimos, por sua vez, são atores sociais que engendram uma configuração específica ao ritual, e que não pode ser limitada ao simples sentimento do sofrimento.

A partir desses agentes o cenário que se configura é de um encontro que provoca para além de lágrimas e risos, a descontração. Não apenas por eles, mas os familiares como um todo praticam esses atos de sociabilidade. Nesse encontro, como dito acima, se realiza um reencontro de pessoas que se gostam, e não se veem há muito tempo, ocasionando assim, em alguns deles momentos de descontração.

É importante ressaltar aqui que todo ritual tem uma imagem que deve ser representada. Frente a isso, a imagem que o social espera de um ritual fúnebre de despedida, especialmente nos velórios, é a presença de sentimentos melancólicos, onde, nessas ocasiões é, de certo modo, inapropriado outros sentimentos que não estejam associados à saudade e solidão.

O que deve ser destacado faz referência ao fato que apesar de nesses rituais estar implícito esse tipo de desempenho, isso não impede de se ver representadas toda e qualquer manifestação de sentimentos. Assim, a sociabilidade nesses momentos produz também um cenário onde nem sempre as lágrimas, o sofrimento e a melancolia são vistas como protagonistas. Na maioria das vezes cabem a esses sentimentos apenas um lugar no cenário emocional.

A expressão dos sentimentos nas cerimônias de despedida permeia, portanto, todas as fases rituais que compõem as cerimônias fúnebres. A dor, a saudade e a tristeza são traduzidas através do choro, que faz parte do cenário de sentimentos que compõem esses rituais.

O ritual fúnebre é um ritual dos mortos. “O ritual dos mortos é uma prática social que tem como função, entre outras, a de dominar e integrar a morte no interior de uma sociabilidade dada” (KOURY, 2004, p. 01).

Permanecer com os mortos durante um determinado período, para que as pessoas visitem e se despeçam é deste modo, uma obrigação social. “Os rituais servem como uma espécie de doação da morte pelo social. Ela passa a fazer parte de regras sociais, ditadas pelo social e com uma função específica naquele social” (KOURY, 2004, p. 01-02).

Em cada cultura específica as regras dos rituais podem se diferenciar. Assim, “as ações, as reações, as atitudes e até os pensamentos, expressos em rituais e símbolos, não se apresentam de maneira idêntica em todos os lugares” (LOUREIRO, 2000, p. 82). Tomando a cidade de Crato, localizada no Sul do Ceará, como lócus empírico, observa-se que as práticas funerárias de despedida, realizadas nesta cidade, prosseguem a partir do velório, à missa de corpo presente, até o cortejo fúnebre e sepultamento. Estas são as cerimônias observadas na cidade, como, de certo, em todo universo ritual fúnebre de origem católica.

Esta cerimônia fúnebre se materializa, no meio social, a partir de diversos arranjos e símbolos que ornamentam a morte e que a ressignificam culturalmente ao longo dos tempos. Para Koury (2004, p. 03), nessa direção, “as flores, por exemplo, sempre tiveram um significado de ligação como o conceito de paraíso a um jardim, o jardim do éden”. Os mortos devem ser tratados com dignidade, uma vez que a prática social do ritual é uma forma de referenciar os indivíduos enquanto pessoas e uma forma de referenciar a si mesmo, “enquanto cidadão e enquanto família, e enquanto religião, e enquanto laços de amizades e vizinhança” (KOURY, 2004, p. 03).

O cortejo fúnebre

O ritual de despedida, porém, não se encerra com o velório. No final do mesmo os restos mortais ainda são levados para uma Igreja ou capela onde deverá ser realizada a missa de corpo presente. Reisink (1995, p. 104), nos ensina que

Depois do velório, é necessário então efetuar o sepultamento. Enterrar uma pessoa é colocá-la em seu último local de moradia. É a volta ao ventre da terra mãe para dali não sair mais. O enterro tem uma forte carga simbólica relacionado com o mito da mãe-terra, pois é importante voltar a ela quando não se pode mais viver sobre ela.

O enterro é o último cuidado dos vivos com os mortos, pois cuidar dos mortos é dever dos vivos. “É fundamental para os vivos enterrar seus mortos, para poder ter um lugar onde possa religar-se simbolicamente com o morto”. (REESINK, 1995, p. 104). O sepultamento é o momento final da separação do morto com os vivos, é o momento do corte e o pior deles, pois acaba todo o processo ritual de despedida, sabe-se que ali é a última vez que se está com o morto. O enterro é o fim desse processo de separação.

O cortejo começa com a saída do caixão do local onde o corpo está sendo velado, seja da casa ou do centro de velório. A preparação para a saída é a primeira vez em que o caixão é fechado, é um momento de grande comoção e desespero, pois se aproxima do momento final de despedida e desperta a compreensão sobre a *irreversibilidade* causada pela morte.

Inicia-se um grande aumento de choro e gritos. Acontece um momento de desordem até que se inicia o cortejo. “A separação é o momento mais dramático dos funerais, especialmente o instante em que o cadáver transpõe a porta da casa”. (RODRIGUES, 2006, p.45). Quando o caixão passa pela porta da casa ou sai do Centro de Velórios, os familiares iniciam esse momento dramático do cortejo até a última morada. Essas atitudes também puderam ser observadas no estudo de Cândida Galeno, sobre os enterros no interior do Ceará entre os anos de 1960 e 1980. De acordo com ela

Chegada a hora de sair o enterro, vem a despedida da família, ponto culminante da cena mortuária. A despedida é feita em geral com grandes choros, beijos, abraços no morto, lágrimas abundantes e exclamações que comovam os presentes. Há ainda a tragédia dos desmaios, dos ataques nervosos, remediados pelo socorro dos amigos, dos chás calmantes, da esfregação dos pulsos com álcool e, modernamente, com a aplicação de injeções sedativas, etc. (GALENO, 1977, p. 38).

As atitudes e comportamentos dos indivíduos diante da morte, sobretudo nos rituais de despedida, sofreram uma grande mudança, deste então. “DaMatta nos diz que, nos rituais, as sequências de comportamentos são dilatadas ou interrompidas por meio de gestos, pessoas, ideias ou objetos. A dramatização do cotidiano que ocorre nesse tempo faz surgirem novos significados”. (PEIRANO, 2003, p. 43). Os significados são elaborados de acordo com cada época.

Após a saída do caixão do local de realização do velório, tem início ao cortejo fúnebre até a Igreja ou Capela. O caixão é levado em um automóvel que dispõe de um som aonde as músicas escolhidas pela família vão sendo tocadas.

As canções podem ser escolhidas também antes da morte, diante da manifestação do “Último Desejo”, quando o funeral é organizado pela AFAGU. Durante o velório os visitantes levam flores para serem ofertadas ao falecido. Essas flores adornam o carro que leva o caixão no momento do cortejo. Os familiares vão segurando no transporte até o destino final do séquito.

Na frente do carro que leva o caixão, algumas pessoas abrem o cortejo com as coroas de flores. Logo atrás, uma ala de pessoas a pé é formada e, por fim, seguem as demais pessoas que acompanham a procissão de moto e de carro.

No andamento do cortejo os pés do morto vão sempre posicionados para a frente, pois “o cadáver fica sempre com os pés voltados para a porta da rua e quando é carregado o féretro conserva-se a direção. Sai para a sepultura pelos pés, ao inverso de como entrara no mundo”. (CAMARA CASCUDO, 1983, p. 15). Não só durante o cortejo – mas no velório, seja em casa seja na central de velórios.

O cortejo percorre as ruas da cidade até a Igreja. Durante toda a caminhada, as músicas vão sendo tocadas, algumas pessoas vão rezando. Observa-se muito choro e um semblante de tristeza em todos os presentes.

O cortejo indica que é a última vez que um indivíduo percorre as ruas da cidade, mesmo que sem vida. É um ritual de despedida que é praticado no Brasil desde os séculos anteriores, mas que ainda hoje se perpetua no interior da nossa cultura. De acordo com Sarti, podemos compreender que:

O mundo social existe apenas ao se constituir como sentido para os indivíduos que nele vivem. E, dialeticamente, os indivíduos só constroem o significado de suas experiências (inclusive da dor), mediante as referências coletivas. Não existe realidade social sem significado subjetivo para os que nela vivem, ao mesmo tempo em que o significado de cada ato individual, cotidiano e singular, só existe como produto do que lhe é dado viver na sociedade e na cultura às quais pertence. (SARTI, 2001, p. 04-05)

O cortejo é construído a partir das experiências coletivas que são internalizadas nos sujeitos. Toda essa realidade tem uma significação acarretada ao longo dos tempos. Dessa forma, os rituais de despedida são produto da cultura. Os cortejos pelas ruas, por exemplo, não são praticados em todas as cidades do Brasil. Nas grandes cidades, o cortejo já foi excluído, tendo em vista que os corpos são velados no próprio cemitério. Assim, o cortejo fúnebre se realiza como prática coletiva e essencial à manutenção das relações de reciprocidade na sociedade. As pessoas seguem até uma Igreja ou Capela onde será realizada a missa de corpo presente que se constitui como outro ritual de despedida.

Missas de corpo presente

Os católicos somam uma grande maioria da população cratense e um dos rituais de despedida que compõem a sua cultura fúnebre são as missas de corpo presente. A missa é um ritual tradicionalmente da religião católica. As celebrações são materializadas como momento final de oração, onde a alma do sujeito morto será encomendada a Deus. A religião católica acredita na existência da alma e que após a morte a sua passagem será feita para um dos dois lugares, céu ou inferno. Segundo os católicos, as orações contribuem para redimir os pecados da pessoa

que morreu e a sua alma seguirá para o céu ao encontro de Deus. Na visão dos católicos “A própria missa e as rezas funcionam como alívio para os sofrimentos daquelas almas precisadas.” (REESINK, 1995, p. 110).

Quando o velório é realizado no Centro de Velórios Anjo da Guarda, a missa de corpo presente acontece na capela do próprio centro e o caixão é levado em um carrinho mecânico até o cemitério que fica do outro lado da rua. Quando o velório acontece no cemitério Jardim Anjo da Guarda, a missa acontece no mesmo local e posteriormente, o corpo é levado até o espaço onde será sepultado (no mesmo ambiente). Durante a pesquisa pude observar a realização das missas de corpo presente em outros dois locais diferentes dos já citados. Em sua grande maioria acontecem na Igreja de Nossa Senhora da Penha (Catedral da Sé) ou na Capela do Cemitério Nossa Senhora da Piedade. As missas são organizadas e custeadas pelas empresas funerárias, pois a sua realização já consta no contrato dos serviços.

O cortejo chega à Igreja, aonde as pessoas vão entrando e o caixão é colocado numa estrutura de ferro que se encontra em frente ao altar central, o defunto fica com os pés virados para esse altar e assim permanece até o fim da missa. Os ramalhetes de flores que foram ofertados ao morto e que abrem os cortejos são colocados no chão do altar. Os presentes vão tomando suas posições em todos os espaços da Igreja, os familiares, por exemplo, sentam ao lado do caixão, ficando próximos do corpo. A missa é iniciada com a chegada do Padre e dos assistentes da celebração, onde é entoado o cântico de entrada. Em todos os momentos o Padre fala o nome da pessoa que morreu, afirmando que a mesma deverá seguir ao encontro do pai, ou seja, de Deus. Vale ressaltar que na ocasião das missas de corpo presente, a indumentária do padre é composta por uma túnica branca e por uma estola rocha, estolas nessa cor só são utilizadas em missas de morte.

As orações são comandadas pelos celebrantes e acompanhadas por todos os presentes. Em todos os atos a morte é elencada como fenômeno que finda o processo vital, mas a alma viverá na eternidade. As músicas são cantadas de acordo com a estrutura da missa católica. Esses cantos podem ser escolhidos pela família, pela própria equipe da funerária ou pelos celebrantes. São músicas que pedem a Deus pela alma do falecido, mas também conforto para os familiares que ficam e que enfrentam a vida após a morte de um ente querido.

O momento é também marcado por uma forte expressão de sentimentos e carregado de uma simbologia da religião católica. De acordo com Mauss:

Não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente, não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos,

mas fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não espontaneidade, e da obrigação mais perfeita. (MAUSS, 1979, p. 147).

A expressão dos sentimentos é marcada por essa obrigatoriedade, onde os indivíduos os expressam como forma de comunicar a dor da perda, mas também como uma obrigação social construída pela sociedade e pelo meio em que estão inseridos. Essa manifestação é marcada por ritos orais, através do choro, das lágrimas e dos gritos. “Estes ritos orais complicados e evoluídos só nos mostram em jogo sentimentos, ideias coletivas, e têm até a extrema vantagem de nos fazer compreender o grupo, a coletividade em ação, em interação [...]” (MAUSS, 1979, p. 149).

Dessa forma, podemos compreender a performance dos sujeitos que fazem parte do grupo que realiza o ritual através da construção de suas relações. É uma ação construída coletivamente e que nos faz tornar conhecedores das suas práticas diante da despedida de um ente querido. Compreendemos que se o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos frequentemente expressos por múltiplos meios, esta ação é performativa. É a partir dessa performance que interpretamos essa manifestação simbólica dos sujeitos.

A missa segue com a ação performativa dos sujeitos. O padre ao encerrar os procedimentos de uma missa comum, dirige-se até o caixão acompanhado de um assistente que leva consigo um depósito que contém água benta. O padre com um *Aspersório*²⁸ ou com um galho de folhas vai mergulhando no depósito e respingando sobre o corpo morto, fazendo as devidas orações. Esse é o momento da encomendação que é feita a Deus para que ele possa receber a alma do falecido no reino dos céus, perdoadando seus pecados e dando conforto aos familiares. Encerrada a encomendação do corpo, o padre passa a palavra para uma pessoa para que ela possa ler as mensagens que acompanham os ramalhetes de flores. As mensagens falam sobre o falecido e vêm assinadas por quem as enviou.

Finalizado esse momento o padre convida a todos para se dirigirem ao caixão, pois será a última vez em que todos poderão ver o ente querido. Esse momento é considerado com uma fase crítica do ritual. Todos verão o morto pela última vez, observa-se muito choro, gritos e há ainda algumas pessoas que desmaiam. Esse é o momento de fechada do caixão, o corte entre os vivos e o morto, pois ninguém poderá mais ver o seu ente querido. O caixão é fechado e todos começam a sair do local da missa, esperando o cortejo que seguirá até o cemitério onde acontecerá o sepultamento.

²⁸ Objeto utilizado para aspergir o defunto com água benta.

O enterro

O féretro sai da Igreja e segue até o cemitério onde será enterrado. Ao chegar ao local o túmulo ou a cova já se encontram preparados esperando a chegada do cortejo. Como relatado anteriormente, uma pessoa da família se responsabiliza para tomar os procedimentos necessários para o sepultamento no cemitério. De acordo com Rodrigues:

“O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminha na direção de seu lugar determinado, devidamente sob controle. Por meio de tais práticas, o grupo recebe mensagens que evoluem da insegurança ao sentimento de ordem e representam a maneira especial que cada grupo humano tem de resolver um problema fundamental: é necessário que o morto parta”. (RODRIGUES, 2006, p. 42-43).

É no sentido dessa afirmação que o enterro constitui-se como prática necessária para que se encerre o ritual de passagem do corpo morto. Dessa forma, é importante afirmar que quando é feito em *cova rasa*²⁹ o caixão é amarrado em cordas e o coveiro, com a ajuda de alguém que esteja presente, vai descendo até que chegue ao fundo da cova e se comece a jogar terra. A maioria dos presentes joga rosas e pega pedaços de torrão para que possam ajudar no sepultamento. Quando o enterro é feito no túmulo, o caixão é depositado na gaveta, onde alguns familiares jogam flores e em seguida começa a ser fechada com cimento.

Percebemos, nesse momento, uma grande alteração de comportamento dos sujeitos, muitas pessoas não suportam a dor da despedida final e chegam a desmaiar. Ao discutir sobre a dor, Sarti (2001, p. 11) informa que:

“Do pouco que se pode saber sobre a dor, sabemos que nela se revela, simultaneamente, a singularidade do sujeito, sua dor, a particularidade da cultura, na qual se manifesta, e a universalidade da condição humana, impossibilitada de fugir de sua realidade implacável”.

No momento final da despedida, ao expressar publicamente a sua dor, o indivíduo manifesta além de sua obrigação social, pois sabe que não pode fugir de uma realidade concreta e que a partir daquele momento a sua vida tem que seguir sem a presença do seu ente querido. É um momento de reagregação ao meio social na perspectiva de Turner, ou seja, é um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga.

Ao final do enterro são colocadas, por fim, todas as flores recebidas nos túmulos ou covas, algumas pessoas acendem velas. É um momento de silêncio onde os indivíduos ficam em volta da sepultura por alguns instantes para poder começar a se afastar vagarosamente. Em visitas posteriores aos cemitérios, pude ver que são colocadas placas com foto da pessoa que

²⁹ Cova na terra crua, rodeada apenas por uma estrutura pequena de alvenaria.

morreu nos túmulos e nas covas cruzeiros que indicam o nome do morto, a data de nascimento e a data do óbito. Em algumas covas pode-se ver plantas naturais que ornamentam seu entorno.

Vale ressaltar que “além do ato de sepultar o corpo do morto nos cemitérios, contemporaneamente e no decorrer da história, outros destinos foram dados ao corpo do ente querido, depois de realizado o ritual de velório. Entre eles, podem-se destacar a cremação e o embalsamamento.” (ISAIA & TOMASI, 2014, p. 19-20). Na cidade do Crato é comum a *prática do embalsamamento*, responsável por uma maior duração do corpo sem o mesmo entrar em estado de decomposição, a prática é realizada principalmente quando o falecido tem familiares que moram longe e que querem participar da despedida do seu ente. A cremação é uma prática não realizada entre os cratenses, por a cidade não dispor de estrutura para tal serviço, mas a região já conta com esse procedimento na cidade de Juazeiro do Norte, que está em fase de experimentação pela empresa AFAGU.

Os rituais fúnebres, especialmente em suas cerimônias de despedida, constituem-se como ritos de passagem, definidos como momentos relativos à mudança e à transição de pessoas e grupos sociais para novas etapas de vida e de status. Nos funerais predominam ritos de separação. Essa separação remete-se às condições sociais de todos os indivíduos inseridos nesse processo de mudança.

Por fim, consideramos os rituais de despedida como partes da estrutura social, que se interligam com as demais partes da estrutura e comunicam a cultura de uma determinada sociedade. Rosaldo (1991) afirma que, do ponto de vista clássico, a cultura é concebida como um todo autônomo constituído de padrões coerentes, e em contrapartida a esse ponto de vista ele diz que a cultura também pode ser concebida como uma formação mais poderosa de interseções, onde os processos se entrelaçam dentro dos limites ou para além destes. É neste sentido que afirmamos que os rituais fazem parte dessas interseções que traduzem a cultura. A cultura não é algo pronto, dado como diz o ponto de vista clássico, mas algo que vai sendo construído à medida que os fatos vão acontecendo, e que merece ser interpretada do ponto de vista antropológico.

Conclusão

As cerimônias de despedida comunicam a estrutura dos rituais que são realizados na cultura fúnebre do Crato. Os indivíduos se organizam e realizam as diversas fases que fazem parte da estrutura ritual da morte. Dessa forma, a partir das observações pudemos perceber a

dinâmica que permeia essa organização, bem como os sentimentos que são expressos durante a realização dessas cerimônias.

Os símbolos são usados como forma de atribuição de significados aos objetos usados dentro das cerimônias e são construídos pelos sujeitos que participam das mesmas. O velório, as missas, o cortejo e sepultamento agregam símbolos que comunicam a imagem da morte e a cultura fúnebre. As velas, as coroas de flores, os castiçais, livros de presença, imagens de Jesus Cristo são elementos essenciais para realização desses ritos.

A expressão dos sentimentos é percebida frequentemente, sobretudo por parte dos familiares dos falecidos. Dependendo do tipo de morte, eles podem ser expressos com mais força. No caso da morte de um jovem, a aceitação leva um tempo maior, as pessoas não aceitam uma pessoa jovem morrer repentinamente. Quando uma pessoa idosa que já estava doente morre, as pessoas choram e lamentam, embora tenha uma maior aceitação.

Os rituais fúnebres de despedida culminam o processo de passagem do corpo morto para “o outro mundo” e a reintegração dos familiares ao convívio social sem a presença do seu ente querido. A preparação do corpo, os velórios, as rezas, missas, cortejos e sepultamentos tomam uma nova dimensão e passam a acontecer não somente no ambiente familiar como há alguns anos atrás, mas são realizados a partir de serviços contratados e em ambientes particulares.

Por fim, as emoções, os símbolos utilizados e os significados construídos pelos sujeitos são apresentados como elementos que compõem todas as cerimônias que são realizadas para despedida do ente querido. A tristeza, o choro, a dor e a solidão são nitidamente observadas em todos os eventos que participamos.

CONCLUSÃO

A morte é parte de um ciclo natural, sempre acompanhou as civilizações desde seu início e segue o homem desde o seu nascimento. É o destino ao qual não se pode fugir. O homem, desde os tempos mais antigos, sempre se relacionou com a morte, atuando ou refletindo sobre ela. Cada cultura cria a sua própria maneira de agir acerca da morte, criando rituais, dogmas e crenças singulares. Porém, o receio e desejo de transcender a morte sempre esteve presente. Apesar disto, é vivenciada como o destino de toda a humanidade.

Nesse contexto urbano, os rituais de despedida, católicos e outros, alteram a sua forma com o decorrer do tempo, mas permanecem como eventos e cerimônias onde as pessoas prestam as suas últimas homenagens a um ente querido, expressando os sentimentos de tristeza e dor que se materializam com as lágrimas derramadas. Na situação em que predominam a despedida do falecido e o zelo com a família, há a expressão de solidariedade ou amorosidade com que o grupo presta socorro na última manifestação de solidão humana, e remete à percepção de que só a interação amorosa conduz a salvação do indivíduo ante o medo da morte, e embora essa salvação seja individual, o caminho passa pelo coletivo (CORDEIRO, 2009, p. 6).

Contudo o enfrentamento da morte pelas forças agregadoras que provêm do coletivo, frente aos sentimentos de tristeza provenientes da solidão existencial ou social, têm formas aparentemente paradoxais de manifestação, como é o caso da ocorrência do choro e do riso. Observa-se que algumas pessoas soltam gargalhadas e riem com as piadas contadas durante o evento, enquanto outros degustam as comidas e bebidas que lhes são oferecidas.

Essas práticas são o que fazem as cerimônias serem estranhadas e um primeiro sinal de mudança sentido, embora permaneçam as estruturas que o tornam padrão. Dentro dessa estrutura padrão segue o processo do luto, onde as pessoas permanecem em reclusão à vida social. Quer se faça coro no pranto, quer se esteja provocando o riso, amigos e conhecidos dizem com suas presenças nos rituais: “estamos aqui, juntos”.

As cerimônias são permeadas por nuances de interação entre as pessoas presentes nos velórios, que se transformam em relações de sociabilidade e que, sobretudo, apontam para o fato da cultura funerária nessa parte do Brasil ainda não aderir à morte contemporânea caracterizada pelo ocultamento do morto e eliminação de rituais fúnebres. Nesse contexto, os moribundos e os mortos não são entregues aos cuidados exclusivos das empresas funerárias, ou seja,

mesmo quando se faz uso de determinadas técnicas e serviços modernos de empresas funerárias, ainda são mantidos muitos dos costumes de antepassados misturados a inovações modernas, ou seja, em muitas vezes a família assume a parte burocrática dos rituais, fica por conta de todas as providências a serem tomadas, mesmo que tenham contratado os serviços para tal.

O ritual fúnebre além de ser um evento para expressar a dor e a tristeza, pode ser um momento de descontração com caráter festivo e de felicidade, ainda quando entre familiares predomina a expressão de seu sentimento de tristeza. A situação de sociabilidade gerada durante o funeral constitui um dos elementos da conservação de rituais na medida em que contribui para suprimir carências. Enfim, a experiência de observar um ritual fúnebre nos moldes desses que acompanhei, possibilita perceber a alternância de sentimentos de tristeza e felicidade e ao mesmo tempo relações de sociabilidade.

Um dos fatores observados nos rituais, também, é uma desigualdade social perante a morte.

É interessante frisar, contudo, que a igualdade promovida pela morte – “todos os seres são mortais” – não aplaca a desigualdade social. Os serviços utilizados, o caixão, as flores e a ornamentação podem traduzir sentimentos, mas refletem igualmente as diferenças na situação socioeconômica das famílias enlutadas. (HOFFMAN-HOROCHOVSKI *et al*, 2011, p. 1122)

Essa desigualdade é vista frequentemente no velório. Como relatado em algumas cerimônias observadas, sobretudo no ambiente familiar de classe média alta. Por exemplo, as flores naturais e artificiais que são ofertadas podem demonstrar a condição da pessoa que oferta. Os modelos dos caixões, os kits de alimentos e a organização do funeral em si. A quantidade de pessoas que frequenta as cerimônias diz respeito ao nível de influência que o defunto tinha na sociedade.

Essa desigualdade pode ser vista também nos cemitérios, onde podemos observar com facilidade essa diferença muito presente. São vistos túmulos desde os mais simples, onde a família não tem condições financeiras para construir algo belo para a última morada de seu ente querido e nem mesmo pagar pela manutenção, até aqueles que se destacam pela beleza e altura dos altares construídos, especialmente e cuidadosamente, para a morada final de toda a família, sempre bem cuidados e limpos. O domínio cemiterial do Crato é outro fator que acentua a desigualdade, uma vez que existe o cemitério público Nossa Senhora da Piedade, onde os locais para sepultamento são mais baratos, e o cemitério privado Jardim Anjo da Guarda, local mais estruturado que oferece serviços mais caros.

Enfim, compreendo que surgem mudanças significativas no trato que é dado à morte e aos rituais fúnebres em geral. A cada dia vão surgindo mais empresas que dão suporte técnico e assistencial às famílias. A morte, sobretudo o processo de luto, vai aparecendo como algo que é tratado de uma forma mais retraída e sem proliferação no meio social. Os velórios podem apresentar ainda, uma desigualdade perante o tratamento que é dado a pessoa que morre. São eventos, onde os participantes não expressam mais somente a tristeza. Os atores se reúnem, choram, riem e atribuem símbolos que ornamentam a morte, surgindo dessa forma a sociabilidade nos rituais fúnebres.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Felipe de Lima. **Entre o Choro, o Riso e os Ornamentos da Morte: A Sociabilidade nos Rituais Fúnebres**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais. Crato: URCA, 2013.
- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. In: **Sociedade e Cultura**. V. 10. N. 1. 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 4ª ed. Coleção tudo é história. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRUTO, Produto Interno**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/pib-o-que-e/platb/>>. Acessado em 04 de Agosto de 2015.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Anúbis e Outros Ensaio**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, MEC/INL: 1954.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2000.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1999.
- CORDEIRO, Domingos Savio A. **A morte em grupos de convivência de terceira idade**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ). Rio de Janeiro, 2009.
- CRATO. **Prefeitura Municipal do Crato**. Disponível em; <http://www.crato.ce.gov.br> acesso em: 28 de março de 2015.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os mortos e os outros**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1978.
- CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto. ‘O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues’. In: Nunes, Edson de O. (Org.) **A aventura sociológica**. RJ: Zahar, 1978, pp. 23-35
- DIAS, Mônica. A pesquisa tem “mironga”: Notas etnográficas sobre o fazer etnográfico. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. R. (Orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2007. v. 500.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução: Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EMERSON, Robert M; FRETZ, Rachel I; SHAW, Linda L. Notas de Campo na Pesquisa Etnográfica. **Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais**. N. 7. Crato: URCA, 2013.

FAVRET-SAADA, Ser afetado. **Revista Cadernos de Campo**, n. 13, São Paulo, USP, 2005.

GALENO, Cândida. **Ritos Fúnebres no Interior Cearense**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**: Ciência do homem e filosofia da cultura. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. In: **Ciência e Saúde Coletiva**. 2005, p. 357-363.

GUIMARÃES, Fabíola Veloso Menezes Montenegro. **Registros do Bem Morrer**: retratos mortuários e religiosidade em Juazeiro do Norte-CE. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES. Vitória: UFES, 2011.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha; RASIA, José Miguel. Rituais fúnebres em memórias de velhos. **Horizonte**, v. 9, n. 24, p. 1113-1130, 2011.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>> acessado em 08 de maio de 2015.

ISAIA, Artur Cesar; TOMASI, Julia Massucheti. Sepultando seus entes: Os Rituais Católicos de Morte em Florianópolis Na Contemporaneidade In: **MOUSEION**, Canoas, n.17, abr., 2014, p. 11-23.

JUSTIÇA, Conselho Nacional de. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/79686-entenda-a-diferenca-entre-certidao-de-obito-e-atestado-de-obito>> Acesso em: 06 de Agosto de 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**: O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Amor e Dor: Ensaio em Antropologia Simbólica**. Recife: Bagaço, 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura**. Curitiba, Ed. CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “**Por que as sociedades criam e conservam rituais envolvendo seus mortos?**” Diário de Santa Maria. Santa Maria, RS, 24 jan. 2004. Disponível em: <<http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com>>. Acesso em: 30 de março de 2013.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie-Agnés Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte**. Brasília: Editora UnB, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, nº. 49, p. 11-29, junho de 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril Cultural, Pensadores, Ática, 1976.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 4ª Ed. Coleção Primeiros Passos 150. São Paulo: Brasiliense, 2008.

MARTINS, Andréia de Sousa. **Plateias da Morte: discutindo o fim da vida em Comunidades e Velórios Virtuais**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFPB. João Pessoa: UFPB, 2013.

MARTINS, José de Souza. Anotações do meu caderno de campo sobre a cultura funerária no Brasil. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (orgs.). **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulis, 2005.

MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória de Sentimentos. In: OLIVEIRA, Nunes. (Org.). **Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, Marcel. 1974. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**, v. II. São Paulo: Edusp.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicação Europa-América, Biblioteca Universitária, 1976.

NEVES, Ednalva Maciel. Alegorias sobre a morte: a solidariedade familiar na decisão do lugar de “bem morrer”. **Caderno Pós Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, p. 55-74, ago/dez. 2004.

NEVES, Ednalva Maciel. **Da morte biológica à morte cultural: um estudo sobre o morrer em casa em João Pessoa**. Dissertação. João Pessoa: PPGS-UEPB, 1998.

OLIVEN, Ruben George. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORTNER, Sherry B. Teoria na Antropologia desde os anos 60. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 419-466, 2011.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Série Antropologia n. 130, Brasília: DAN-UNB, 1992.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PELÚCIO, Larissa. “No salto” Trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. R. (Orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2007. v. 500.

REESINK, Mísia Lins. **Morte, Católicos e Imaginário: o caso do Alto Reservatório, Casa Amarela**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Recife: UFPE, 1995.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2010.

RIBEIRO, Nádia Oliveira Vizotto. **O Novo Olhar Sobre a Cidade: Uma Perspectiva Histórica da Antropologia Urbana no Brasil**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFJF. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

RIEDL, Titus. **Últimas Lembranças: Retratos da Morte no Cariri, região do Nordeste Brasileiro**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

ROCHA, Ewelter. Cantar os mortos: Benditos fúnebres nas sentinelas do Cariri (CE). In: **Revista ANTHROPOLÓGICAS**. Ano 10, v. 17, p. 49-66, 2006.

RODRIGUES, Cláudia; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: Mary del Priore; Márcia Amantino (orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROSALDO, Renato. **Cultura y Verdad: nueva propuesta de análisis social**. Ciudad de México: Editora Grijalbo, 1991.

SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: **Questões fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

THOMAS, Louis-Vicent. **Antropologia de la Muerte**. Cidade do México: Fónido de Cultura Económica do México, 1993.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (Org.). **O Desafio da Cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980a.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

[illegible]

Anexo II – Principais Empresas que lidam com salas de Velório no Crato

Funerária Vida

A Funerária Vida é uma empresa de serviços funerários que compreende diversas cidades dos Estados do Ceará, Piauí e Pernambuco. Sua sede fica localizada no Crato, na Avenida Perimetral Dom Francisco, no Bairro São Miguel. Na sua matriz são realizados os serviços burocráticos e administrativos da empresa: serviços de floricultura, de vendas, servindo também como depósito para as urnas funerárias e, ainda, como Centro de Velórios para os contratantes dos serviços.

No Centro de Velórios da Funerária Vida existem duas salas muito modernas no que se diz respeito a objetos e logística para acomodação dos presentes. Cada uma composta por cadeiras de ferro e muito bem acolchoada, com almofadas vermelhas, e bem confortáveis. Um pedestal, que parece ser de acrílico, com ferro fixo no meio e, em uma das salas, como fundo, a tela de uma televisão que serve para passar músicas, fotos e vídeos dos falecidos. Na outra sala há uma grande imagem em relevo de Jesus Cristo. Em ambas, suítes para acomodação dos familiares que passam mal.

Atrás das duas salas existe um tipo de sala de espera composta por quatro cadeiras, um tapete e um centro ao meio. Segundo um dos funcionários, embaixo do tapete há uma porta que quando aberta dá acesso a um elevador que vem da sala de ornamentação.

Esse elevador foi construído há pouco tempo e deverá servir, conforme relato do informante local, para subir os caixões com os mortos, que serão velados no centro. Os caixões, atualmente, entram pela porta da frente.

Há ainda, no teto das salas, câmeras que podem ser utilizadas para transmitir, - mediante autorização da família, - o velório para o site da empresa na internet e que pode ser visualizado em qualquer lugar, bastando a família passar a chave de acesso fornecida pela empresa aos interessados. Lembro aqui da Dissertação de Mestrado de Andréia Martins sobre Velórios Virtuais em João Pessoa. No Crato esse aparato ainda é novo e durante a pesquisa não foi solicitado por nenhum dos contratantes dos serviços.

Funerária Círculo Operário São José

A Funerária Círculo Operário São José fica localizada na rua D. Pedro II, nº 68, no Centro da cidade. É uma empresa bem menor em relação às outras. Na sua sede pode-se observar um considerável número de caixões expostos, cada um diferente do outro em qualidade e em aparência.

Uma capela de São José, que abriga diversas outras imagens de santo, é a sala principal, e o lugar onde funcionam todos os serviços. A sala central funciona, ainda, como uma espécie de garagem. Nela se guardam dois carros, um do tipo blazer, e o outro que tem um equipamento de som na parte de cima, acredito que deve servir para realizar propagandas da empresa.

A Funerária é contratada pela Prefeitura Municipal do Crato, através da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social, para realizar os funerais das pessoas que integram a classe pobre da cidade e que solicitam o benefício eventual socioassistencial. Os serviços da empresa foram contratados mediante licitação realizada: foi a empresa que ofereceu menor preço, em torno de R\$ 660,00.

Para que o serviço possa ser realizado, para esse tipo de negócio, é necessária a autorização da coordenação dos benefícios, que funciona na Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social municipal. Órgão responsável pelo laudo que atesta a situação de vulnerabilidade social do pretendente. Essa solicitação na Secretaria só pode ser feita nos dias úteis.

Durante o final de semana, quando as pessoas necessitam do serviço, elas se dirigem à funerária, e solicitam a realização do funeral. O próprio dono da empresa solicita as informações do usuário e verifica se a família se enquadra no perfil de vulnerabilidade social instruído e coordenado pela secretaria, aos seus usuários prováveis, para a realização do funeral, que é composto pela liberação do caixão, dos apetrechos e dos serviços de assistência à família.

O proprietário me informou que a funerária conta hoje em média de 400 planos, ou seja, 400 famílias cadastradas com os serviços de planos e contratados. Informou, ainda, a realização de uma média de 100 serviços por ano.

O proprietário-informante relatou, ainda, sobre o serviço de tanatologia. Procedimento que é realizado na cidade. Para tal, ele contrata um serviço terceirizado de uma clínica de Juazeiro do Norte, que informa ser de boa qualidade em comparação aos realizados por outras. Diz que esse serviço é importante e tem que ser bem realizado, pois, já houve casos em que o enterro estava marcado para as 16 horas e, antes das 14 horas o corpo já tinha começado a entrar em estado de putrefação, mesmo tendo sido realizado o serviço acima citado. Isso devido ao calor local.

Assistência Familiar Anjo da Guarda - AFAGU

A Assistência Familiar Anjo da Guarda tem matriz na cidade de Russas-CE, e ramifica-se por diversas cidades do Estado do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Norte. Além dos serviços funerários realizados pelo grupo, as famílias assistidas pelos planos têm direito a descontos em serviços de saúde. O grupo, ainda, possui uma rede de clínica própria, chamada CLINIAFAGU. Uma clínica mais completa é localizada na cidade de Juazeiro do Norte e outra na cidade do Crato.

A clínica é uma instituição, ligada ao grupo, responsável pela realização de exames, consultas e acompanhamento médico especializado aos associados. Os serviços são oferecidos com descontos para os membros dos planos, mas, também, oferecidos com valor integral para toda a população.

No Crato a empresa funciona em dois locais, o primeiro é a sua sede administrativa, localizada na Rua Senador Pompeu no Centro da cidade. Este é o local onde se realiza a venda de planos, pagamento de parcelas e, também, onde funcionam os serviços burocráticos da empresa. O segundo local é a Central de Plantões e Centro de Velórios. Um espaço onde os funcionários trabalham em regime de plantão, para possíveis acionamentos e vendas de serviços para familiares de pessoas que vierem a falecer.

Quatro salas de velórios fazem parte desse espaço, além da floricultura, que completa os serviços realizados naquele lugar. Anexo ao Centro de Velórios existe uma Capela para a realização de missas aos clientes da empresa. Quando da escolha da família ao plano, o corpo não precisa passar em outra capela ou em uma Igreja, pois a missa de corpo presente pode ser realizada naquele mesmo local.

Ao entrar no Centro de Velórios percebe-se ao lado direito uma sala onde fica um funcionário de plantão, ladeado por telefones e um computador. Dali ele administra a realização dos serviços e mapeia em um quadro branco os serviços que estão sendo realizados naquele momento. Do lado esquerdo, se observa uma sala com características de administração, espaço onde ficam os dirigentes da empresa em determinados momentos.

Há ainda uma sala grande que abriga a floricultura Rayane, estabelecimento pertencente ao mesmo grupo.

Na recepção, sofás enormes compõem a logística do lugar, acompanhados de bebedouros e de garrafas de chá e café, que permanecem ali, mesmo sem estar acontecendo um velório no momento. Ao lado direito dos estofados, uma porta dá acesso à Capela. Do outro lado, um

espaço que serve como cozinha. Ao entrar mais a frente observa-se quatro salas de velório e uma sala para repouso dos familiares.

A Assistência Familiar Anjo da Guarda é formada também pela empresa Jardim Encontro com Deus, que vende serviços funerários na cidade e fica localizada na Rua Ratisbona, também no Centro da cidade. Ao ser criada, a Funerária Jardim Encontro com Deus era uma empresa individual, mas, depois, passou a integrar o grupo AFAGU.

Cemitérios

Os cemitérios são os lugares para onde são levados os corpos dos mortos e onde deverão ser sepultados. Dessa forma, “[...] o surgimento do cemitério moderno: retrato da sociedade, administrado pelos poderes públicos, aberto a todos os mortos, sem discriminação de suas opiniões religiosas, constituindo um campo neutro por onde todos os vivos e todos os mortos poderão passear”. (RODRIGUES, 2006, p. 160). É nesse contexto que podemos compreender os cemitérios da cidade do Crato e conhecer os locais onde os mortos dessa cidade são sepultados.

Nossa Senhora da Piedade

O Cemitério Público Nossa Senhora da Piedade fica localizado na Rua Nelson Alencar, S/N, no Centro da Cidade. No local existe uma sala de velório para as pessoas que lá desejem realizar o processo ritual de despedida.

Uma sala que serve como administração e secretaria e abriga toda a parte de documentação, também faz parte da sede. Na entrada principal do cemitério se observa uma Capela, onde são realizadas missas de corpo presente.

Ao entrar no cemitério pode-se ver uma imensidão de túmulos e covas que dão forma à estrutura principal do Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Os locais de sepultamento não têm uma dinâmica de organização, ficando os túmulos e covas amontoados no interior do lugar.

Cemitério Jardim Anjo da Guarda

O Cemitério Privado Jardim Anjo da Guarda é sem dúvidas um lugar sofisticado. Lá se enterram, prioritariamente, as pessoas com melhores condições financeiras. Os preços dos seus túmulos são mais altos.

Os cemitérios jardins ou parques têm suas características fundadas na “concepção cemiterial, com túmulos praticamente ocultos na paisagem, cercados de verde e flores, como em

um jardim” (CASTRO *apud* ISAIA & TOMASI, 2014, p. 19). Esses modelos foram criados inicialmente nos Estados Unidos e posteriormente expandidos para outros países do mundo.

O lugar com dois portões de entrada, o chão externo com piso de cimento, uma capela com piso de cerâmica, um altar elevado com piso de granito e uma mesa de mármore, atrás uma imagem de Jesus Cristo pintada na parede. O resto da capela é composto por cadeiras acolchoadas que ladeiam o suporte para colocada do caixão e bancos que tomam o espaço de mais ou menos uns quinze metros. Portas laterais dão acesso aos jardins do cemitério e a porta principal dá acesso ao portão de entrada.

O cemitério é composto por túmulos de cimento de uns cinquenta centímetros de altura, uns dois metros e meio de comprimento e um metro de largura, todos padronizados e organizados por alas. Podem ser observadas fotos que integram a parte superior do túmulo. No campo-santo, propriamente dito, as pessoas circulam tranquilamente, pois o mesmo é organizado por ruas que seguem um padrão.

Nos sepultamentos realizados no Jardim Anjo da Guarda o caixão é amarrado a uma engrenagem mecânica de ferro que desce com ele até o fundo do túmulo, em seguida uma placa de concreto desce na mesma engrenagem até o meio do túmulo deixando um espaço vago para cima e logo em seguida o túmulo é fechado com outra placa. Por fim, podemos compreender a diferença dos dois cemitérios existentes na cidade.

Anexo III – Folha do Último Desejo



REGISTRO DE ÚLTIMO DESEJO

Cliente: _____ N.º do Contrato: _____

☐ Associado ☐ Dependente CPF: _____ RG: _____

Endereço: _____ N.º.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____

Deseja que seja tocada alguma música em especial?

☐ Não ☐ Sim - Qual: _____

Deseja que seja usada alguma roupa em especial?

☐ Não ☐ Sim - Qual: _____

Deseja que seja levado a qual cemitério?

☐ Não ☐ Sim - Qual: _____

Deseja que alguém em especial esteja presente ao velório?

☐ Não ☐ Sim - Quem: _____

Deseja que alguém (Padre, Pastor, etc.) conduza uma das cerimônias religiosas no velório?

☐ Não ☐ Sim - Quem: _____

Deseja que seja usada alguma mensagem, em especial, nos santinhos ou que seja lida na missa, ou no sepultamento? ☐ Não ☐ Sim

Deseja que seu velório tenha uma duração específica, ou que seja em algum lugar especial?

☐ Não ☐ Sim - Quanto tempo: _____

Onde: _____

Deseja que seja feita alguma oração, liturgia ou algo similar no velório ou no sepultamento?

☐ Não ☐ Sim - Qual: _____

Deseja algo especial que não tenha sido colocado acima?

☐ Não ☐ Sim - Qual: _____

*Os desejos registrados neste formulário serão repassados aos responsáveis pela solicitação do serviço funerário sendo de responsabilidade da AFAGU apenas informá-los.